

BRANCO E NEGRO



A LUZ QUE ILLUMINA O MUNDO — (Quadro de P. Barthel)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 40

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Liesinhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarella, etc.
Illustrações de toda
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarregá-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HES-ANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 40

LISBOA, 3 DE JANEIRO DE 1897

1.º ANNO

VIAGENS NO EXTRANGEIRO LONDRES



BLADFRIARDS BRIDGE

Ah! Londres vê-se n'uma semana, mas precisa um anno para se perceber; basta Cremorn para nos absorver muito tempo o espirito, sem nos permittir pensar n'outra coisa. As mulheres fazem perdoar a Londres a sua tristeza, o seu orgulho, e a sua rudez grandiosa. E' que são bellas e poeticas como uma canção á *madona*, que se escute de longe a um gondoleiro, e que venha expirar languidamente ao nosso ouvido, trazida nas azas da brisa nocturna! Não se descreve aquella belleza depois de Byron; ha o que quer que seja de incerto e melancolico em similhante formosura; é o suspiro da vaga, é a respiração do mar, é musica azul, se a idéa do som póde applicar-se á côr.

Em Londres anda-se sempre de bocca aberta, ou para admirar ou para rir! Não ha meio termo ali: o que não é grande, é burlesco; exceptua-se o que é burlesco e grande ao mesmo tempo, — por exemplo, o inglez!

Se elles viajam tanto, se parecem dominados do espirito sonhador e inquieto dos que desejam ver, é porque se cançam de tempos a tempos do papel a que voluntariamente se condemnna, de representarem de homens cheios de etiqueta. O inglez não attende a essa famosa etiqueta, que tanto apregôa, senão na sua terra. Na sua terra, todos os escrúpulos de bom tom, todos os esmeros de vestuario lhe parecem poucos: na terra dos outros andam, como quem vae ao quintal; no seu theatro vel-os-heis de casaca e gravata branca, obrigando até os estrangeiros a vestirem se assim, ou a não lhes ser permittida a entrada; nos theatros dos outros paizes vão elles mesmos de casaquinho de riscado, calça de côr, gravata exotica, e chapéo de palha!

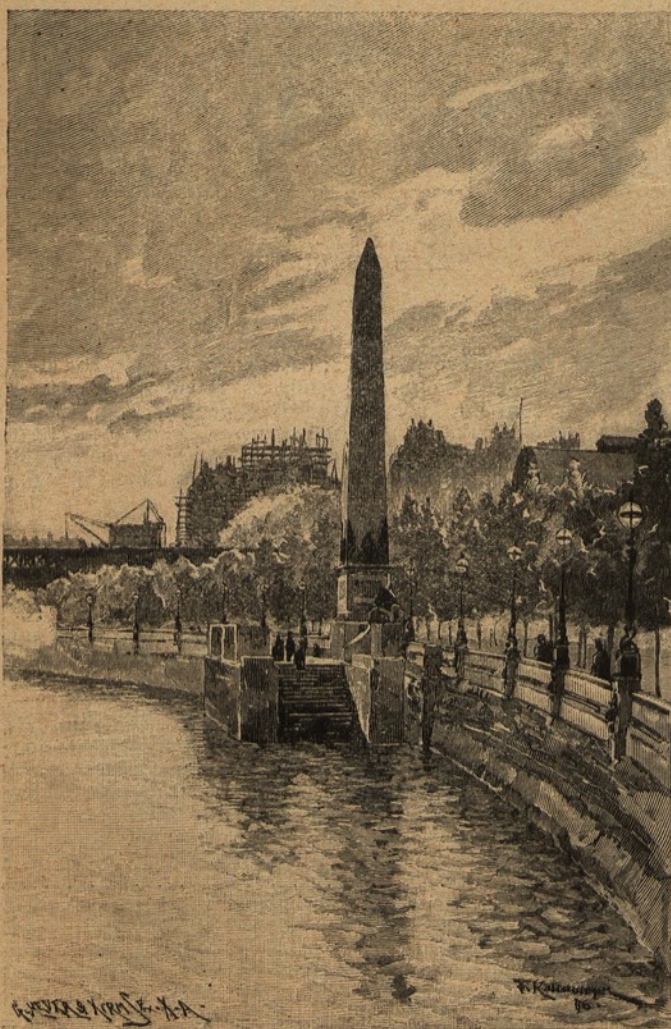
A sua alma que começa por se endurecer nos principios de uma religião sêcca e dogmatica, sente um dia, no centro das relações graves e positivas da vida social, a aspiração á phantasia. O sonho do que se ignora, do que se pressente sem se haver visto, do que se ambiciona admirar, vae lentamente minando na sua imaginação, com tanta maior força quanto o fastio da vida ingleza se torna maior. Chega uma occasião em que esses pobres homens sentem que é a hora inevitavel de partir ou de morrer; então, uns enfiam a tiracol a bolsa de viagem, e vão vêr o mundo; outros, como um actor que cáe ao atravessar o theatro, succumbem na flôr da vida muitas vezes, ao sôpro devastador do *spleen*.

Eu vi tão pouco da cidade velha, a chamada *city* de Londres, que ponho escrúpulo em lhes dizer, que vamos até lá ao sair de Westminster. A *city*, quanto eu fiquei sabendo, é o bairro populoso e commerciante da velha Londres, bairro que a boa sociedade não habita, por onde a boa sociedade não passa, que a boa sociedade quasi não conhece. Não sei por que leis e por que ajustes — porque tomei o apontamento d'isso ao entrar em Londres pela estação de *London-bridge*, e a velocidade do *cab* só me deixava escrever tão mal, que não consigo n'este momento ler o que escrevi! — a *city* é por tal fórma separada e independente da cidade nova, que ha uma porta, a chamada porta do Templo, *Temple-barr*, que a rainha não póde passar sem pedir licença á municipalidade.

Ha por estes sitios umas ruas estreitas, escuras, impossiveis, em que habitam serenamente alguns dos ladrões mais festejados; e a policia ingleza, que é a mais intelligente e activa policia que ha no mundo, tem o bom senso de não se fadigar debalde, e não andar, como os nossos beaguins, a passeiar todo o dia em excursões não encom-



NO ÉSTE DE LONDRES



LONDRES — A AGULHA DE CLEOPATRA

mentadas, para conhecer o espirito da sociedade. Lá fóra tracta-se de um homem quando é preciso agarrar o homem; mas, enquanto essa necessidade não se faz sentir, deixam-n'o ir vivendo, por peor que haja sido o seu passado, sem estarem em continuos sobresaltos para o não perder de vista. Por isso os ladrões, em Londres, enquanto ninguém se queixa, podem fazer o que quiserem; mas, em alguém dando parte d'elles, que se encommendem a Deus! Um dos entretenimentos a que são dados os habitantes de uns becos que por lá ha, é o de tosquiar cães roubados em Hyde-park e em Regent-park, para d'esta maneira lhes disfarçarem a raça.

Tambem ha por lá umas senhoras que se occupam em tirar a marca á roupa, e, naturalmente, não será roupa d'ellas; mas de tudo o mais galante são umas creancinhas, que se sorriem para nós, a quem a gente pede um beijo, abaixando-se, e que nos tiram o relógio com uma perfeição angelica!

Voltemos por S. Paulo, e voltemos depressa para irmos esta noite a Covent-Garden. Deante de S. Paulo pára-se, pasma-se, admira-se, mas não se extasia a gente; é enorme sem ser bello.

Está a igreja de S. Paulo entre *London-Bridge* e a porta da cidade, isso é no sitio mais animado e ruidoso de Londres. A vista amedronta-se ao fixar aquella montanha, que parece estar desafiando a basilica de S. Pedro em Roma. O *cicerone*, explicando a monstruosidade, faz-nos revelações curiosas, e diz-nos quanto custou, *penny por penny*, vintem por vintem, a edificação d'esta obra gigantesca, que parece aguentar sem esforço a fria magestade da cupula. O interior do templo é uma serie de maravilhas; as pinturas da cupula, que representam diversas scenas da vida de S. Paulo, são com justiça consideradas em Inglaterra como a expressão da sua melhor pintura. Dos lados do corpo da igreja tudo é cheio de ca-



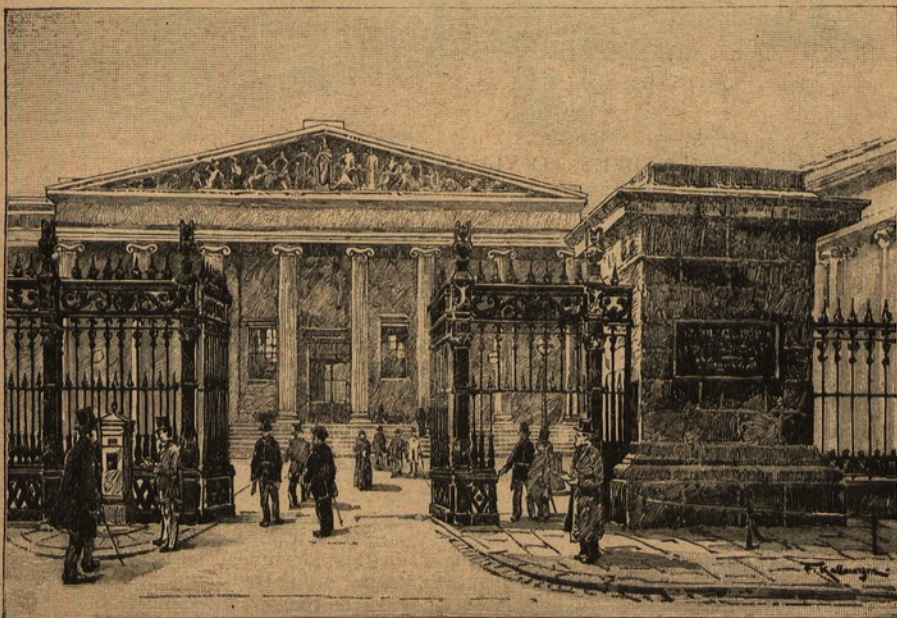
A TORRE DE LONDRES

peilas com monumentos funebres: são mais de cem tumulos em que ha para notar excellentes trabalhos de esculptura, de uma concepção fecunda e original.

O *cicerone* conta alguns casos historicos relativos á egreja, que não são destituídos de interesse. Diz elle, por exemplo, que o auctor das pinturas da cupula, que é um pintor arrevesado e pouco sabido, estava pintando, suspenso no ar, em cima de umas taboas, sem costas. Ao terminar a cabeça de S. Paulo em companhia de um amigo, quiz julgar do effeito que já produzia o seu trabalho, e, segundo o costume dos artistas, recuou para o observar em distancia. O amigo vê-o recuar, recuar, e estar a ponto de cair, porque chegara á extremidade da ultima taboa; então, sem soltar uma palavra, foi-se á cabeça do santo e deu-lhe umas poucas de pinceladas. O pintor cresceu para elle a segurar-lhe a mão, e o outro respondeu-lhe sorrindo:

— Estavas morto se não fosse isto!

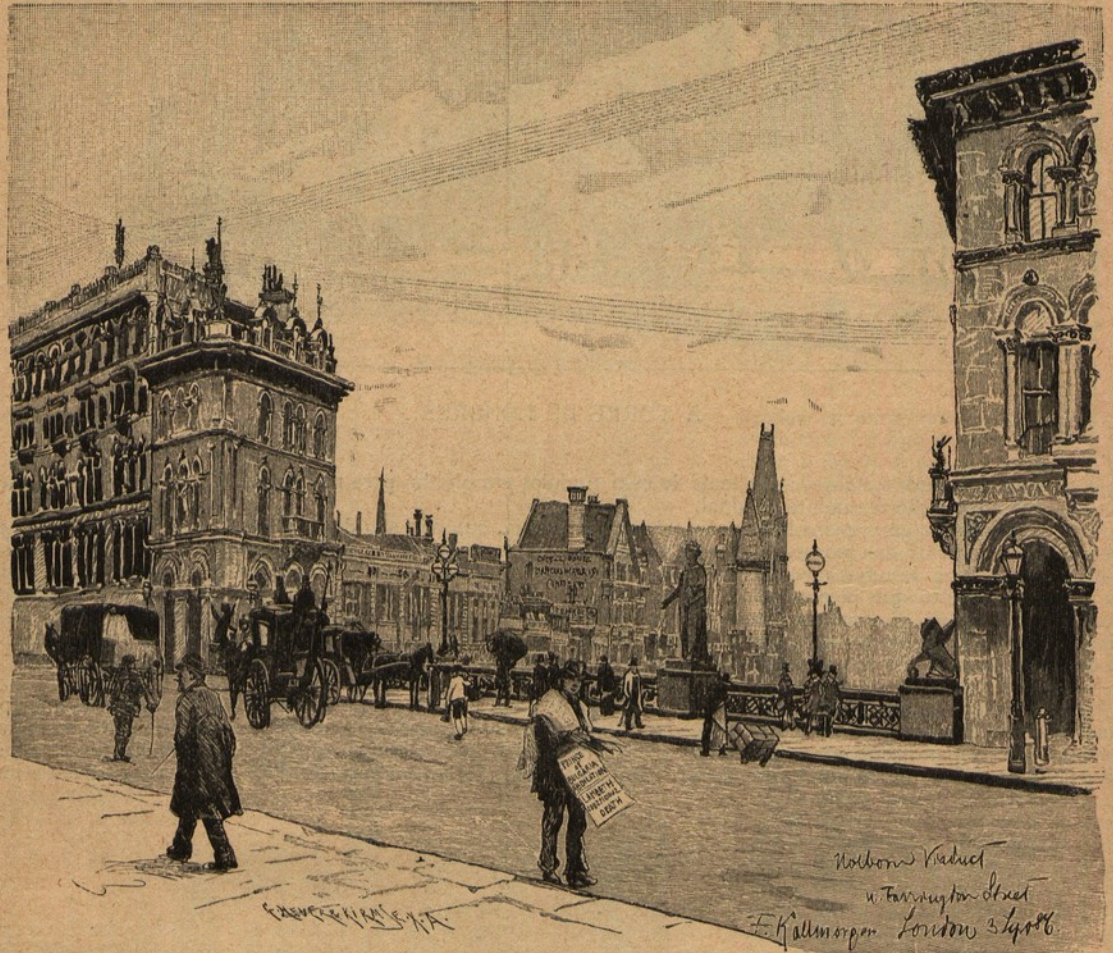
Vamos, porém, que é tempo, até ao theatro. O theatro, em Londres é uma necessidade para quem quer passar as noites n'uma sociedade morigerada e seria. Por menos sabor que se encontre n'uma representação ingleza, é preciso ir-se ao menos encontrar o ideal do actor Theodorico. São tetricos aquelles bons homens, e soturnos, e lugubres, como defunctos do anno antecedente; se não fossem tão gordos fazia-se d'elles fantasmas perfeitissimos.



LONDRES — O «BRITISH MUSEUM»

Deve louvar-se todavia o cuidado escrupuloso que prestam ao que fazem, a profunda attenção com que escutam os seus interlocutores, e o relevo que dão á acção que representam. Estão em scena completamente esquecidos do publico, seguindo o drama sem o perderem de vista, e restabelecendo por esta fórma a unidade que o andamento incerto do systema do theatro inglez poderia alterar. Os actores são uns homens enormes, de attitudes exageradas, physionomia de accentação desagradavel, gestos violentos, dicção brusca, e vestuario melodramatico. Os theatros de declamação em Londres vivem quasi todos de traduções e imitações de peças francezas; apenas em theatros de segunda ordem se representam constantemente as admiraveis tragedias de Shakspeare. O publico inglez, cujas fibras não se alimentam senão de *roas-beef* e de *porter*, precisa que lhe apimentem o appetite, e exige dos actores nas scenas de morte e de agonia uma verdade material, uma *exactidão do caso*, que em Portugal seria para largarem todos a fugir pela porta fóra.

Ha dois theatros lyricos, o de *Covent-Garden* e o de *Her-Magestys*: eu fui unicamente ao de Covent-Garden, por isso só posso fallar-lhes d'este. E' o unico theatro, de todos os que vi em França e em Inglaterra, que realmente me surpreendeu; muito mais rico de adornos, abrilhanta-se principalmente pelo prestigio que offerece o encantador espectáculo de estarem todas as senhoras em *toilette* de baile e os homens de casaca preta e gravata



LONDRES — O VIADUCTO DE HOLBORN

branca; perdoa-se depois de entrar na sala e de admirar o effeito esplendido que isto produz, a exigencia, um pouco seccante, de impôr ao publico a maneira de se apresentar.

Para os logares da primeira platéa ha sempre uma difficuldade enorme em alcançar bilhete, e a não os comprar nos armazens de pianos, muito mais caros que o seu preço, que já de si é um guineo, (uma moeda), torna-se preciso encommendar os com antecedencia de quinze dias. Eu fui na primeira noite para a segunda platéa, que é excellente, que impõe os mesmos rigores de traje, e que custa dez schellings (meia moeda): cantava-se o *Roberto do diabo*, de que já pela rua uns rap. zes que acompanhavam, correndo, a carruagem que me conduzia, me offereciam o folheto, introduzindo o braço pela portinhola, a gritarem: «Robert! Robert!» com uma tenacidade satânica digna de Bertran!

Chego á platéa; entrego o meu bilhete a um porteiro, ao passo que outro porteiro me abre o paletot, e me examina gravemente até estar convencido de que trago casaca.

Entro. Em redor de mim, adiante de mim, por cima de mim, na galeria, immensas casacas com gravata branca me contemplam. Nos camarotes as senhoras, em luxuosa e deslumbrante *toilette*, ostentam a alvura admiravel da sua cutis, que tem o poder de sobresair aos seus brancos vestidos de gaze; nota-se muitas flores, muitos diamantes, muitos enfeites, isto é: enfeites, diamantes e flores de mais; mas, a pouco e pouco deixa de haver tempo de olhar para outra cousa, que não seja a belleza de cada uma, belleza encantada, belleza indefinida e indescrivel, belleza de sonho, de visão ou de anjo. Ellas conservam-se bonitas, ó milagre! — mesmo encostadas brandamente ao parapeito do seu camarote, a deitarem inglez pela bocca, operação cheia de difficuldade, que obriga toda a gente a fazer caretas e contracções musculares indispensaveis á boa pronuncia!

Onde encontrou a natureza para lhe dar, aquella mascara de tanta pureza, tanta correcção e tanta vida, a que a paixão mais violenta não pôde alterar as soberbas linhas! Belleza de uma melancolia serena e suave como uma noite de verão!

Não as julguem frias, segundo o que se diz d'ellas. Frias são as francezas, porque são calculistas e *espirituosas*: as inglezas não fazem calemburgos, ali ter graça é ser formosa. Nem cuide alguém que são meninas educadas a fazer *sandwichs* para o chá: são amantíssimas da leitura, e dizem-me que geralmente são muito instruidas. O que eu sei e vi, é que teem o ar mais distincto, montam perfeitamente a cavallo, e são de uma finura de corpo que cuida a gente que vão a quebrar-se. O peor d'isto é que, apesar do seu tom débil e poetico, aquellas meninas comem dois arrateis de carne por dia!

Já, porém, corre para os lados a enorme cortina de seda que cobre o panno de bocca, e que se abre ao ultimo signal do chefe da orchestra.

Depois de uma symphonia admiravel, porque a orchestra é, além de enorme, magnifica, levanta-se o panno, e principia a opera de Meyerbeer.

Estão em scena Tamberlik e Formes. Pergunto a um inglez que está a meu lado e que me pediu desculpa em francez de me pisar... em inglez, isto é, com desastrada força:

— Este Bertran é o tal baixo profundo Formes?

— Exactamente.

— E' possível!

— Redondamente possível. E' um cantor experimentado, que conhece a scena e o publico, e que já não se inquieta por aquella, nem o assusta este. O tablado é a casa d'esse velho senhor. Por alli passeia, conforme está vendo, e de vez em quando digna-se illudir-nos, figurando-se moço pela voz.

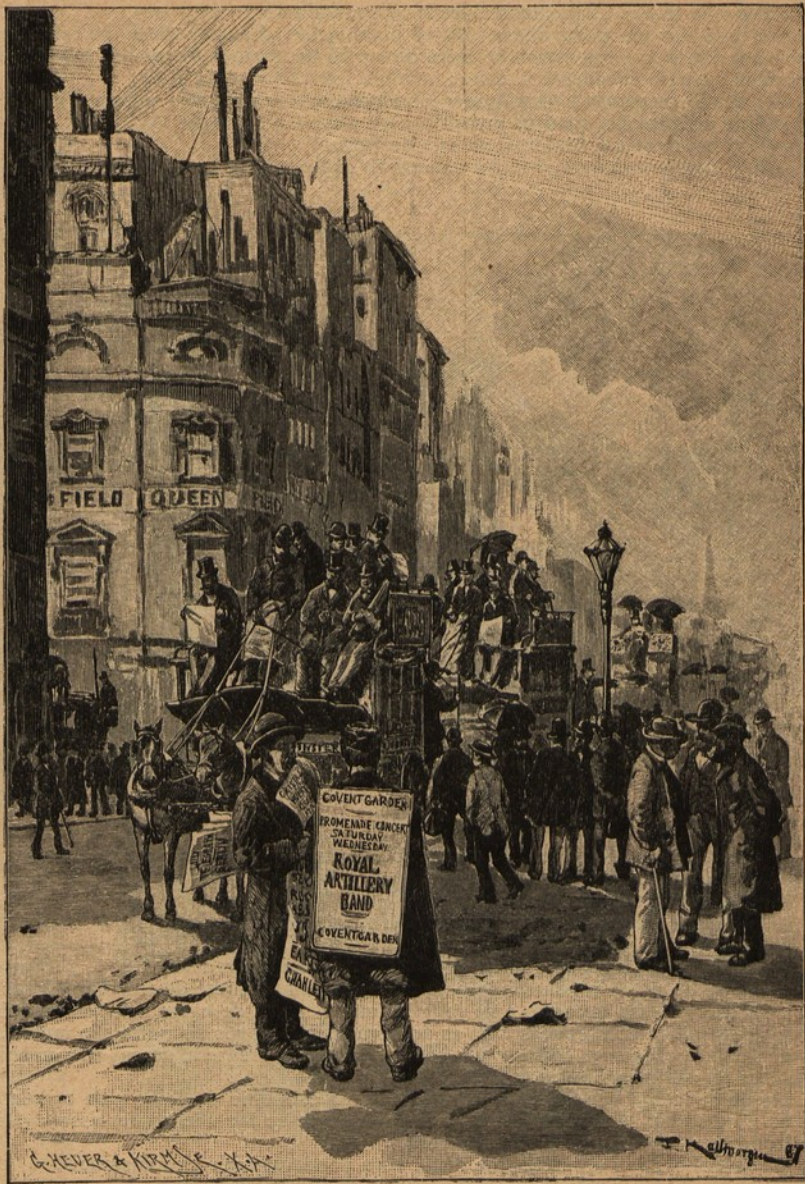
Este inglez era sincero. O baixo Formes illude tanto quando canta como quando está calado: é um artista completamente cançado, grande mestre, mas não dispondo senão de fraquissimos recursos para se sustentar; fórma a voz na bocca, e solta por vezes notas de uma extravagancia irrisoria. Os nossos fieis alliados, que teem completa ausencia do instincto musical, applaudem-n'o da mesma maneira quando elle é soffrivel e quando é intoleravel, e chegam a dar-se ares de entusiasmo quando o lyric ancião rompe em gestos cavalleirosos, dando pelo braço o que não pôde dar pela garganta, e parecendo pelo accionado atirar uma nota ao ar.

Emquanto a Tamberlik, deve dizer-se que é ainda um excellente tenor, sem ser todavia um tenor para phreneticos triumphos—senão no momento de soltar a sua famosa nota. Os inglezes adoraram-n'o por causa d'essa nota

— uma nota altíssima, a que ninguem chega, e a que chega elle; embora cante pouco o resto da opera, pedem-lhe apenas, e só exigem d'elle, que os favoreça com o supremo gozo do seu *dó* de peito, coisa que lhes faria *dó* a elles, pelo incrível esforço a que obriga o cantor, se elles fossem capazes de ter *dó* de alguém, em se propondo a applaudil-o em seguida! Quando Tamberlik esteve em Lisboa, devia ser um tenor divino; ainda hoje, para ser justo, devo confessar que dos mais famosos que aqui temos escutado n'estes ultimos tempos, Malvezzi, Mirate, Fraschini, Mongini, apenas estes dois ultimos me parecem comparaveis áquelle artista pelo gosto, pelo saber, pelo segredo supremo de não deixarem conhecer onde podem chegar, e onde já não podem, e principalmente pela segurança do methodo, que deixa brilhar os mestres até pela maneira porque se servem da voz que já não teem!

Era um Roberto cheio de paixão e de energia, phantastico e sympathico ao mesmo tempo, que soltava por vezes notas largas e vibrantes, e n'outras occasiões tinha a habilidade de se fazer admirar por *empalmações musicas*, prodigios de arte, que chegavam a valer bem a voz que supriam!

As damas eram a celebre Penco e a Battu; creio que a parte de *Alice* não é uma das mais favoraveis ao ma-



LONDRES — UMA ESTAÇÃO DOS OMNIBUS

gnifico talento da primeira; mas, em todo o caso, desenvolve-o n'esta opera mesmo de uma maneira brilhante; o campo de batalha não é talvez tão felizmente escolhido como n'outros *spartitos*, mas o valor da guerreira é o mesmo, e, apesar dos obstaculos, ganhou uma victoria gloriosa ainda! Na parte da princeza, a Battu pareceu-me uma bonita voz, e um lindo rosto, e foi applaudida na proporção d'estas duas condições, isto é, com as mãos... e com os olhos. Quando chegou o acto do cemiterio, julguei-me transportado a um sonho de fumista d'opio. Um bando allado de bailarinas se ergueu dos tumulos e voou pela scena. Nem o pastor Aristeo avistou nunca mais seductor enxame!

Eram mulheres bellas, de todas as nações, recrutadas caprichosamente pelo oiro despotico da Inglaterra; lá estava a franceza graciosa, que mostra o pé: mais a pallida italiana, que escolhe o amante pela largura de hombros: ali vi a ardente hespanhola que, quando o sol foge, allumia a terra com o seu olhar, e a allemã sonhadora, que conta ás estrellas os poeticos segredos da sua alma!

Era uma alluvião maravilhosa! Dir-se-hiam visões phantasticas do paiz dos lagos! Quando eu mostrei estranheza ao inglez que me estava ao lado, de ver as dançarinas tão pouco vestidas n'um paiz tão grave como o seu, respondeu-me esse excellente visinho:

- E então os *quadros vivos*, que o mundo tanto admirou, não saíram d'Inglaterra?
- Que me diz! Os quadros vivos!
- Estrearam-se em Londres, na sala de Roma!
- E o *cant* britannico admittiu uma mythologia vestida tanto á fresca!



LONDRES — A «WESTMINSTER ABBEY»

— N'este século de paletots era preciso não deixar esquecer a forma humana, e entendemos ser bom recordar de tempos a tempos a nossa anatomia!

— Entenderam muito bem!

— O senhor nunca leu a *Viagem na Suissa*, de Goethe?

— Já li.

— Lembra-se d'um pedido que elle faz ao seu amigo Frederico?

— De se despir, e ir passeando pela paizagem em costume de marmore grego...

— E faz por essa occasião uma reflexão mui sensata, de haver tido mil occasiões de admirar as bellezas da natureza, mas nunca combinadas com as do homem! Os povos do norte são muito dados a expedientes que tem por fim não deixar chegar as coisas a um estado em que a creatura, graças aos arrebiques da moda franceza, appareça com ares de animaes fabulosos.

Achei ser tempo de fazer um cumprimento a este filho d'Albion pela correnteza do seu francez, e aproveitei o ensejo. Elle sorriu-se modestamente, e ia calar-se, se eu lhe não confessasse a raridade que estava sendo para mim em Londres ouvir fallar a lingua franceza.

— Convido a sua attenção, me disse, para ponderar uma circumstancia.

— Da melhor vontade!

— E' que, sendo raro encontrar inglezes que fallem francez, é mais raro ainda encontrar francezes que fallem inglez!

— Tem razão! respondi, não podendo deixar de reconhecer justa n'esta observação, em que se revela o bom senso inglez.

Nos intervallos vae-se ao botequim consumir algumas limonadas gazosas, refresco muito estimado em Londres, ou beber *ale*, ou tomar gelados, que são muito mais bem feitos que em Paris: cada gelado custa um *shelling* e dois pences — dezoito vintens!

No fim do espectáculo, as senhoras, embuçam-se n'um manto vermelho, que algumas põem a tiracollo, e que sobre o seu trajo branco sobresáe como uma lingua de fogo: uma longa fila de carruagens estaciona na rua á espera do publicc, e cada qual, fazendo se transportar á sua casa, mergulha-se no silencio paavoroso das noites de Londres.

A maior impressão da minha vida estava-me reservada para a ultimo dia da minha estada n'aquella cidade, porque só no ultimo dia fui a Sydenham. Ainda n'este momento, ao escrever esse nome, a minha mão treme, e povoa-se de recordações a minha alma. N'uma manhã atravessa-se ali pelos seculos, pelos paizes, e pelas maravilhas de toda a idade. São jardins encantados, parques, salas, palacetes, por onde se vae cortando as epocas ate ao tempo fabuloso. Eis-nos em Babylonia, em Memphis, em Pompeia, na Alhambra, na Australia. Não teem assistido á representação de certas magicas, em que um personagem do vida real passa por todos os encantamentos que lhe ministra o poder de uma fada benefica, e depois de percorrer o mundo como principe, graças á flôr, á vara, ou á romã de con-



MONUMENTO AO PRINCIPE ALBERTO

póde ser-me dispensada a casaca que já metti na mala. Vou ás sete horas para a porta da rua, como toda a gente, aguento o apertão, como toda a gente, e vou lentamente pela escada acima levado nas azas da multidão ingleza, que são os cotovelos! O logar custa dois schillings e seis pences, seis tostões, e dá regalado commo : um inglez que está por traz de mim põe o pé em cima do meu hombro, o que ainda lhe dá melhor commo a elle : a orchestra rompe a alegre symphonia do velho Rossini, o panno ergue-se sobre o *Barbiero di Siviglia*, e, d'ali a um momento, Mario, o celebre Mario, o tenor dos tenores, o artista que tem inspirado tantas paixões na scena como nos camarotes, apparece embuçado no seu emprehendedor capote d'Almaviva.

Propuzera-me a ouvil-o, preparado pela curiosidade triste que se interessa pelos athletas envelhecidos, em quem o geito e a coragem substituem a força. Esperava uma agonia musical. Mario é o nome de artista, que sempre me produziu mais impressão, não só pelo que li do seu merecimento, mas do que ouvi da sua vida. Já de si este nome «Mario» me parece disposto a ficar de idéa a cada um. *Enfant gaté* da sociedade, as senhoras interessaram-se sempre por elle, e ao mesmo tempo, caso raro, os homens tambem. Mais bem pago do que quatro marechaes, viveu sempre como um rei, esse cantor que tem por tantos annos conservado a França e a Inglaterra suspensas aos seus labios, e cujo timbre de oiro tem feito vibrar as mais delicadas fibras feminis. Agora, cançado e velho, ha um pouco de tempo que leio os pregadores das gazetas musicas a pronunciarem-lhe a oração funebre, e ouço os gatos pingados do *dilletantismo* a lastimarem o seu defuncto dó!

Appareceu, porém, esse amoso e enterrado heroe, e foi como uma resurreição. Eu nunca ouvi em minha vida voz mais sympathica, mais suave, mais educada pelo estudo e pela experiencia. A *serenata* foi cantada com um mimo, elegancia e gosto, de que não ha memoria para mim, desde que oiço Almavivas!

dão, se encontra de novo na choupana da sua aldeia, e leva as mãos aos olhos, como para se convencer que os tem abertos, e que está vendo de novo o logar de onde partiu? — De onde vim eu? O que fiz eu? Onde estive eu? — perguntam estremunhados esses principes de phantasia; e quando a gente sae d'aquelle museu faustoso em que o mundo de todas as edades parece haver-se agrupado debaixo de um tecto de vidro, pergunta tambem a si proprio, hesitando em reconhecer a vida positiva no momento de entrar outra vez n'uma carroagem de caminhos de ferro: — Onde estive eu? O que fiz eu? De onde venho eu? — O palacio de crystal é a coisa que a Inglaterra tem creado de mais original, e a coisa mais original que tem creado o mundo; já vêem — que não poderia descrever-lh'o senão prejudicando as suas illusões, e deturpando o merito da maravilha por excellencia do nosso tempo.

Voltemos ainda esta noite a Covent-Garden, para ouvir — ou antes para vêr Mario; visto que, ao que se affirma, o mais illustre tenor que tem deliciado um publico está hoje tão velho e gasto que já não consegue fazer-se ouvir! — e amanhã ás oito horas estarei na estação Vitoria para partir de Londres.

Vou esta noite para os logares do amphitheatro, que correspondem aos logares de galeria no nosso theatro de S. Carlos; são os unicos onde



Columna de Nelson em Trafalgar-Square — Igreja de S. Paulo em Londres



MONUMENTOS DE EVORA — (Desenho de João Vaz)

MADAME RENAN

(EXCERPTO DO NOVO ROMANCE DE CAIEL)

ERAM perto de duas horas quando Vasco se apeiou radiante na rua Occidental do Passeio. A Josepha Tormenta veio correndo logo que sentiu parar a carruagem. E foi cheia de sorrisos doces que ella tomou conta dos pasteis de nata, louro-tostados, appetitosos, aspergidos de canella e grangeia.

Elle, mais cioso das flores agora que as tinha a porto de salvamento, não as quiz largar.

Subiu a escada aguentando melindrosamente o fardo precioso, todo elle cuidados. E ao mesmo tempo ia-se informando da saude de *madame*.

— A senhora não estava doente... mas talvez o sr. Mello a fosse encontrar um tanto abatida... De manhã recebera cartas de Lyon, e chorára... chorára muito.

— «Mas o quê?... Houve alguma novidade?» — perguntou Vasco, estacando alvoroçado.

— Saudades da filha, decerto — interpretava a creada encolhendo os hombros — Aquillo sempre era uma cegeira por aquella menina!

Vasco estugou o passo, mais ancioso agora por chegar lá a cima. Paulina veio recebê-lo á porta do gabinete. Elle apresentou-lhe as flores em silencio, envolvendo-a toda n'um olhar inquieto.

Nunca ella lhe parecêra tão idealmente bella, na imponente simplicidade do seu vestido luctuoso, os olhos negros nimbados de uma tristeza funda, a triumphante aureola dos cabellos dourados a divinisa-la quasi.

— «Que belleza! que encanto!» — exclamára Paulina, tomando com expansivo enthusiasmo o açafate de flores — «Mas, o que são? Ah! begonias... Realmente, não julguei que as houvesse assim... Que perfeição! que viço!... E que gentil lembrança!» — e estendia a mão a Vasco, muito commovida.

Arrebatado, elle tomou essa mão em ambas as suas; com galanteria, levou-a aos labios. E, logo, com terno despotismo: «Mas o que é que tem? Porque é que está com esses olhos? Eu não quero que esteja triste.»

Elle não disse nada. Caminhando apressada para a meza foi depor lá as flores. E ficou, muito curvada, como a observá-las miudamente. Depois, voltando de todo as costas a Vasco, tirou do cinto o microscopico lenço de renda e poz-se disfarçadamente, n'um movimento curto; a enxugar lagrimas que vinham, que teimavam em vir.

Elle só lhe via agora o *chignon* gracioso e o córte elegante da cinta muito delgada a contrastar com a linha dos hombros, esbelta, bem lançada; mas adivinhou-lhe aquelle pranto.

Inquieto, olhou para a porta por onde entrára. Occorreu-lhe então que a Josepha devia estar áquella hora, segundo instrucções que elle lhe dera, a acautelar os pasteis para uma surpresa ao jantar.

Foi abruptamente para a meza, e, tomando arrebatado a mão de Paulina:

— «Paulina, em nome de Deus, diga-me o que tem... Bem vê que isto para mim é uma tortura...»

Elle não respondeu; só tapou francamente os olhos com o lenço; mas elle sentira-a estremecer. Era a primeira vez que a tratava assim, familiarmente, pelo nome de baptismo; e fizera-o pondo no timbre da voz toda a intensidade da sua paixão.

— «Como é cruel n'esse silencio!» — continuou com a voz tremula — «Soffro immenso de vel-a assim afflictta... e não confia em mim!... não me considera bastante seu amigo para me dizer o que tem!...»

— «*Bientôt, bientôt*» — titubeou ella com a voz cortada. Depois, n'um arranco de dor intensissima, n'um grande desprendimento de alma afflictta que carece absolutamente de abrigo, sentindo-o tão perto, deixou pender a cabeça para o hombro d'elle, e ficou alli tranquillamente recolhida no seu pranto, na sua acerba angustia, como se aquelle homem lhe fosse um irmão querido, um protector natural.

Elle, n'uma grande attenção para ser irreprehensivelmente delicado, limitou-se a conservar apertada na sua a mão de Paulina, enebriado dos effluvios que partiam d'aquelles formosos cabellos de oiro, receiosos de qualquer movimento, como creança suspensa, temendo com a propria respiração pôr em fuga passario esquivo que lhe pouso perto.

— «Ai, como ás vezes faz bem chorar!» — exclamou ella, emfim, erguendo o lindo rosto afogueado. E sacudia a cabeça como se aquillo fosse cousa que se alijasse, que se lançasse fóra a sabor da vontade.

— «Se esteve bem, porque não fica mais tempo?» — perguntou Vasco timidamente, muito melancolico, sem lhe largar a mão.

Mas ella, soltando-se, n'um doce esforço que elle não quiz contrariar, sorrindo de um suave sorriso muito triste: «Desculpe estes nervos... *détraqués*... Vou pôr n'agua as lindas flores que me trouxe... E' preciso não as deixar murchar... e tambem sacudir isto de algum modo...»

— «Mas... tinha-me dito *bientôt*... fez-me promessa...» — lembrou elle desconsolado.

— «Sim... uma confissão» — obtemperou ella com o mesmo sorriso magoado — «Mas é preciso primeiro... tratar d'estas flores, bem vê... e tambem... ganhar um bocadinho de coragem» — e saía precipitadamente da sala levando o açafate.

Vasco ficou petrificado.

Era então precisa muita coragem para lhe ella contar a origem d'aquellas lagrimas? Santo Deus! Pensaria em partir? em voltar para o marido? para a filha?...

Oh! mas se ella assim chorava, era então certo que lhe tinha muito amor? que não fóra por simples capricho de mulher ociosa que o recebera ns sua intimidade durante um mez, acceitando tão simplesmente como elle lh'o impozêra o futil pretexto da mão deslocada?...

Quando Paulina voltou ao gabinete com as begonias graciosamente dispostas em dois alegres vasos de Thun, trazia a suave physionomia muito serenada, quasi sinceramente risonha.

Vasco estremeceu ante essa subita calma que lhe fazia crer muito penoso e muito grave o que ella tinha que dizer-lhe.

— «Lindas! lindas flores!» — vinha ella exclamando com enlevo — «De onde são?»

— «De Cintra» — pronunciou elle vagamente.

— «Ai! Cintra! encantadora Cintra!»

Depois de se quedar um instante pensativa, Paulina, indicando a Vasco um *fauteuil*, tomou a sua cadeira habitual perto da escrivaninha. Então, deliberadamente, como quem faz uma cousa muito custosa mas necessaria, passando duas vezes a mão pela face n'um movimento nervoso que lhe desalinhou os supercilios bem marcados: «Tive hoje cartas de Lyon... A prioreza do *Sacré-Cœur* dá-me longas noticias da minha Noémi... E tambem tive um bilhetinho d'ella, cottadinha!»

CAIEL.

O romance *Madame Renan*, cuja appareição vae constituir um acontecimento litterario, appareceu hoje á venda na Livraria do editor A. M. creira.



AMARES — BARCO DO BICO, nas margens do Rio Cavado

Das "Cinzas,, de Queiroz Ribeiro

PUNHALADA

I

Mandaram-me chamar... Levaram-me enganado...
Disseram-me: «Está mal!».
Mas não os entendia — e quiz, hallucinado,
Correr ao hospital.

Então, surgiste tu, apparição piedosa,
Lagrima da manhã!
Perola de luar em concha cor de rosa!
Amiga! mais que irmã!

Tu, que eu víra gemer, por uma noite escura...
Morta na mesma dor!
Vieste-me trazer o calix da amargura...
Anjo consolador!

Apenas murmurei: «Já estará sem vida?»,
Balbuciaste: «Já!».
E «Já» foi um punhal! Punhal és homicida!
Que monstro em tí não ha!

Rasga me o coração! Corta-m'o fibra a fibra!
Trespasa m'o! Destroe!
Embora aniquilado, inda soluça e vibra...
Porque *Ella* inda me doe!

Sinto gelar as mãos! A voz ficou parada!
Falta me a luz e o ar!
Fujam! Deixem-me só! Ninguem me diga nada!
Quero chorar! chorar!

II

Morreu longe de mim, dos filhos, da familia,
De quem tão bem lhe quer!
Não te sorriu, Gaspar! Não te beijou, Emilia!
Não vos fitou sequer!

Estaes orphãos de mãe! Faltam-vos as primicias
Do Sol primaveril!
Tornou-se-vos desterro a quadra das caricias,
O despontar de abril!

Já não vos guiará no mar que se encapella
E vós desconheceis;
Depois, buscando em vão cair nos braços d'ella,
E' que lamentáreis!

Desfez-se de improviso aquella sombra amiga...
O sonho que sonhaes:
Nuvem de aroma e luz, que ao longe se desliga...
E não se mostra mais!

O' Mimi! O' paixão, que eu nem talvez media...
Sim! que jámais medi:
Sabes que o mundo é mau... que a vida é tão sombria
E deixas-nos... Mimi?!!

Mas porque foi então que tu me não disseste:
«Anda comigo! Vem!»
Não sentes o luar? não ouves o cypreste?
Gostava de ir alem!»

O teu melhor amigo esqueceria tudo!
Não partirias só!
Porque foi? porque foi? Falla, cadaver mudo!
Dize! Não tenhas dó!

Mas eu endoideci! A dor não raciocina!
Perdão, meu Deus, perdão!
Só tu fazes nascer a lua crystallina...
Das trevas da afflicção!

A ENIERRAR

Fitam-me... calam-se... e vão fugindo... Porque será!
Digam! Não sondem!
O que me escondem?
Não me respondem!
— Ella onde está?

Flor do meu peito! Ceo dos meus olhos! Ar do meu ar!
Sinto... Adivinho...
Fico sosinho...
Morre c carinho...
Vaes a enterrar!

Choram os sinos!—Rezem, não chorem! Que expiação!
As badaladas
São punhaladas...
Facas cravadas
No coração!

Deixem ao menos que eu acompanhe! Que a vá seguir!
Que em doido enlace
A beije e abrace
— Talvez gostasse
De me sentir...

Talvez acorde... talvez me beije... me fale até...
E tenho um leito
Em que me deito...
Junto ao seu peito...
Alli ao pé...

QUEIROZ RIBEIRO.

SONETO

MOTE

Peccar, e não morrer, não é viver.

GLOSA

Eu vivi sem amar ao meu Jesus,
Eu empreguei no mundo o meu amor ;
Eu offendi ingrata ao meu Senhor,
Eu vivi n'este mundo, sem ter luz.

Eu já d'amar a Deus firme propuz,
Eu já quero seguir ao Redemptor :
Mas ay ! que não é firme a minha dôr ;
Ay ! que não é acceita a minha cruz.

Que não vivo, Senhor, posso dizer ;
Que não amo tambem posso afirmar ;
Depois d'ingrata assim vos offender.

Porque depois de uma alma assim peccar,
Viver, e não amar, não é viver ;
Peccar, e não morrer, não é amar.

(Auctor desconhecido).

THEATRO INFANTIL



Curiosidades scientificas

A ELECTRICIDADE DOMESTICA



Cosinha electrica

raio. Durante muito tempo, a unica applicação usual da electricidade electrica. A corrente è produzida por uma bateria de pilhas e circula ao longo das paredes em fios envolvidos em seda. Que simplificação, relativamente ás antigas campainhas, cujos cordões se partiam, e que se enferrujavam, e que, finalmente, recusavam tocar quando se queria fazel-as ouvir ao longe, depois de algumas voltas! Hoje não ha senão a pôr o dedo n'um botão e o som é ouvido a qualquer distancia.

A illuminação electrica exige uma outra installação. As lampadas alimentadas por pilhas nunca servem para illuminar. Foi preciso que a corrente fosse posta em condições praticas e por preços convenientes para que a lampada electrica fosse tomar o seu lugar ao lado do candieiro de azeite ou de petroleo e do bico de gaz.

As sociedades de illuminação electrica resolveram o problema, em todas as grandes cidades e mesmo em algumas mais pequenas; uma rede de fios subterraneos transporta a corrente de uma ou de muitas fabricas centraes ao longo de todas as arterias, e toda a gente pôde ramificar sobre a canalisação geral e tomar a corrente segundo as suas necessidades. As correntes das companhias de electricidade são sempre fornecidas por dynamos, que põem em movimento poderosos metaes. Podem ter grande ou pequena tensão.

Para a illuminação electrica empregam-se em geral as lampadas de incandescencia, alimentadas por correntes fracas (100 a 200 voltas). As lampadas de arco, que são de frequente uso nas escolas, nos ateliers, etc., têm pelo contrario uma corrente muito mais forte (2:000 voltas e mais). E' prudente tomar grandes precauções quando se empregam essas correntes de tensão extraordinaria. A corrente de 500 voltas já é perigosa para os animaes, principalmente para os cavallos ferrados, e essa tensão de 500 voltas é a usada nos tramways de fio aereo. O homem supporta-a muito bem; a 2:000 voltas, elle começa a ser insensivel á corrente; a 10:000, tensão que corresponde ás transmissões de força a grande distancia, já elle não pôde resistir.

Voltando á nossa casa. Tomamos a corrente tal como nol-a fornece a companhia cuja canalisação percorra a nossa rua. Se achamos muito violenta e perigosa essa corrente, podemos pedir-lhe que reduza a tensão por meio de um transformador. A ramificação termina n'um contador de electricidade para além do qual se acha o commutador principal. E' a chave do contador; quando o abrímos, a corrente sahirá por uma columna da qual partem as canalisações dos diversos andares e que terá um

A electricidade é um ramo de physica geral cujo estudo sério data apenas de seculo e meio, e ainda assim, para fazermos remontar o seu inicio a essa data, devemos considerar a garrafa de Leyde como o ponto de partida das multiplas applicações d'esta força extraordinaria. Ha pouco mais de um seculo que as experiencias de Galvani e de Volta revelaram a existencia da electricidade dinamica, cujas correntes circulam hoje em milhares de kilometros de fios; e a dynamo, isto é, a machina que só pôde produzir em quantidade sufficiente e com uma tensão consideravel a corrente que é hoje indispensavel em tantos serviços publicos, a dynamo tem a sua origem n'uma descoberta de Faraday em 1821.

Esta electricidade tão pouco conhecida no principio d'este seculo, não o está ainda hoje mais. Aconteceu com ella o mesmo que com as outras forças naturaes; verificamos os seus efeitos, mas ignoramos o que ella é. Mas, apesar de não a conhecermos, temol-a domesticado e estamos em via de fazer realisar a esta fada de um novo genero todas as obras maravilhosas que a imaginação dos narradores d'outr'ora attribuiam ás fadas e em que as creanças d'hoje não acreditam ainda.

O primeiro objecto de que a electricidade dotou a nossa casa é o pára-raios. E' superfluo enumerar aqui as famosas experiencias de Franklin; toda a gente as conhece e não ha hoje edificio publico nem mesmo casa particular de uma certa importancia que não possua a haste protectora destinada a conjurar contra o perigo do pára-raios, foi a campainha que se applicou ao longo das paredes em fios envolvidos em



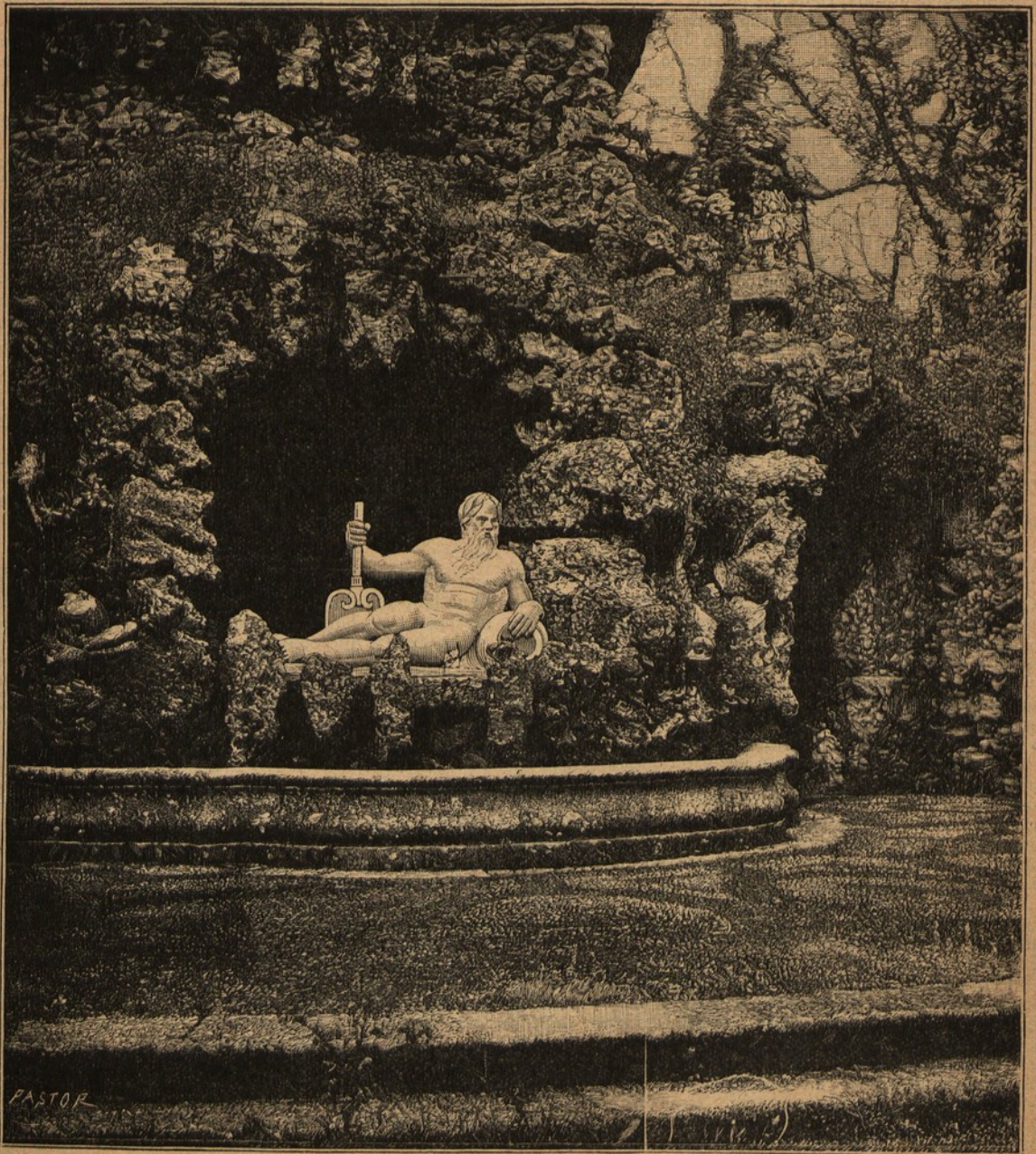
Ferro de engommar electrico

ou dois commutadores. A' medida que a corrente se divide para ir alimentar os diversos lustres e lampadas, os commutadores multiplicar-se-hão, permittindo, segundo as necessidades, accender ou apagar cada luz individualmente, ou proceder por grupos de luminarias.

A luz electrica actualmente em uso na vida domestica é a das lampadas de incandescencia. Um pó de carbone isolado do ar exterior por uma ambula onde se faz o vacuo ou que se tem enchido de um gaz não combustivel, dá, á passagem da corrente electrica, uma resistencia superior á que se encontra no resto do circuito. Tal é o principio da lampada de incandescencia.

Uma applicação differente na fórma do proprio principio das lampadas de incandescencia, isto é, da transformação em calor da energia electrica quando a corrente atravessa uma secção de conductor de forte resistencia, é-nos dada pelo ferro de engommar e pela cosinha electrica.

O fio conductor, de um diametro bastante fraco para que a passagem da corrente o leve a uma temperatura elevada, está envolvido n'uma camada de esmalte; enrola-se um fio em volta de um ferro de engommar que aquece logo; tambem póde servir para aquecer agua ou aquecer um forno.



CASCATA DOS POETAS, na quinta do Marquez de Pombal, em Oeiras

O NATAL DO DEPUTADO

— Deputado? tu? pois queres ser deputado?

— Não é de muito tempo; é de hontem esta minha ambição politica; é de hontem que esta ideia me veiu á cabeça, fazendo um zumbido semelhante ao de um besouro a querer furar uma vidraça: «Ah! mas parece-me agradável ser deputado; porque, como tantos outros, não me deixaria eu eleger deputado?» Não que o officio em si me agrade desmedidamente.

Ir ao Palacio Bourbon á mesma hora, todos os dias, entre uma dupla fila de basbaques que nos admiram, atravessar a sala dos Passos-Perdidos dando-se ares solemnes sob os olhares dos jornalistas emproados, e, longe da commissão que nos reclama, da sessão que vae abrir-se e dos pretendentes da provincia, cuja matilha rosna á porta, dar dois dedos de conversa no buffete, onde se fumam excellentes charutos de dois sous, fabricados pela Régie, expressamente para os legisladores e que, mais baratos, são tão saborosos como os puros havanos, percorrendo o seu circulo em carruagem de aluguer, ver o camponez que trabalha, levantar para o céu claro o punho, segundo elle é ou não é nosso partidario; e em Paris nos salões onde deliciosas tagarelladoras se despeitaram para falar em politica, no seio d'uma pilha de seios menos hypotheticos e mais appetitosos que o famoso «seio d'esta Assembleia» ser festejado, rodeado, amimado, e acolher descaradamente todos as homenagens unicamente reservadas, até agora, aos poetas e pianistas; ver citado nos jornaes, até que a sua obscuridade rebrihse, o nosso pequeno nome provinciano ao lado dos mais illustres nomes, tudo isto, certamente, constitue muito invejáveis privilegios.

Comtudo nunca isto me tentara, sendo, como sou, da raça das aves canoras, que preferem, ao tumulto das cidades e ao ruido das grandes estradas, o abrigo d'uma moita onde ficassem o ramo despido de folhas, alguns fructos d'um bello escarlate que, amollecidos pela geada, ajudem a passar o inverno.

Mas hontem de manhã o deputado appareceu-me sob um novo aspecto; e á custa de todos os abhorrecimentos, condemnar-me-hia, Deus me perdôe, a legislar onze mezes e meio só para ter o direito de exercer uma semana ou duas, funções a tal ponto amáveis e patriarchaes.

Habito, como sabes, do outro lado do Sena, um bairro socegado, querido dos sabios e dos melros, onde, entre palacios, ostentando sobre marmore negro, nomes heraldicos nos brazões, se destaca de longe em longe por cima dos muros dos jardins, uma velha arvore contemporanea de Luiz XIV e de Versailles. As raras lojas que se vêem conservam o ar honesto das lojas d'outr'ora. Poucas carruagens ahi se vêem, e, se alguma passa, o cocheiro intimidado pela magestade d'estas arvores e pelo silencio d'essas casas fechadas, affrouxa o passo da parelha, e dá á sua tipoiá uns modos de coche da côrte.

O corpo legislativo não está muito longe; e alguns deputados, que não quizeram deixar-se arrastar pelo Maëls-trom, cuja formidavel garganta se cava e rodopia em volta da Bolsa, nem ser iniciados aos cincoenta annos nos esplendores da alta vida, alguns deputados, digo, acantooaram-se alli modestos n'um pequeno circulo de costumes, habitando em quarto mobilado, jantando em hotel e á tarde, como estudantes envelhecidos que tivessem novecentos francos de pensão por mez, entregando-se a orgias de leitura e de dominó nos cafés, onde os moços familiaes e respeitosos offerecem ao freguez a *Revista*.

Hontem, pois, perto de minha casa encontrei um d'esses deputados, não já com ares austeros, a frente absorvida por todos os cuidados do poder, não levando comsigo a indispensavel pasta cheia de relatorios e de planos—casas de escola, ou pontes para construir, caminhos vicinaes a rectificar, egrejas romanas que precisam de telhados novos, — mas buliçoso, alegre, vivo, experto, com meia dusia de cartonagens atadas com fitas azues e côr de rosa.

Vê-me e cumprimento-o.

— Deixe-me pôr isto no hotel, me disse elle, e se não tem muito que fazer, vae na minha carruagem.

— Para ir?...

— Para onde ha-de ser? Para comprar outras cartonagens. Estou pouco acostumado a fazer compras. Você, que é Parisiense, é que ha de ajudar-me a escolhel-as.

Uma vez no fiacre, o deputado confiou-me que, como já haviam sido votados os credits, tinha resolvido, como todos os annos, antecipar a sua partida alguns dias sem esperar as férias regulamentares.

— A camara que se arranje! Esta noite deixo Paris. Chega o Natal e não posso deixar de ir á terra, passallo com a familia. Ora veja:

Tirou da algibeira uma carta e poz-se a lê-la:

«Senhor deputado:

Escrevo-lhe a presente unicamente com o fim de lhe dar um pequeno incommodo. Como vem passar as férias a Cantepedrix, muito nos obsequiaria trazendo-nos uma pequena lanterna magica, das de preços economicos, cuja importancia lhe remettermos em estampilhas. Só em Paris se fabricam boas lanternas magicas, e promettermos essa surpresa para o Natal ao nosso Mariosinho que se lembra muito de si e que conta com a sua protecção, senhor deputado, quando d'aqui a quinze annos elle tiver d'ir a Saint-Cyr.

— Ora veja se ha maneira de se recusar este serviço áquella boa gente, que ainda imagina que d'aqui a quinze annos a hei de representar no parlamento! E esta carta não é a unica que recebi; eis pela ordem alphabetica a serie de encomendas de que me encarregaram! — continuou o deputado, desenrolando uma lista mais comprida do que a das amantes de D. João.

O trem parava á porta d'um bazar ou d'uma confeitaria e nós amontoavamos sobre os joelhos e no assento da carruagem cartuchos de bolos baratos, confeitados de papel prateado e dourado, e decorados com ingenuas chromo-lithographias, confeitados á moda antiga onde o assucar derretido, amassado e colorido por mãos habeis, se torna em uma bella paizagem em relevo no meio da qual passeiam personagens vestidos com fatos gommados, sem contar os polichinellos e os bonecos, os cães que ladram, os cordeiros que balam, as vaccas que mugem, os burros que zurram, as trombetas e os tambores, as espadas de pau, os soldados de chumbo, os leões com a pelle de coelho, e os coelhos que tocam tambor aos quaes dois pregos á laia de olhos, dão um aspecto diabolico.

Mesmo praguejando e suspirando, o deputado nadava em alegria.

— Maldita profissão, exclamou elle, vejamos a compensação que eu tenho por não poder alcançar os logares que desejava, apesar das minhas atencões nos ministerios...

E eu, a falar a verdade, com o coração mordido por uma baixa inveja, tinha ciumes da alegria do meu deputado.

Pensava: d'aqui a quatro dias no fundo das nossas aldeias montanhosas que dezembro salpicará de neve, na rua branca alegrada pelo reflexo vermelho, atravez das vidraças, do lume das chaminés e dos fornos, as creanças esperarão o deputado promettido e passando além da ultima casa irão pela estrada fóra até aos campos, para ver se elle chega. E' na noite lendaria, á sobremeza quando se trazem os presentes entre as tres luzes accesas e os tres pratos de barro pardo em que o trigo começa a esverdecer, então as creanças hão de abençoal-o, ao deputado e imaginal-o n'um raio de gloria, com uma barba branca, tamancos, gabão reluzindo de geada, as mãos cheias, sorrindo e embuçado, como o velho Natal dos contos...

Ahi está um simples vestuario bem mais significativo e pittoresco do que a triste casaca preta d'hoje ou do que as capas de gatos pingados desenhados outr'ora por David para os Directores, para os Representantes do povo, para os Quinhentos! E' uma ideia. Tenciono falar d'isso na tribuna e propôr que os nossos deputados se apresentem assim vestidos, nas suas provincias pelo menos, uma vez por anno, quando, esquecendo a politica, elles se tornem — como o excellentes homem de quem acabo de contar a historia — deputados das creanças, por occasião das festas do inverno.

(Trad. de HENRIQUE MARQUES JUNIOR.)

PAUL ARÉNE.

LIVRARIA

DE

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52—Rua Augusta—52, 54

LISBOA

(Casa fundada em 1848)



EDIÇÕES DE 1895-96

Alarcão (D. Miguel de) — Manual de Gymnastica, 1 vol. com muitas grav., desenhos de Bordallo Pigneiro, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

— Velocipedia pratica, 1 vol. com grav., br. 300 rs. Enc. 500 rs.

Alves Mendes — Santo Antonio, celebre discurso, 1 vol. br. 300 rs.

Azevedo (Domingos de) — Primeiras licções de traducção da lingua franceza, 1 vol. br. 380 rs., 2.^a edição (no prelo).

— Significados das «Primeiras licções de traducção da lingua franceza», 1 vol. cart. 250 rs.

Baltzer (E.) — A alimentação segundo a natureza ou tratado completo theorico e pratico da cosinha vegetariana, trad. de Luiz Cardoso; 1 vol. br. 400 rs.

Barros Gomes (H de) — Convicções, estudos e leituras sobre litteratura, arte, philosophia, etc. 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Barbosa de Magalhães (Dr. J. M.) — Codigo completo do Codigo Commercial. Está publicado o 1.^o vol., com 345 pag., 1\$500 rs. O 2.^o sae em Janeiro.

Bentes (J. A.) — O novo systema de curar de L. Kuhne, 1 vol. br. 400 rs.

Bombarda (Dr. M. A.) — A epilepsia e as pseudo-epilepsias, 1 vol com grav., br. 1\$000 rs. Enc. 1\$200 rs.

Bramão (Alberto) — A rir e a serio... livro de prosas, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Brandão (Raul) — Historia d'um palhaço (A vida e o diario de K. Mauricio) 1 vol. br. 400 rs. enc. 600 rs.

Bulhão Pato — O Livro do Monte, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Colleção economica — Romances dos melhores auctores, a 100 réis o volume. Volumes in-16.^o de 240 a 360 paginas. Ha 17 volumes publicados. Sae um volume por mez.

Cornelius Nepos — Vida dos varões illustres, traducção litteral, auxiliar indispensavel aos estudantes de latim; 1.^o folheto (abrangendo as primeiras seis vidas), 120 rs.; 2.^o folheto (abrangendo

mais sete vidas, desde a de Trasybulo até á de Epaminondas), 120 rs.

Dantas (Julio) — Nada, 2.^a edição, com o retrato do auctor, 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

Elementos de instrucção militar, por 2 officiaes do exercito; 1 volume, tratando dos seguintes assumptos: Equipamento, correame, armamento. Instrucção do tiro. Tactica elementar. Tactica de estacionamento, de marcha e de combate. Serviço interno e de guarnição. Destacamentos e diligencias. Marchas pela via ordinaria, pela via ferrea e pela via fluvial. Leitura de cartas topographicas, orientação e avaliação de distancias. Principios de fortificação. Vias de communicacão militar: linhas telegraphicas, vias ferreas, estradas e pontes, sua inutilisação e reconstrucção; inutilisação das vias fluviaes; correspondencia por meio de signaes homographicos, de heliographos e lanternas. Principios de hygiene. Escripuração e administuação militar, etc., etc. 1 vol. com muitas gravuras, br. 500 rs.

Figueiredo (Anthero de) — Além .. 1 vol., edição de luxo, br. 400 rs.

Gama (Arnaldo) — Um motim ha 100 annos, nova ed., com o retrato do auctor, 1 vol. enc. 1\$000 rs.

Kuhne (Luiz) — Educação das creanças ou conselhos aos paes, ás mães e aos educadores, 1 vol. br. 200 rs.

Lopes Vieira (Dr. A. X.) — Hygiene das familias 1 vol. br. 500 rs., enc. 700 rs.

Magalhães Lima (S. de) — A Obra Internacional, 1 vol. br. 400 réis.

Machado (C. de Pina) — Versos, 1 vol. com o retrato do auctor, br. 600 rs.

Magalhães (Valentim de) — A Litteratura brasileira; ensaio critico, seguido d'uma distincta anthologia, em prosa e verso, dos mais notaveis escriptores do Brazil, 1 vol. com muitos retratos, br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Mesquita (Marcellino) — Na azenha, (contos) 1 br. 500 rs.

— O velho thema, drama, 1 vol. br. 400 rs.

— Dôr suprema, tragedia burgueza, 1 vol. (2.^a edição, no prélo).

Moraes (Paulo de) — Manual d'Agricultura pratica, 1 vol. de 820 pags. formato grande, com 222 gravuras, enc. 4\$000 rs.

Moraes (Wenceslau de) — Traços do Extremo Oriente, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Nova Collecção Pereira — Volumes a 50 réis, de 140 a 176 paginas, das obras mais notaveis das diversas litteraturas, traduzidas em portuguez. Ha 3 volumes publicados, a saber: *Port-Tarascon*, de Daudet; *D. Carlos*, de Saint-Réal; *Madame Chrysanthème*, de Pierre Loti. Saem 2 volumes por mez.

Oliveira Martins (J. P.) — O Príncipe Perfeito, 1 vol. precedido d'um desenvolvimento prefacio, por H. de Barros Gomes. Edição de luxo, illustrada. Br. 2\$000 rs. Enc. 3\$200 rs

— Systema dos Mythos, 2.^a ed. 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

— Historia da Civilisação Iberica, 3.^a ed. (posthuma), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900 rs.

— Elementos d'Antropologia, 4.^a ed. (posthuma). 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900 rs.

— Cartas Peninsulares, 1 vol. prefaciado por seu irmão. Br. 600 rs. Enc. 800 rs.

— Portugal Contemporaneo, 3.^a ed. (posthuma), 2\$000 rs. Enc. 2\$400 rs.

Oliveira Mascarenhas (J.) — Crimes celebres: I, O piloto do brigue Santo Antonio; II, A familia Silveira. Cada volume, 100 rs. br., ou 200 rs. enc

Pimentel (Alberto) — A Guerrilha de Frei Simão romance historico, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Pinto Martins (A. D.) — Manual de esgrima, 1 vol. com muitas grav., desenhos de Bordallo Pinheiro, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

Queiroz (Eça de) — Almanach Encyclopedico para 1897, (2.^o anno), 1 vol. illustrado, br. 500 rs. Cart. 600 rs.

Queiroz (Teixeira de) — Morte de D. Agostinho, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

— Os noivos, 2.^a ed. refundida, 2 vols. br. 1\$200 rs. Enc. 1\$600 rs.

— Arvoredos, contos escolhidos, 1 vol. illustrado por Casanova, br. 800 rs. Enc. 1\$100 rs.

— Amores, amores... romance (no prélo) 1 vol.

Queiroz Ribeiro (A. de) — Cinzas, poema lyrico, 1 vol. br. 700 rs. Enc. 1\$000 rs.

Raposo Botelho (J. N.) — Diccionario de moedas, pesos e medidas de todas as nações do mundo, com todas as indicações geographicas, commerciaes e estatisticas proprias d'um diccionario de commercio, 1 vol. enc. 800 rs.

Ramalho Ortigão — O culto da arte em Portugal, 1 vol. br. 600 rs.

Sanches de Baêna (Visconde de) — Bernardim Ribeiro, estudo biographico e genealogico sobre

este illustre poeta, e esclarecimento do mysterio em que até aqui a sua historia se achava envolvida; com um prefacio de Theophilo Braga. 1 vol. br. 400 rs.

Salgado (João) — Tragedias da vida, romance, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Serpa Pimentel (Antonio de) — Portugal moderno, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Silva Pinto — Philosophia de João Braz, 1 vol. com o retrato de Silva Pinto, br. 500 rs. Enc. 700. — N'este valle de lagrimas, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

— A queimar cartuchos, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700. — Santos portuguezes, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700.

Sousa (José de) — O mysticismo (2.^o volume da *Bibliotheca scientifico-philosophica*), 1 vol. br. 600, enc. 800 rs.

Torrezão (Guiomar) — Almanach das Senhoras, para 1896 (26.^o anno) 1 vol. br. 240 rs. Cart. 320 rs. — Almanach das senhoras, para 1897 (27.^o anno) 1 vol. br. 240 rs. Cart. 320 rs.

— A Estação de Paris, o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora. Sáo duas vezes por mez. Cada numero com figurinos coloridos 200 rs.; com os figurinos só a preto, 150 rs. (Por assignatura sáo muito mais barato).

— A Chronica, publicação illustrada; 21 numeros publicados com retratos e biographias de personalidades em evidencia na sociedade portugueza; cada n.^o 100 rs.

Travassos Lopes (J. Q.) — Historia dos animaes, noções amenas de zoologia para creanças, com grande numero de anedotas, episodios, historietas, etc. Illustradas com muitas gravuras, 2 vol. br. 400 rs. Enc. 800 rs. (Vendem-se separadamente).

— Os contos da avósinha, historias para creanças, 2 vol. com gravuras, br. 320 rs. Enc. 720 rs. (Vendem-se separadamente).

— A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno. Nova traducção, extraordinariamente desenvolvida e ampliada pelo traductor, e embelezada com centenaes de gravuras, 1 vol. br. 1\$500 rs. Enc. 2\$000 rs.

Vaz de Carvalho (Maria Amalia) — Pelo mundo fóra, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs

— A arte de viver na sociedade, nova ed., 1 vol. br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Vigeron (Ch.) — O distillador pratico, o livro mais claro, mais pratico e mais completo que existe sobre este assumpto, 1 vol. enc. 500 rs.

Zé Jaleco (A. R. Duro) — Tauromachia, 1 vol. br. 400 rs.

Qualquer d'estas obras se envia pelo correio. com o augmento de 10 p. c. sobre estes preços para porte do correio, ou 20 p. c., sendo para o Brazil. Não nos responsabilizamos pelas remessas que não forem registradas, mas só registramos aquellas para as quaes nos seja enviada a respectiva importancia de registro. Cada pacote de 2 kilos paga apenas 50 réis pelo registro, além do porte.

Não se attendem pedidos que não venham acompanhados da importancia.

BRANCO E NEGRO



JAPONISMO

PREÇO 40 RÉIS

N.º 41

REPRODUÇÕES

D.
Planos,
Cartas geographicas
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lesenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de todas
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc.

São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; e em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECCAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGÍTIMAS VIOLAS HESPAÑHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

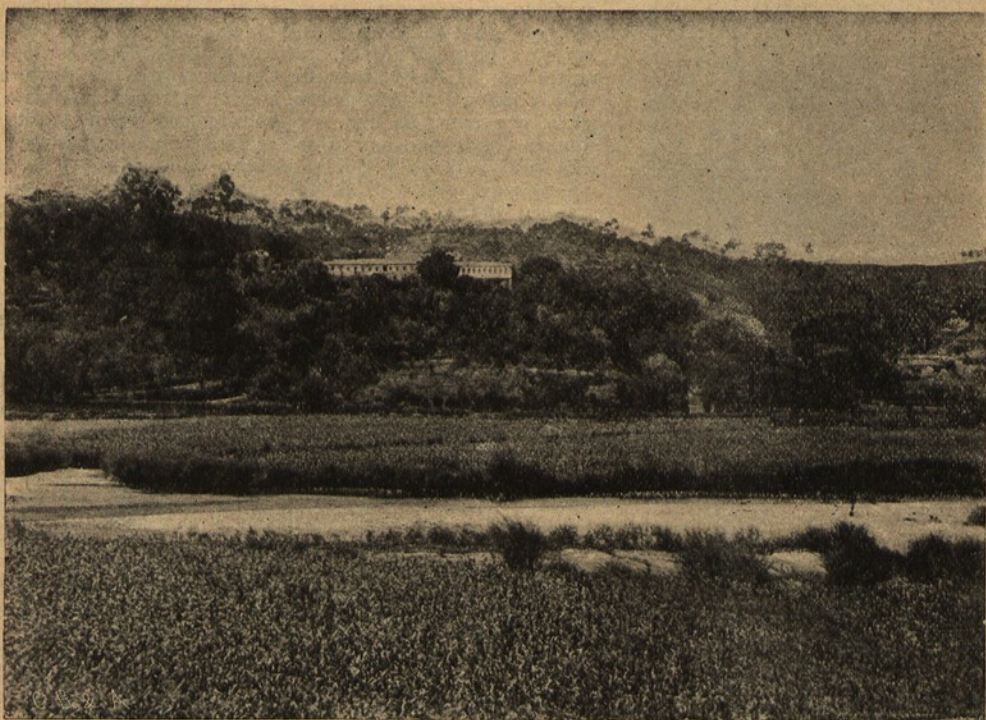
N.º 41

LISBOA, 10 DE JANEIRO DE 1897

1.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

XVI)



O CONVENTO DE SEREM

PASSANDO Albergaria a Velha, de caminho pela pittoresca estrada d'Agueda, encontra-se á esquerda, na vertente de uma collina coberta de um arvoredo frondoso e secular, o antigo convento de Serem, hoje propriedade particular.

O sitio é encantador ; ao fundo serpenteia o Vouga, que passa ali claro, apertado entre duas tiras de areial loiro ; da banda de lá alteia se uma montanha e para lá outra e outra — uma cadeia continua, de contornos azulados e vaporosos.

Toda aquella região é lindissima e fertilissima ; as aguas fazem brotar do solo as *novidades* muito mais cedo que n'outra qualquer parte ; e pelas ridentes campinas verdes ondula os trigos cujo brilho esmeraldino estonteia.

Datas da Historia Portugueza

ASSASSINATO DE D. IGNEZ DE CASTRO

7 DE JANERO DE 1355



IGNEZ DE CASTRO (quadro de Villaça)

IGNEZ de Castro !
Este nome, em volta do qual refulge uma auréola de martyr, doura o passado com luminosos reflexos de amor e de paixão, enche das flôres da poesia e enriquece com um dos seus trechos mais commovedores perto de seis seculos d' historia que se ajoelham perante este vulto feminil, tão gracioso e popular como as inolvidaveis figuras de Beatriz, Francesca di Rimini e Laura de Noves que resplandecem sempre vivas e sempre sublimes nos poemas immortaes de Dante e Petrarca.

Mas não é só pela pureza infinita dos seus olhos azues, pelo oiro dos seus cabellos ou pela sua esbelta figura que Ignez de Castro sensibilisa ainda hoje a alma popular, e tem feito desatar em myriades de sentidas estrophes a imaginação dos poetas nacionaes e estrangeiros ; mas sobretudo pela sua tragica e horrosa morte e pela sublimidade do seu amor, porque ao desatar as suas loiras tranças sobre a corôa do seu D. Pedro não aspirava a elevar-se do auge das honras, a empunhar o sceptro do poder absoluto ; mas a ver apenas no seu D. Pedro o homem que amava, o objecto dos seus risonhos sonhos d'amor. O amor, só o amor foi a sua desgraça e lhe deu a immortalidade.

Razão havia pois para que a poesia e o povo bordasse de formosas e sentimentaes legendas a figura escultural d'essa victima do amor, associando-a a poeticos logares da formosa Coimbra, onde se desenrolou esse poema d'amor e de desventura ; razão ha para que ao percorrer esses sitios tão celebrados em as noites tepidas e estrelladas de Coimbra o nosso espirito a phantasie, com os seus longos cabellos loiros á mercê da brisa doidejante, ora entre os enamorados salgueiros verde-negros, ora á sombra dos frondosos cedros seculares, onde a tradição a colloca com a fronte pendida sobre o collo alabastrino, os seios d'alma repassados de saudade e o coração desatando-se em suspiros que se repercutem nas abobadas de verdura d'envolta com o cíciar da aragem, o gorgueio das avesinhas e o murmurio das fontes...

*

Qual foi a patria d'essa gentil dama que tanto poder exerceu sobre o coração do nosso D. Pedro I ?

Todos os escriptores affirmam que D. Ignez nasceu em Castella ; temos, porém, noticia de que o genial escriptor Camillo Castello Branco affiançava ter nascido em Portugal, tendo por mãe D. Aldonsa Berenguella de Valladares, portugueza que vivia em terras de Basto, em Freixieiro, e por pae D. Pedro Fernandes de Castro, fidalgo castelhano que fugira para o nosso paiz aos 20 annos d'idade, regressando a Castella só 17 annos depois.

O pae de D. Ignez pertencia a uma das mais nobres casas d'Hespanha que se jactava de contar entre os seus ascendentes o famoso Cid o *Campeador*. D. Pedro de Castro teve mais dois filhos, D. Alvaro Pires de Castro e D. Fernando de Castro e uma filha, D. Joanna, que depois de ser amante do rei D. Pedro d'Aragão veio a casar com elle.

D. Ignez vindo para Portugal como dama de D. Constança, esposa de D. Pedro, attrahiu este de tal modo que não duvidou esquecer a esposa, não obstante as virtudes de que era exornada.

D. Constança, com a sua fina intuição de mulher, suspeitou desde logo d'estes amores, e, sem fazer escandalo, pretendeu oppôr-lhes um dique convidando D. Ignez para madrinha do seu primeiro filho o infante D. Luiz, que morreu creança. N'aquelle tempo d'escrupulos religiosos este laço espiritual devia ser um estorvo ás relações amorosas de D. Pedro com D. Ignez, pois que, a continuarem, seriam consideradas sacrilegas.

Esta barreira produziu effeito contrario ; os amores augmentaram cada vez mais, principalmente depois da morte de D. Constança que baixou ao tumulo dias depois de dar á luz o principe D. Fernando, ao deante rei.

A dar credito á declaração de D. Pedro foi n'esse tempo que o principe, desejando sanctificar o seu amor e legitimar os filhos que já tinha de D. Ignez, casou com ella, mas clandestinamente, por saber que seu pae se opporia abertamente a tal união.

D. Affonso IV, ignorando tudo, e desejando que seu filho contrahisse segundas nupcias, inculcou-lhe a mão de varias princezas. Todas recusou.

Esta obstinação fez com que D. Affonso descortinasse o motivo da recusa ; e calando-lhe no animo os conse-



TRASLADAÇÃO DE D. IGNEZ DE CASTRO

lhos de ruins cortezões que invocavam altas razões de Estado e a possibilidade de D. Pedro usurpar o throno ao filho de D. Ignez resolveu mandar assassinar a infeliz e formosa princeza.

N'esse intento partiu de Monte-mór onde se encontrava então, e dirigiu-se a Coimbra, acompanhado de muitos fidalgos armados.

D. Ignez habitava nas casas do mosteiro de Santa Clara, o santo recinto matizado das virtudes da Rainha Santa Isabel que n'elle consumiu tantos annos entregue á oração e á caridade que exerceu tão fervorosamente. Este santo logar havia sido convertido por seu neto em ninho de seus amores e seu filho devia fazel-o theatro da mais sanguinolenta tragedia.

D. Ignez, informada da vinda do pae do seu amante teve como que um presentimento da sorte que a esperava; rodeou se dos seus filhos e, com o coração a trasbordar de afflicção e os olhos arrasados de lagrimas, veio rojar-se aos pés de D. Affonso, implorando perdão e misericordia.

Ao deparar com esse grupo tão encantador como desgraçado, constituido pela mãe formosa e humilde e pelos loiros filhos que a escudavam com a sua innocencia, o glorioso e desinteressado heroe do Salado, não podia deixar de recuar, cheio de commoção e de enternecimento.

Retirava-se já D. Affonso e a infeliz via pairar sobre a sua

cabeça o perdão do avô de seus filhos, quando Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho e Diogo Lopes Pacheco, tres dos validos, considerando a sahida do rei como que uma revogação da sentença e o predominio de D. Ignez que lhes não perdoaria o terem tramado contra a sua vida, começaram de apresentar novamente seus arrazoados e a acoi-mar o rei de fraco até que conseguiram obter o seu consentimento para matar Ignez.

Sedentos de sangue, invadidos de medo e de odio, aquelles homens de peitos de granito entraram nos aposentos de Ignez e insensíveis a tanta belleza e a tamanho infortunio consummaram um dos mais horrorosos e covardes assassinatos que menciona a historia.

O infante ao regressar da caça encontrou a sua amante prostrada por terra, envolta em um lençol de sangue. Sobre o seu cadaver ainda quente jurou um odio implacavel a seu pae e a todos que tinham sido culpados da sua morte.

A sua alma envol'veu-se n'uma espessa bruma e levantando o estandarte da revolta entrou pelas comarcas de Entre Douro e Minho e Traz os Montes. Praticaram-se roubos, massacres, assolações, no que D. Pedro era secundado pelas tropas de D. Fernando e D. Alvaro de Castro, irmãos de D. Ignez.

Passado algum tempo e principalmente por instancias de D. Beatriz, sua mãe, D. Pedro fez as pazes com seu pae, estipulando-se entre outras condições que o infante perdoaria aos implicados na morte de D. Ignez, assim como el-rei devia perdoar aos que tinham seguido o principe.

Mas se perdoou durante a vida de D. Affonso aos culpados da morte de Ignez, não fez o mesmo depois da morte de seu pae.

Mal empunhou o sceptro fez um contracto de extradicação com Pedro o Cruel e havendo ás mãos dois dos criminosos, fez justiça-os em Santarem.

Rehabilitou a memoria de D. Ignez, declarando em Cantanhede (1360) que os seus amores haviam sido abençoados pela Egreja e por conseguinte eram legitimos os filhos que d'ella tinha tido. O casamento de D. Pedro com D. Ignez foi negado por João das Regras nas cortes de Coimbra de 1385 e é contestado por muitos historia-dores.

Em seguida, affirma a tradição, D. Pedro fez exhumar o cadaver de D. Ignez, que tinha sido sepultada na igreja de Santa Clara logo depois do assassinato; collocou no throno a seu lado essa morta estremeçada, revestida de trajos reaes;

pôz-lhe a corôa na cabeça e toda a côrte beijou a mão de Ignez, prestando homenagem áquella que depois de morta foi rainha.

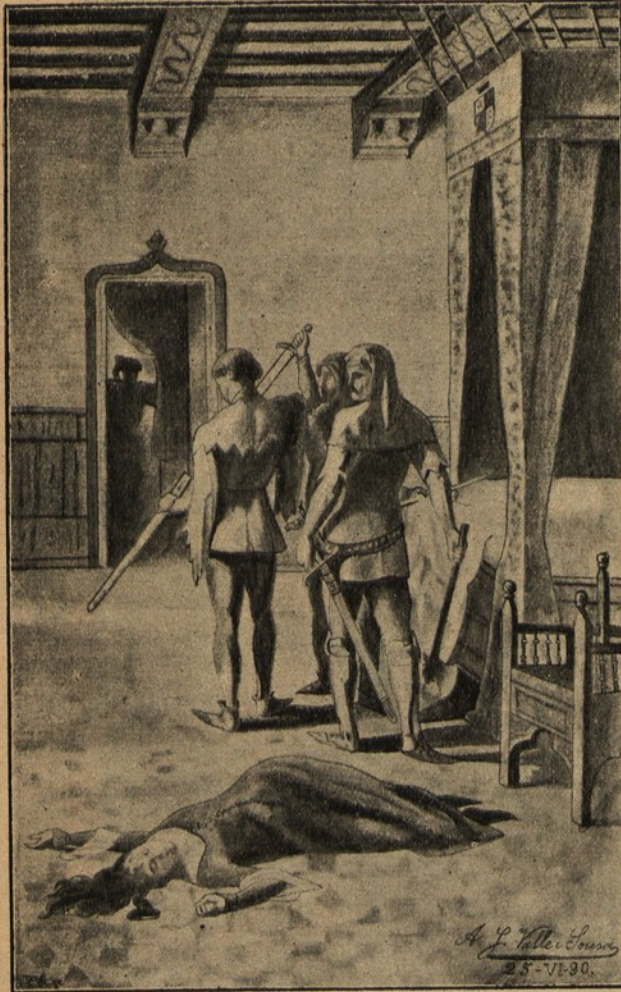
Este facto da coroação é impugnado por quasi todos os escriptores. Fernão Lopes não faz a mais pequena referencia. Faria e Sousa, porém, nos seus commentarios ao canto III dos *Luçia*, escreve:

«La mataron y el principe no dexó de amarla muerta. Y assi, luego que murió su padre, y empuñó el cetro, hijo desenterrar a D. Inez, y colocarla en un trono, adondá fué coronada como reyna, e allí hijo que sus vassallos besassen aquelles huesos, que avian ya sido manos bellas, publicando primero com juramento y otros actos solesnes que avia sido su muger legitima. Tenemos em nuestro poder la copia del instrumento publico, que mandó hazer de todo esto y se conserva en el archivo real.»

A dar-se a coroação, facto unico na historia dos povos, é provavel que n'essa solemne cerimonia figurasse não o proprio corpo mas uma effigie de D. Ignez em cera colorida, o que era frequente nas ceremonias funebres dos principes e grandes da peninsula.

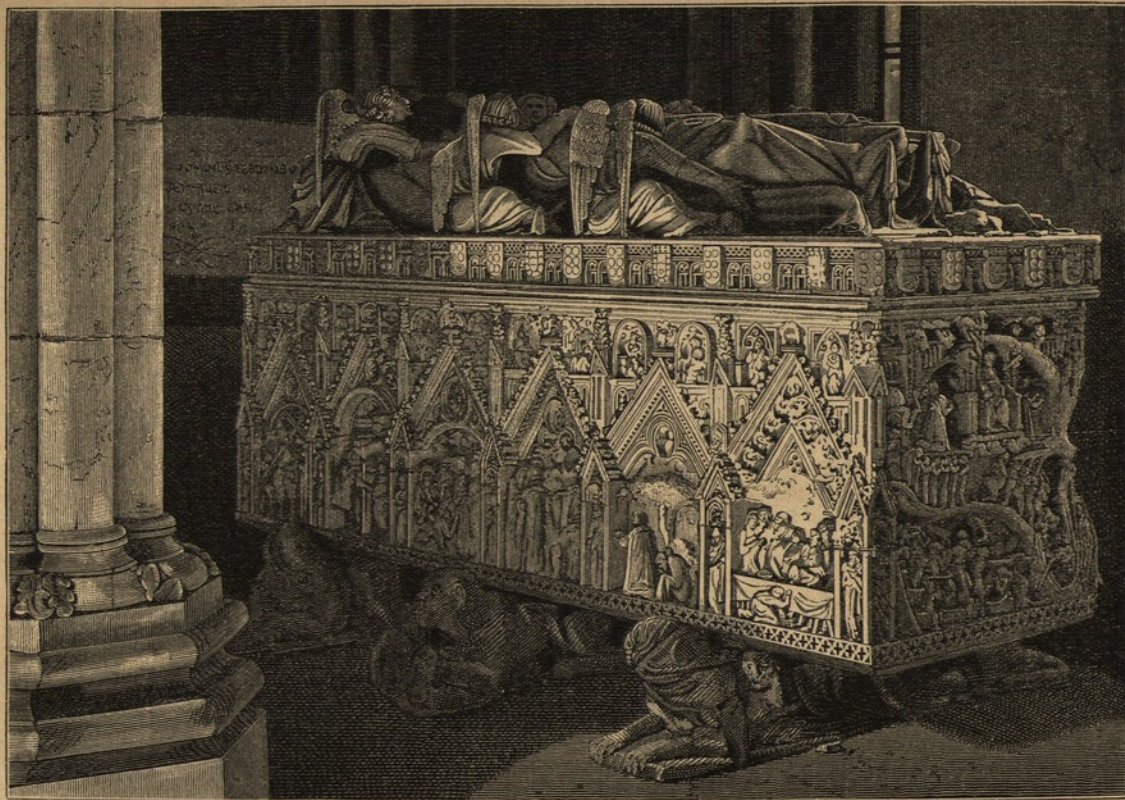
O que se não pôde contestar é a cerimonia da trasladação de D. Ignez de Castro para Alcobaca, onde D. Pedro lhe tinha mandado construir um magnifico mausoleu que é um dos mais preciosos specimens tumulares que nos legou a posteridade. (Vidè nota no fim do artigo).

O corpo de D. Ignez sahiu de Santa Clara de Coimbra n'umas andas riquissimas; acompanhavam-n'o damas,



ASSASSINATO DE D. IGNEZ DE CASTRO

(Desenho de Valle e Souza, segundo Bramtot)



TUMULO DE D. IGNEZ DE CASTRO EM ALCOBAÇA

nobres e muito clero ; em todo o caminho que de Coimbra se dirige a Alcobaça achavam-se homens do povo dispostos em duas alas e que empunhavam tochas accêsas. Descrevendo este facto diz Pinheiro Chagas, o grande escriptor morto :

«Inundada de luz, a estrada apresentava ao cahir da noite um magnifico aspecto. Dissipavam-se as sombras na passagem do prestito funebre, como se, para renderem homenagem a Ignez, se coroaessem espontaneamente de pallidas chammas os outeiros, se illuminassem os matagaes, e se accendessem os arvoredos ; ou como se na poetica phrase de Schaeffer, quizessc D. Pedro que o corpo da sua bem amada fosse de Coimbra a Alcobaça entre duas fitas de estrellas. Chegando a Alcobaça, o corpo de D. Ignez foi encerrado no tumulo que a esperava, e em cuja loisa uma estatua, representando a sua imagem, ostentava na cabeça a corôa de rainha, que a pobre martyr não podéra cingir.»

D. Pedro mandou construir juncto do tumulo de D. Ignez um outro artisticamente cinzelado, onde depois da morte repousou ao lado da sua amante.

Estes dois tumulos estão collocados de tal maneira, diz a chronica, que o primeiro olhar dos dois amantes, ao levantarem-se no fim do mundo ao som da trombeta final, ha de ser um olhar d'amôr.

*

Ouvem-se inda na fonte dos Amores
De quando em quando as Naiades carpindo,
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flôres.

BOCAGE.

Ao sopé do monte de Santa Clara e n'um aprasivel logar cercado de viçosos pomares e oliveiras fica a formosa *Quinta das Lagrimas*, onde brota a *Fonte dos Amores* tão celebre pelas suas bellezas naturaes como pela tragica lenda que faz alli decorrer os amores de D. Ignez de Castro com D. Pedro I e que affirma ter sido esse o logar onde foi assassinada a formosa princeza.

O sitio é na verdade encantador.

O murmúrio da lympha que cae n'um quartzo branco salpicado de manchas vermelhas, a opulencia da vegetação que aformoseia a fonte assombrada de cedros que erguem altivos a sua coma donairoza e que Kinsey compara aos cedros do Libano, tudo isto tem contribuido para que o viajante que alli vae prestar homenagem aos manes d'Ignez traga n'alma as mais gratas impressões e para que a imaginação popular e os nossos primeiros poetas tenham ligado á Fonte dos Amores as mais poeticas e formosas lendas.

Assim uns querem vêr o sangue d'Ignez na côr avermelhada das pedras que se divisam no fundo do cano ; outros que os musgos aquaticos, similhantes a cabellos loiros, que fluctuam n'agua, sejam os cabellos que tanto fascinaram o coração de D. Pedro ; ainda outros pretendem que o principe confiava ás aguas da *Fonte dos Amores* as cartas destinadas a D. Ignez, servindo de mensageiro um simples barquinho de cortiça que deslisava por um aqueducto que ia dar ao paço de D. Ignez.

A propósito d'esta lenda diz Faria e Sousa :

«Esta fuente que se llamô de los Amores por essa razon ya dicha, estava en el jardin de Palacio, y venia a salir a el por unos aqueductos. El Principe no podia hablar a Doña Ines todas las vezes que lo deseavan ambos, por que siendo ella Dama de la Reyna su madre, era menester recato. Valiase para esto de aquella agua, y de aquellos aqueductos ; porque por ellos, y por ella la embiava los papeles que la escrevia. Rompió, parece, em cierta parte el aqueducto, y metiendo por alli los papeles, llevados ellos de la agua ivan a salir al jardin, a donde Ines acudia a cogerlos. De manera que el Amor venia nadando ; venian las llamas amorosas passadas por agua. El Principe representado en sus papeles era el Leandro, que por olas iva en busca de su Ero, con más felicidad que el otro, pues alfin llegava. Taels son las astucias de los amantes.»

A critica impiedosa desmente a crença popular de D. Ignez ter sido assassinada junto d'essa fonte.

A leitura dos nossos chronistas deixa-nos plena certeza de que a morte de D. Ignez foi perpetrada nos paços da Rainha Santa Isabel, juncto ao mosteiro de Santa Clara. Um d'elles, Ruy de Pina na sua *Chronica del Rey Dom Affonso Quarto* exprime-se d'este modo :

«..... § consentido (D. Affonso) na morte da dita Dona Inez acompanhado de muyta gente armada § seveo a Coimbra onde ella estava nas caças do Mosteyro de Santa Clara.»

E' muito interessante o que relativamente á *Fonte dos Amores* escreve o talentoso lente da Universidade, sr. dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, no seu primoroso trabalho de investigação historica : *Evolução do culto de D. Isabel d'Aragão, esposa do rei lavrador Dom Diniz de Portugal (a Rainha Santa)*.

Segundo este illustre ornamento da Faculdade de Theologia a *fonte dos amores* abastecia com suas aguas o mosteiro de Santa Clara, nascendo na quinta do Pombal, que desde o seculo xviii é chamada *quinta das lagrimas*. Mas esta *fonte dos amores* de que fala não é a mesma que a *fonte das lagrimas* actual, que fica mais longe e que no seculo xvi era denominada *fonte nova*, sendo baptisada com o nome que hoje conserva depois das referencias de Luiz de Camões no seu immortal poema.

Sustenta tambem o sr. dr. Vasconcellos que a antiga *fonte dos amores* não era assim denominada por causa dos amores d'Ignez ; antes de apparecer a lenda já a encontra com este nome n'um mandado das justicas de Coimbra, de 1360, que ordena que ninguem tracte mal o cano da agoa, que vai da *Fonte dos Amores* pera o mosteiro de S. Clara, sob pena de fazer trinta dias na cadeia.

Diz ainda o erudito escriptor que Ignacio de Moraes, poeta, que celebrou as bellezas de Coimbra (*Conimbricæ encomiã*) em 1554, por consequencia 18 annos antes da appareção dos *Lusiadas*, cantando esta fonte não faz a mais leve allusão aos amores d'Ignez, antes explica o nome da fonte valendo-se d'outra ficção poetica que não tem a formosura que poderia ter se tivesse tomado por thema os celebrados amores, a que o poeta teria recorrido com toda a certeza se tivesse conhecimento da lenda relacionada com a fonte dos amores.

Mas apesar dos reparos da critica auctorizada a crença de que o assassinato foi perpetrado juncto d'essa fonte ha de ser sempre considerada como uma das mais poeticas manifestações do cerebro popular onde está estereotypada de tal maneira que ha de ser difficil de desvanecer.

Coimbra, janeiro 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

¹ Este tumulo de marmore branco vê-se na segunda nave do cruzeiro da igreja de Santa Maria d'Alcobaça e tem na tampa a figura de D. Ignez com as insignias reaes entre meia duzia d'anhos. Em volta da tampa veem-se as armas portuguezas alternando com o brazão dos Castros com seis arruelas.

Na caixa do lado dos pés da estatua ha um quadro que representa o *Juizo Final*. Em 1810 os soldados francezes, julgando encontrar thesouros, violaram este mausoleu, espalharam pelas lages da igreja as cinzas de D. Ignez e deixaram muito damnificado o monumento com este bestial attentado. Estes vandalos não tiveram os escrupulos de D. Sebastião e do archiduque Carlos d'Austria, depois Carlos VI d'Allemanha, porque estes monarchas tendo desejos de abrir o tumulo foram demovidos d'esse intento pelo recio de lhe damnificar os lavores.



235

A FONTE DOS AMORES EM COIMBRA



DR. MAGALHÃES LIMA

(Antigo redactor principal do *Seculo*)



SILVA GRAÇA

(Actual director e proprietario do *Seculo*)

O *Seculo*, o jornal de maior circulação em Portugal passou ha tempos por uma transformação respeitante á sua gerencia interna: sahiu o sr. dr. Magalhães Lima, redactor principal e co proprietario, ficando todos os negocios de administração e redacção pertencendo exclusivamente ao sr. Silva Graça, que já era administrador e co-proprietario.

Do papel predominante de Magalhães Lima no partido republicano fallam bem alto os seus serviços prestados áquelle partido e as numerosas obras que tem publicado em prol do seu ideal avançado.

Lá fóra é o nome de Magalhães Lima muito conhecido e respeitado entre os espiritos cultos, sendo a sua palavra fluente e entusiasta de meridional escutada com agrado; e em varios congressos, não é esquecido o nome de Portugal graças á sua incansavel actividade e ao seu grande patriotismo.

Silva Graça, o novo proprietario do *Seculo* é um trabalhador infatigavel que só ao seu trabalho deve a posição a que chegou. Espirito irrequieto e de uma extraordinaria vivacidade, é a elle que o *Seculo* deve a sua larga divulgação e o seu progresso. Hoje, que tem sobre os hombros todos os encargos de uma empresa tão espinhosa e tão ardua, temos a firme certeza de que ha-de levar a cabo os seus arrojados empreendimentos, porque tem uma vontade que não quebra e um senso pratico pouco trivial.

Noiva!

(Imitação de Victor Hugo)

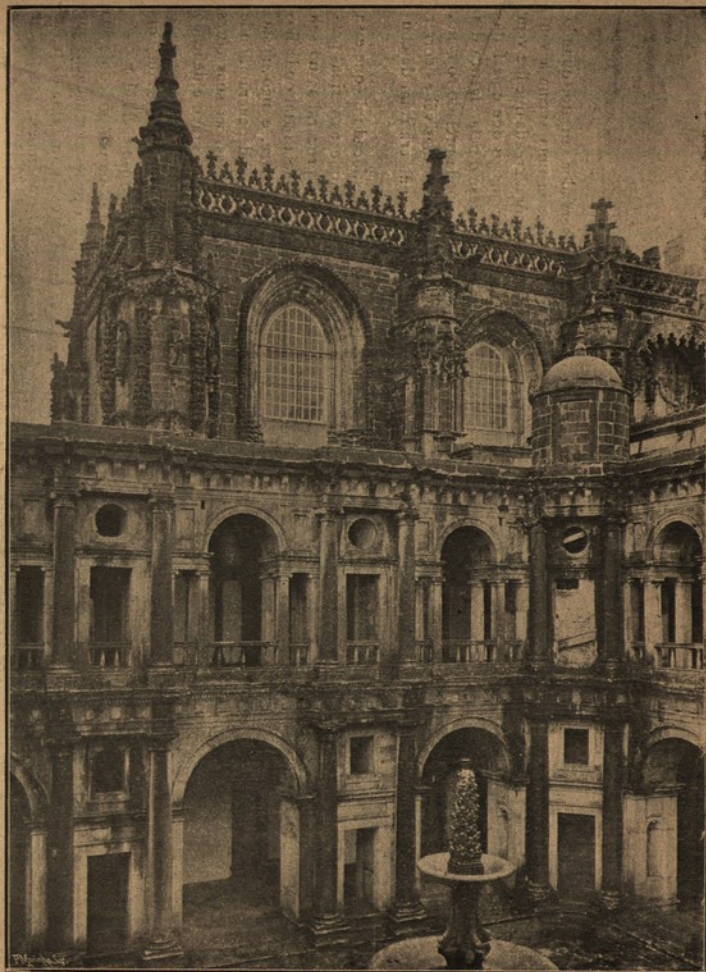
Ama áquelle que no altar
Do amor constante e divino
Vem unir o seu destino
Ao teu destino, jasmim!

Sahe ditosa, abençoada,
Vôa d'um lar a outro lar,
Leva ventura sem par,
Deixando magua sem fim!

Aqui te prende o passado,
O porvir te espera além;
Teu coração hoje tem
Duplo dever a cumprir!

Na saudade e na esperança
Nossas almas vaes lançar,
Filha, sahindo a chorar!
Esposa, entrando a sorrir!

GERMANO VENDRELL.



THOMAR — A EGREJA E O CLAUSTRO DO CONVENTO DE CHRISTO

TYPOS DA RUA

A VARINA



limão de que fala Garrett; estorce-se-lhe a bocca e rouqueja-lhe a voz no uso frequente da linguagem da Angot; e aquellas finas estampas do Norte parece que se transformam n'umas lithographias grosseiras como as que adornam os muros banaes dos botequins.

Procurem-n'as por exemplo na Murtosa e ahi verão o que são essas gregas do Occidente com as suas fórmulas esculpturaes, com a sua pallidez morena, com o seu radioso olhar, em que se não reflecte aquella avidéz baixa do preço da sardinha que avilta os olhos das suas irmãs da capital. A's vezes tambem têm as suas luctas e as suas coleras, e nas discussões asperas da divisão do peixe erguem-se de subito as imprecações fulminantes. Mas não nos achamos em presença das Angots réles que vomitam injurias de bocca torcida; o que temos deante de nós é uma Electra a fulminar Clytemnestra com as imprecações de Sophocles, soltando os cabellos, torcendo os braços, tragica, sublime ás vezes nas investigações da sua ira. O mar, que as educou, foi que lhes ensinou as suas coleras, como os pinheiros dos areaes lhes ensinaram, em dias de temporal, as suas esbeltas attitudes. Não as desbotaram as emanações mephiticas do Aterro, ainda por ellas não roçou a aza polluida da prostituição lisbonense, nem as fez escravas o contacto deprimente dos sultões de baixa esphera. Flores gentilissimas da Murtosa quem ha de reconhecer-vos no lamaçal da cidade? Tendes lá as romarias á beira mar, os descantes á luz placida da lua nos campos orvalhados, as fontes limpidas e claras onde ides lavar o rosto nas manhãs de S. João, o ar impregnado dos aromas da terra e das emanações salinas do mar, como podeis conservar essa nativa gentileza n'este ambiente pestifero das ruas estreitas e immundas, com os descantes obscenos, a pandega vil da taberna enfumaçada e quente? As vossas fontes das manhãs de S. João são os marcos fontenarios da companhia, o luar que vêdes é o luar municipal dos lampiões, e as romarias os arraiaes bulhentos e sordidos dos arredores.

A's vezes as varinas procriam na cidade, e nada mais triste do que essas creaturas nascidas na regueira das capitaes, que nem ao menos abriam os olhos á luz do ceu amplo e sereno, os pulmões aos effluvios resinosos dos pinhaes, e os ouvidos ao canto embalador do Oceano. As varinas de Lisboa são como as laranjas em Paris, fructa de estufa, engelhada e sem sabor. Por isso ao tal prelado estrangeiro que ia para o Aterro vêr as peixeiras, todo o homem que prezasse a gloria portugueza devia dizer:

— Monsenhor: Laranjas em Setubal, varinas na Murtosa.

É impossível que o observador sensato, quando vê á porta de uma escada uma varina a vender peixe e a descompôr a creada que lhe vem fazer as compras, não diga comsigo que é perfeitamente convencional o entusiasmo pela plastica das varinas, e que a tradição d'aquelle prelado romano, que aqui esteve e que ia todos os dias vê-las correr no Aterro, prova apenas que não era ruim de contentar esse patricio de Raphael.

E comtudo nada ha mais justificado do que essa fama de belleza e de elegancia que as varinas possuem, mas o que é necessario é procural-as no seu meio, na sua atmospheria, na aldeia natal onde florescem, em plena terra, ao ar livre, e não n'estas estufas das grandes cidades, onde degeneram, onde perdem as suas qualidades nativas, as suas côres fresquissimas, e até aquelle recato grave e delicado com que vão guiando nos campos da Murtosa, a caminho do mar que açoita ao longe os areaes da Torreira, o seu carro de bois, vagaroso e chiador.

Conservam ainda em Lisboa um pouco da sua natural elegancia, porque o esforço muscular, que fazem para manter firme na cabeça a celha de peixe, conserva-lhes o corpo desempenado, graciosa e bem ondulada a curva do seu busto.

Mas o ar empestado do bairro varino desbotalhes as côres e murcha-lhes a frescura; a promiscuidade d'aquelle meio corrupto e corruptor parece que apaga no seu olhar a luz serena e fulgurante que o sol das suas terras accende nas suas pupillas; o seio firme toma aquelle pendor *não grato* do verde

PINHEIRO CHAGAS.



Camões mnemonizado por Castilho



CAMÕES



CASTILHO

A família Castilho, sobretudo os irmãos Alexandre e José, foi muito dada a estudos mnemonicos, e foi do ensino d'esta sciencia, ou antes d'esta gymnastica da memoria, que elles principalmente viveram durante a época da sua emigração em França, nos tempos lastimosos da revolução constitucional. O sr. visconde de Castilho esboçou esse periodo da actividade didactica de seus tios no interessantissimo livro, que é o mais solemne e piedoso voto depositado na urna funeraria de seu pae — *Memorias de Castilho*.

Eu possuo uma folha avulso (4 pag. inn.) que, parecendo á primeira vista uma coisa insignificante e que outro qualquer lançaria ao cesto dos papeis inúteis, me veio todavia ministrar algumas informações e despertar a curiosidade sobre coisas que passavam ignoradas ou levemente sabidas. E' um catalogo das *Obras dos Irmãos Castilhos*, de que uma porção se achava á venda na rua do Arsenal n.º 52, 1.º andar. Ahi se enumeram os escriptos de Antonio Feliciano de Castilho, Adriano Ernesto de Castilho, Augusto Frederico de Castilho, José Feliciano de Castilho, Alexandre Magno de Castilho, Albino Eduardo de Castilho, e em seguida os escriptos da collaboração fraterna: José em companhia de Antonio, Adriano e Alexandre.

Todas as obras, ou quasi todas, conhecia eu, mais ou menos directamente, mas o que foi para mim revelação e surpresa foi o nome de Albino Eduardo de Castilho, de quem se annunciava a seguinte obra: *Histoire de France mnemonisée* — 1 vol. Carcassona, 1832.

Fui ao *Diccionario Bibliographico* e não encontrei lá este nome. Fui ás notas do drama *Camões*, onde vem uma extensa noticia genealogica e litteraria da familia Castilho, e a mesma omissão e o mesmo silencio. Confesso que senti verdadeira estranheza e espicaçado pela curiosidade procurei desvendar o que se me afigurava um mysterio. Quem me havia de resolver o problema? Bati a boa porta, achei excellente explicador, e fui recebido com a affabilidade do costume. Foi o meu dedicado amigo o sr. visconde de Castilho, que me segredou em rapidos traços a vida aventureira de seu tio, que foi morrer desastradamente a Hespanha. E' interessantissima a carta que a este respeito me escreveu, mas julgo não dever reproduzi-la, porque encerra pormenores de character intimo. O meu intento principal era apenas avivar um nome litterario, élo perdido da cadeia da mnemonica portugueza. Se não satisfaço mais complementamente a indiscreta curiosidade dos esmerilhadores da vida alheia, creio ter cumprido com o meu dever, levantando uma ponta do véo, e decifrando em parte o que parecia um enigma.

As obras mnemotechnicas, em que entrou a collaboração de José e Alexandre, e que vem mencionadas no alludido catalogo, são as seguintes:

Souvenirs du cours de mnemotechnie, 1 vol. Saint-Maló, 1831.

Traité de mnemotechnie, 1 vol. Publicaram-se oito edições em Paris e Bordeus, de 1831 a 1835.

Dictionnaire mnemotechnique, 1 vol, Publicaram-se 6 edições, em Paris, Bordeus e Lyão, no mesmo periodo.

Mnemonisation des souverains Pontifes, 1 folheto. Bordeus, 1834.

Mnemonisation des conciles generaux, idem, idem, idem.

Mnemonisation de l'histoire ecclesiastique, 1 folheto. Arles, 1835.

Pois apesar da lista já não ser pequena, ainda está incompleta. Ha pouco tempo obtive eu, mandado vir d'um livreiro da Belgica, o seguinte opusculo:

Recueil des questions auxquelles M. de Castilho s'engage á repondre dans ses séances publiques de mnemotechnie.

E' em 8.º com 157 paginas e foi impresso por A. Goujon, em Saint-Germain, no anno de 1832. N'elle se declara que está á venda, assim como as demais obras do mesmo auctor, em Paris, em casa do sr. Chavigny, Faubourg Poissonnière, n.º 66.

Nas *Epocas notaveis antes de Jesus Christo* traz a publicação do poema de Camoens em 1572, e nas *Datas da morte d'um grande numero de homens celebres* colloca a sua morte em 1579.

No *Traité de Mnemotechnie*, (edição de Paris de 1833) vem mnemonisada da seguinte maneira a morte do insigne poeta (pag. 24) :

«Morte de Camoens 1579 — Que j'aime *Camoens*, quand il decrit les *combats* (l k b, 579, c á-d 1579)».

*
* *
*

Antonio Feliciano de Castilho seguiu as pisadas dos irmãos e pagou tambem o seu tributo á arte. Aqui tenho deante de mim um trabalho seu n'este genero intitulado : *Traitado de Mnemonica ou Metodo facilmo para decorar muito em pouco tempo*. E' um volume em 8.º, de 220 paginas, estampado em 1851 na Imprensa Nacional de Lisboa.

Possuia Castilho um grande talento didactico e expunha com perceptivel claresa todas as materias que desejava inculcar. Era poeta e como poeta amenisava os mais aridos assumptos. Eu confesso todavia que a mnemonica ainda que methosidada por tão grande mestre, não me seduz. Parece-me até que, pelo menos para algumas intelligencias refractarias como a minha, longe de ser um beneficio, será um trambolho. Como quer que seja, Castilho apresenta as regras fundamentaes do seu methodo e explana quaes são os signaes graphics do mnemonico. E exemplifica a leitura com a primeira oitava dos *Lusiadas*. As vogaes são despresadas e das articulações ainda algumas ha que são omittidas tambem. Quer o leitor apreciar de *visu*? Eis aqui o quadro apresentado por o autor da *Chave do enigma*. A primeira linha é o verso do poeta; a segunda a sua representação mnemonica :

As		armas		e		os		varões		assignalados
s		rms		-		s		vrs		snlds
Que		da		occidental		praia		luzitana		
q		d		sdtl		p		lztñ		
Por		mares		nunca		dantes		navegados		
pr		mrs		nq		dtñ		nvgds		
P'assaram		inda		além		da		Taprobana		
psr		d		l		d		lprbn		
Que		em		perigos		e		guerras		exforçados
q		-		prgs		-		grñ		xfrñds
Mais		do		que		permittia		a força		humana
ms		d		q		prmt		- frñ		mñ
Entre		gente		remota		edificaram				
tr		jt		rmt		dfqr				
Novo		reino		que		tanto		sublimaram		
nv		rn		q		tt		sblmñ		

A obra de Castilho tem como appendice uma serie de factos da historia universal com a correspondente quadra mnemonica. Não comprehendo como seja mais facil decorar uma quadra do que decorar uma data, mas póde ser que haja cerebros para os quaes seja vantajosissima esta substituição de valores. A morte de Camões, correspondente a 1579, é assim mnemonisada :

Camoões tão alto o seu nome
No tempo da gloria estampa,
Que de toda a parte é lido,
Que esse tempo é *delle a campã*.

A' façanha de Vasco da Gama, o ter dobrado o cabo Tormentoso em 1497, repetindo assim a proesa de Bartholomeu Dias, correspondem estes versos :

Quando o Adamastor aos Lusos
Bradou : «que vos leve a bréca».
Respondeu o Gama «avante»
«Que tal está o *da rabeça*?!»

A morte de D. Ignez de Castro, em 1344, é assim solemnizada :

Parae, crueis homicidas !
D'Ignez o crime qual é ?
Ama o esposo, os filhos ama,
Somente *de amor é ré*.

Como se vê, ao tempo em que Castilho publicou o seu *Traitado*, ainda o visconde de Juromenha não tinha descoberto a verdadeira data da morte de Luiz de Camões — 10 de junho de 1580.

N'uma obra italiana de assumpto identico, intitulada *Memoria Transcendentale*, de Enrico Longono, publicada em Milão em 1830, na resenha dos nascimentos e mortes de alguns homens illustres — *Nascita e morte de alcuni homini illustri* — tambem se marca, relativamente a Camões, o periodo de 1517-1579.

Sousa VITERBO.

Satania

(B.)

Quando o Diabo cantou
A' porta de Margarida,
Levava a cabeça erguida,
E a Lua ouviu e chorou...

Dizia assim, em segredo,
No choro da serenata:
«Vem á janella, insensata,
Que os astros olham a mêdo...»

Esperam te mais perfumes
Que os da Arabia, pomba mansa!
E para o oiro da trança
Pedras' claras como lumes...»

E havia risos occultos,
Tinintes nos arvoredos,
Como lendarios bruxedos
E esguios, aduncos vultos...

Quando, n'um sorriso terno,
Mostrou se a rola assustada,
Retiniu uma risada,
Como chocalhos do Inferno!

E ella caiu nos abrolhos
Da grande Melancolia,
— Como caiu nos teus olhos
Minha Alma, ouvindo-te um dia...



SÓ!

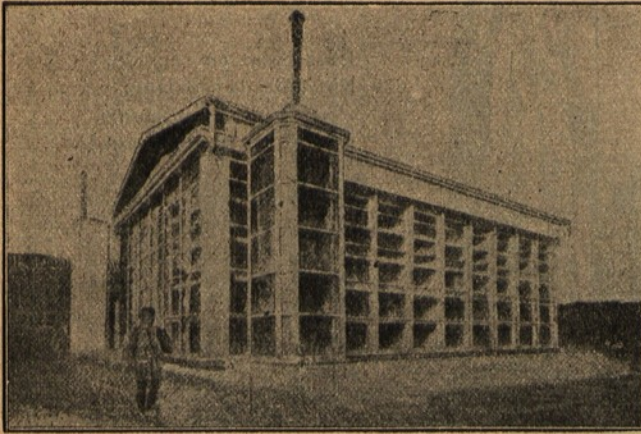
JULIO BPANDÃO.

AS QUEIMAS



Curiosidades Scientificas

A CASA HYGIENICA DE VIDRO



(Fig. 1) — A casa higienica — Vista geral

mediario corre uma solução concentrada de alumen ou de sal de soda.

Para estabelecer as paredes do edificio, fixaram-se caixilhos de vidro com 920 millimetros de comprimento por 610 de largo, em quadros fundidos, de modo a formar uma caixa. Obtido assim um certo numero de caixas são aparafusadas umas sobre as outras pelas esquadrias, até que se tenha constituido uma tira do comprimento da parede. Em seguida sobrepoem-se o numero que se quizer de tiras d'estas até ao alto da parede. A principio, o dr. Van der Heyden teve tenção de construir o telhado da mesma maneira que as paredes. Mas a experiencia demonstrou lhe que era inutil. A figura 3 mostra que o telhado é constituido de placas de vidro em cujas juntas se collocaram bandas de cautchuc e sobre as quaes se poz uma camada de cinza recoberta de uma leve moldura de madeira revestida de cimento. Assim, o tecto não é transparente, mas em troca é constituido de materiaes que são impermeaveis ao calor, tanto exterior como interior.

Pela descripção que acabamos de dar vê-se que a casa do dr. Van der Heyden é uma caixa de vidro, bem iluminada, sem janellas nem portas. Não existe, por consequencia, nenhuma fenda nem abertura pela qual o ar, a humidade, os insectos, o pó ou os microbios possam introduzir-se e incomodar os habitantes.

Graças á côr da solução com que se preenchem os intersticios entre os dois lados de cada parede, e que pôde variar segundo o gosto do proprietario e as lições da experiencia, a luz nos compartimentos é, mesmo á hora em que o sol é mais ardente, diffusa e agradavel á vista. O sobrado é feito de laminas duplas, entre as quaes se e-palha serradura, para intervallar. No sobrado ha fios d'admissão do ar, e tem, além d'isso, quatro grandes placas de vidro que dão claridade a um compartimento inferior que é em parte subterraneo.

Entra-se na casa por um corredor que conduz ao quarto que acabamos de descrever assim como á escada. As portas n'este corredor estão dispostas de modo a deixar entrar muito pouco ar, quando uma pessoa entre ou saia. O ar frio é introduzido por um ou muitos fios conductores que desembocam acima do solo a uma certa distancia da casa e que communicam com um tunnel ou com fios conductores collocados no compartimento subterraneo. Antes de entrar n'este compartimento, o ar é filtrado passando por gaiolas cheias de algodão. Ao sahir do filtro, o ar bate n'um grande caixilho de vidro untado de glicerina onde ficam os poucos microbios que tenham escapado ao passar pelo algodão. D'este modo, o dr. Van der Heyden crê que o ar que entra na sua casa possui as qualidades requeridas para se respirar. Do quarto subterraneo, o ar assim purificado chega aos fios conductores de admissão collocados no sobrado, e d'ahi ao quarto superior, d'onde sae por uma especie de ventilador aberto perto do tecto.

A toda a roda do edificio e communicando com os fios conductores de admissão do ar, dispoz-se um quarto em forma de sino que é coberto de vidro ordinario. Geralmente descobriu-se que o calor que reina n'este sino é sufficiente para produzir uma corrente para um fogão, que é tambem construido de modo a ser aquecido pelos raios do sol. Na chaminé fez-se uma abertura pela qual pôde escorrer a agua da chuva. Quanto mais abundante é a chuva e mais ardentes são os raios do sol, mais bem ventilados são os compartimentos.

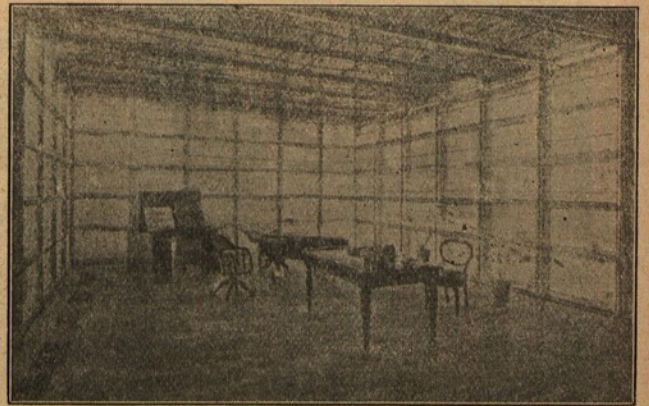
O doutor Van der Heyden reivindica para a sua casa a vantagem de não apresentar cantos escuros, o que impede os microbios de se fixarem e multiplicarem.

A ventilação tambem é excellente, como

O doutor Van der Heyden, medico hollandez, residente em Yokohama, mandou ha pouco construir uma casa de vidro, segundo planos seus.

O fim principal que o dr. Van der Heyden teve em vista foi obter a constancia da temperatura n'um alojamento salubre, reduzindo ao mesmo tempo a despeza do combustivel ao minimo. Como além d'isso, o medico hollandez habita uma região sujeita a frequentes tremores de terra, julgou dever resolver o problema da edificação de uma casa fóra do alcance d'estes phenomenos terrestres. Effectivamente, a casa de que se trata, tendo sido construida em Yokohama, nos terrenos do hospital geral, tem resistido a mais de 300 abalos de terra.

O edificio (fig. 1 e 2) tem 15^m,42 de comprimento. 7 metros de largura e 5^m,18 de altura; é todo construido com vidro. As placas de vidro são despolidas e têm uma espessura de 12 millimetros approximadamente; cada parede é feita de duas placas de vidro paralelas separadas por um espaço vazio de 100 millimetros; n'esse espaço inter-



(Fig. 2) — Vista do interior

se verificou collocando anemometros nas diferentes partes do edificio.

Além d'isso como as paredes são de vidro, podem ser facilmente e frequentemente lavadas, só com agua, ou com uma solução antiseptica.

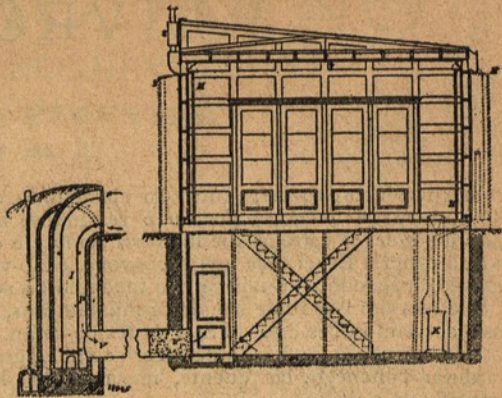
Constatou-se que o leite, a manteiga, e outras materias putresciveis, se conservam mais tempo n'esta casa do que nas habitações ordinarias.

A maneira como o edificio actúa como reservatorio de calor é bastante curiosa.

Emquanto o sol brilha, o calor solar em vez de passar atravez das paredes da casa e elevar a temperatura no interior, como n'uma estufa, é absorvido pelo liquido que se encontra entre as paredes e entra em dissolução uma quantidade maior de sal.

A' noite, quando a temperatura abaixa e o liquido arrefece, o sal dissolvido tem uma tendencia para se crystallisar de novo e durante a crystallisação desenvolve calor.

Como no exterior das paredes se dispoz um espaço coberto de vidros de caixilhos ordinarios, a perda de calor é reduzida ao minimum; e finalmente, o calor armazenado durante o dia e conservado no interior da casa não pode, como o das estufas, abaixar bruscamente.



(Fig. 3) — Córte transversal

SCENAS DA RUA



LIVROS NOVOS

«CINZAS»

DE QUEIROZ RIBEIRO

ESTE livro acordou-me, dentro da alma, todo um amoroso Lar, povoado de velhinhos, de creanças, de noivos, a chorar e a rir... Sincero e resignado, as torturas do Poeta guardam no fundo da gruta-dos-desesperos uma doirada estrella que lhe sorri sempre e o diadema de esperanças.

E' a propria Esperança que o convoca, e, ao vel-o a arrepelar-se, e a punhar o peito, o enlaça nos seus braços de musgo, apagando com um beijo o incendio do seu coração...

Elle tem um Lar onde cantaram mil venturas, onde a felicidade riu, onde as madrugadas foram dos mais finos oiros; corriam doces dias de Sol, tardes de setim. Cantavam nas almas, namoradas cotovias, de garganta fresca e sã. Alli a carinhosa mulher, a desfazer-se em afagos; no seu regaço, as alvoradas dos filhos. E mil suaves carinhos, um salutar concheço, lar quente, meza lavada, leito perfumado — assim foi o prolongamento das suas nupcias, acompanhado a violino.

Ria o Sol, por cada dia, um novo poema. O cabanal do artista, não havia torvellinho de vento que o abalasse... tranquillo, no isolamento das suas alegrias, a olhar pelas sacadas floridas todo um lindo paiz, onde os passiores cantam e onde cada marinheiro traz consigo um bocado de epopeia — o Poeta, a meio dos filhos, figura-se-me um doce Pae, um estremecido Esposo, avaro da sua ventura.

Uma noite, porém, o mocho agoireiro foi piar no seu beirado; as estrellas apagaram-se; só a Lua quedou no Ceu, pallida, como a figurar uma lasca de marmore. Era um tumulo a rolar na estrada larga das suas felicidades. Ramalharam ciprestes; o coveiro temperou o enxadão da morte.

Apagou-se o lume de oiro do Lar; ficaram cinzas. — Eis a primeira jornada do livro, trilhada n'um florido caminho com um barrocal ao fundo... A' partida, cantaram melros nos silveirae; agora a voz das corujas enche todo o crepe das noites.

Mas, embora! que, a meio d'esse bosque de goivos, na alma do Poeta, renasce a Fé que a saudade pôz no altar do seu peito. E' a braza debaixo das cinzas...

*

Morreu-lhe a mulher; e, ao sangrar d'essa funda punhalada, mil tristezas lhe acordam dentro do seio. O seu canto, de ora em diante, será um dorido roteiro de lagrimas — Sol de lucto, arvores em outomno. Tem um som estrangulado as cordas da sua viola; e as suas falas, os seus gritos desesperados, os seus soluços, são arrancados á ponta de bisturi, trazendo agarrados pedaços da alma.

Acostumado, pela dôr, á tortura das grandes dôres, a sua caminhada de Poeta vae agora cheia de espectros, de sombras, de cinzas. Leva ao peito, como uma flôr adorada, um ramo de goivos. E, em todo o campo-santo das saudades, as sepulturas dos seus Mortos são como os marcos-millenarios do drama das suas angustias. A Avô, a Irmã, a Pae, espectralmente, vão-n'ó abraçando e dando-lhe a beber envenenados philtros pela taça das covas.

O' grande Dôr! O' Dôr-de-sempre! camarada dos escravos da Alma! Vem rever-te nos teus versos, e deixa de uma vez o coração do Poeta desafogado, para que elle tenha, a meio das cinzas das suas saudades, a braza-de-oiro d'um allivio!

*

E' todo o livro um Mondego de elegias — sereno, calmo, a arrulhar entre freixos; de longe a longe, porém, um desespero lhe tolhe a carreira, e as aguas tumultuam, cachoando entre duras lapas. N'esses angustiados instantes, o Poeta encara com Deus, frente a frente, e tem o orgulho sublime de lhe fazer estranhas interrogações, para que o eterno mysterio do seu Infinito se lhe aclare e venha até á sua alma. Mas rapidos instantes são esses, que logo o seu humilde coração acode, resignado e bom, a pôr-se de joelhos, adorando-o sempre.

As amargas saudades dos seus Mortos não lhe abarcam nem deslastram a sua ingenua crença. E, apesar dos luctos que vestem a paizagem das suas chimeras, o seu pranto tem sempre o sereno correr das lagrimas resignadas.

Sem Esposa, sem Avô, sem Irmã, sem esses dedicados carinhos que lhe amimaram a vida negra, o Poeta vai, entretanto, confiado no azul do Ceu, crente na luz bemdita dos seus astros, humilde na sua resignação, cheio de fé.

Por isso a sua jornada lyrica lembra a d'um mendigo erradio, que vai de porta em porta chorar os seus desalentos; e, quando alguém o queira favorecer com a sua esmola, o Poeta responderá, humildemente e orgulhosamente:

— «Obrigado, meu senhor. A minha alma é rica de esperanças. Não precisa do vosso allivio.» —

E concentra-se e embebece-se na contemplação dos seus amargores; e eis o seu viver doce, a desfiar o rosario das saudades.

*

Assim, as *Cinzas* são um livro, acima de todas as riquezas da forma, profundamente sincero. E, desde que a obra seja o apello da alma que a concebeu e a depurou, não podem recusar-se as nossas adorações a ir-lhe ao encontro, e desenrolar-lhe um tapete de flôres, para que ella passe, caminho da nossa alma.

Queiroz Ribeiro não é um novo de ha meia hora. O seu nome litterario veio-lhe d'um livro ha tempos publicado. E, a par d'isso, a politica portugueza dos ultimos annos deve-lhe a elle o que deve a muito raros paladinos — um bocado de coração. Ahí o vimos, ainda ha tempos, n'uma altiva propaganda, cheio de alma, energico, com um grande Ideal de justiça a rebentar-lhe de lá de dentro. (Não sei se a multidão o comprehendeu; é natural que fuisse que sim.)

Pois bem: — o orador das praças, cabellos revoltos, olhar quente, rasgado gesto, é a mesma alma sonhadora das *Cinzas* que veio agora chorar os seus calmos desesperos.

As lamas do mundo não lhe salpicaram a alma. Antes assim.

*

Chorar, toda a vez que as lagrimas sejam uma sincera depuração d'um sentimento, é alliviar os pezos que nos carregam, e acordar a sympathia dos que passam á porta do nosso coração. Por isso, as *Cinzas* de Queiroz Ribeiro são, quanto a mim que chorei com ellas, um fiel detalhe do grande Drama espirital que se chama a Dôr. Não intervem n'elle falsos personagens, nem o seu elegiaco entredo é cortado de lances chimericos.

As *Cinzas* são verdadeiramente os restos do coração, queimado no grande incendio da Dôr. Por isso as adoro e sinto bem as lagrimas fundas que as orvalham.

ADOLFO PORTELLA.

PORTUGAL MODERNO

A QUÉDA (DO ANTIGO REGIMEN)

Por **ANTONIO DE SERPA PIMENTEL**

UM VOL. BR., 500 RS., ENCAD., 700 RS.

O LIVRO DO MONTE

(ECLOGAS E GEORGICAS)

Por **BULHÃO PATO**

1 Volume brochado, 600 réis, encad., 800 réis

OS DOIS RIVAES

ROMANCE DE ARMAND LAPOINT

TRADUÇÃO DE

JOAQUIM DE SEQUEIRA

1 Volume de 176 paginas,
brochado, 100 réis.



Novidades Literarias da Casa Editora Antonio Maria Pereira



CINZAS

POEMA LYRICO

DE

QUEIROZ RIBEIRO

Um volume br., 700 rs., encad., 1:000 rs.

UM MOTIM HA 100 ANNOS

CELEBRE ROMANCE DE ARNALDO GAMA

3.^a EDIÇÃO

Um volume de 400 paginas, com o retrato do auctor. Encad., 1:000 rs.

ELEMENTOS DE SCIENCIA SOCIAL, ou religião physica, sexual e natural

Exposição da verdadeira causa e do unico remedio dos tres principaes males sociaes : A pobreza, a prostituição e o celibato, por um doutor em medicina. Acaba de sahir a 2.^a edição portugueza, traduzida da 31.^a edição ingleza, revista e corrigida pelo auctor. Um bello volume de 550 paginas, 500 réis. Pelo correio, 550 réis.

A CHAVE DA SCIENCIA

CU

A explicação dos principaes phenomenos da natureza

OBRA AMPLIADA NA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA POR

HENRIQUE DE PARVILLE

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ POR

JOSÉ QUINTINO TRAVASSOS LOPES

Completamente refundida pelo traductor e por elle enriquecida com um grande numero de novos exemplos, perguntas, definições, problemas, biographias dos benemeritos da sciencia, interessantes experiencias de physica recreativa, novos inventos, descobertas e applicações das sciencias, artes e industrias, etc., etc.

Embellizada com mais de 400 gravuras

Um bello volume, brochado, 1\$500 réis. Com uma linda encadernação especial a preto e ouro fino, 2\$000 réis.

Livraria do editor ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, a 54 — LISBOA

L. KUHNE

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS CONSELHOS ÀS MÃES, PAES E EDUCADORES

Alimentação; somno; distração e occupação;
preceitos práticos auctorisados pela observação e pelo exemplo

TRADUÇÃO DE

LUIZ CARDOSO

1 Volume 200 réis. Pelo correio 220 réis

O NOVO SYSTEMA DE CURAR EXPOSIÇÃO, APRECIÇÃO E GUIA PRÁTICO

POR

J. A. BENTES

1 Volume 400 réis. Pelo correio 420 réis

COZINHA VEGETARIANA

Tratado theorico e prático da alimentação segundo a natureza, por E. Baltzer, livro muito recommendado e citado por L. Kuhne na sua obra. Unico e verdadeiro tratado d'este genero e que indistinctamente convem aos que se tratam pelo systema Kuhne, ou pelo systema Kneipp, ou por qualquer outro systema. — Centenares de receitas e formulas para cozinhar os legumes, fructos, leite, farinhas, ovos, cacau, chocolate, pastelaria — toda uma cozinha variada, appetitosa, hygienica, saudavel e economica, segundo o systema do afamado hygienista L. Kuhne.

1 Volume 400 réis. Pelo correio 440 réis

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO



MULHER TURCA

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Lesenhos á penna,
e a lapis.
Quadros a oleo,
aguarell , etc.
Illustrações de toa.
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
anuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço ; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos ; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representantes : — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º ; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBCAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 42

LISBOA, 17 DE JANEIRO DE 1897

1.º ANNO

Instituto de Ophthalmologia de Lisboa



SALA DE CONSULTA

POUCA gente haverá, ainda por leiga que seja em materia scientifica, que ignore as vantagens que advêm para a sociedade, especialmente para aquelles a quem os meios de fortuna não abundam, antes escasseiam, da sustentação d'um instituto como aquelle de que nos estamos occupando : o *Instituto d'Ophthalmologia de Lisboa*.

Infelizmente, no nosso paiz e velho uso descurar as questões d'onde possa resultar um beneficio, por pequeno que seja, para o relativo bem estar dos desprotegidos da sorte, para unicamente se pensar em mesquinhas, a que

a politica não é indifferente — o que apenas serve para satisfazer a vaidade d'uns e o interesse d'outros. É como a onda dos que chegam, vencida por essa indolencia tão proverbial e caracteristica do nosso povo, se deixa empolgar facilmente pelas ideias, ainda que retrogadas, dos que já cá estavam, este doce mas covarde e indecoroso *modus vivendi* prolonga-se indefinidamente, sem obstaculos, sem entaves, suavemente como o deslizar da areia nos globulos d'uma ampulheta...

Vem isto a proposito da campanha que ahi se levantou, não sabemos — ou não queremos saber... — com que *patriotico* fim, quando, pela primeira vez, se aventou a ideia da creação d'um Instituto de Ophthalmologia.

De toda a parte surgiam difficuldades; ninguem queria vêr com os olhos da razão o que, convertido de simples projecto em realidade, trazia evidentemente para o paiz longas vantagens; os obstaculos irrompiam instante-



ENFERMARIA DAS MULHERES

mente de todos os lados, e insidiosamente, — o que é sempre peor porque esgrimir com a sombra é tempo perdido... — vinha o veneno da calumnia inquirar a pureza de tão grandiosa ideia!

Felizmente todas as difficuldades foram removidas corajosamente e em agosto de 1889, sendo ministro do reino o sr. conselheiro José Luciano de Castro, foi creado o *Instituto de Ophthalmologia de Lisboa* e encarregado de o dirigir o dr. Gama Pinto, uma das individualidades mais justamente respeitadas e queridas, uma das intelligencias mais solidamente organisadas do mundo scientifico.

Effectivamente a escolha não podia ter sido mais acertada e a prova é que essa nomeação foi recebida pelos vultos mais eminentes da classe medica com o mais rasgado e franco elogio.

E assim devia ser. O dr. Gama Pinto, que é hoje inquestionavelmente entre nós o primeiro especialista de doencas d'olhos foi, no seu tempo, um dos alumnos mais considerados e distinctos da Escola Medica de Lisboa, onde revelou a par dos vastissimos recursos da sua intelligencia cristallina, o mais entranhado amor pelo estudo de tudo o que directamente ou indirectamente se relacionava com a especialidade a que, mais tarde, devia dedicar-se e que effectivamente hoje, como um verdadeiro sacerdocio, elle exerce com desusada paixão, consagrando-lhe todo o seu tempo, todo o seu saber, toda a sua infatigavel paciencia.



ENFERMARIA DAS CREANÇAS

Segundo esta ultima reorganisação o Instituto devia ter pelo menos 60 camas. Pois apesar d'isso, devido unicamente aos esforços do dr. Gama Pinto, as enfermarias comportam actualmente 85 camas e dentro em pouco esse numero será elevado a 100, sem novos encargos para o Estado.

Em tão pouco tempo, qual o que vem desde a sua fundação até hoje, não se podia fazer mais.

O dr. Gama Pinto, infatigavel sempre em tudo que possa contribuir para o engrandecimento e bom nome do estabelecimento de que louavelmente lhe confiaram a direcção, dedica-se com toda a alma, com o mais evangelico e paciente amor ao tratamento dos seus doentes, que o estimam com o mais entranhado affecto, tendo para todos o mesmo sorriso de bondade, palavras acariciadoras que confortam e encham de esperanças.

Para coadjuvarem o director ha no instituto mais dois medicos: o dr. Meyer, chefe de clinica, e o dr. Luiz da Costa, ajudante.

Encarecer os meritos tanto d'um como d'outro seria superfluo: basta vêr que um medico illustre como o dr. Gama Pinto não poderia ter a seu lado, para o coadjuvar, homens que não merecessem pelos seus talentos essa distincção.

As enfermarias, onde impera o mais rigoroso aceio, são confortaveis e as irmãs hospitaleiras que ali prestam serviço não se poupam a trabalhos para que aos doentes nada falte e os cerque sempre o mais invejavel conforto.

O Instituto de Ophthalmologia de Lisboa, que recebe doentes de ambos os sexos é dividido nas seguintes enfermarias: Enfermaria das creanças; enfermaria das mulheres; sala para mulheres operadas; secção (com dois quartos grandes) para doenças contagiosas, onde são recolhidas tambem as creanças de ambos os sexos que soffrem da mesma doença. Para os homens ha o mesmo numero de enfermarias, dispostas convenientemente no mesmo edificio, mas em plano differente.

Encarecer o proveito de semelhante instituição escusado se torna: basta dizer que á consulta, que é gratuita, concorrem diariamente umas 300 pessoas! Que nunca as benções de Deus deixem de cair sobre aquelle que tantos beneficios espalha pelas classes menos abastadas da cidade!

ANTONIO SARMENTO.

Em 1878, que foi quando completou brilhantemente o seu curso, desejando estudar de perto os progressos que lá fóra se iam manifestando no ramo de sciencia que escolhera mais particularmente para seu estudo, partia para França, Austria e Alemanha, merecendo, passado algum tempo de estar n'esta ultima nação, a honra de ser escolhido pelos seus meritos, alli bem apreciados, para reger como professor aggregado uma cadeira na Universidade de Heidelberg. Ahi se conservou até 1888 em que, tendo vindo de visita á sua patria, o seu nome foi apontado para dirigir o Instituto de Ophthalmologia, que então se pensava em crear.

Foi pois em 1889 que Lisboa, graças á dedicação do dr. Gama Pinto, pôde ser dotado com um estabelecimento que é d'uma utilidade incontestavel para o paiz e que, no seu genero, é o primeiro que temos.

Mais tarde — um anno depois — sendo presidente do conselho de ministros o sr. Antonio de Serpa, as camaras sancionaram a creação do Instituto, sendo calorosamente defendido esse projecto na camara dos pares pelo já fallecido estadista Lopo Vaz.

Mas a má vontade continuava sempre da parte dos que deviam ser, pela sua posição social, os primeiros a sacudir os attrictos de campanario que se pretendiam formar, a cada momento, até que estando no poder o ministro João Chrysostomo, o então ministro do reino, sr. conselheiro Antonio Candido, approvou o orçamento para a installação do Instituto de Ophthalmologia, pondo de vez termo ás insidias d'uns e ás tibiezas d'outros. Passava-se isto em março de 1891.

Foi então que finalmente começou a funcionar no campo de Sant'Anna o Instituto de Ophthalmologia de Lisboa, com o n.º, aliás diminuto para as exigencias, mas grande para as difficuldades com que se teve de affrontar de 60 camas.

Em 1893, reconhecendo-se a necessidade de ampliar aquelle estabelecimento, que tão bons serviços estava prestando, foi então reorganizado pelo actual ministro do reino, reorganisação que obteve a approvação das duas camaras.



VESTIBULO



O OBSERVATORIO NO JARDIM DA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA



O CRUEL E TRISTE FADO

O UNICO povo do mundo que canta o fado tem n'este a expressão flagrante e nitida das suas tendências, da sua sentimentalidade e do seu entendiemento; a sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, ou seja n'uma angustia collectiva, ou individualmente, atirando-nos com o pé direito á ventura ou com o esquerdo á desgraça, eis o que n'um anthropismo universal d'onde herdou ou recebeu a maioria dos seus mythos, se destaca como característica propria. E' o acaso que faz de nós ricos ou pobres; é nossa sina a felicidade ou a desventura no amor; é da sorte a fartura ou a miseria, a saude ou a moléstia, a virtude ou crime; é sempre o fado dominando tudo, desde o Senhor D. Miguel que o batia, até ao povo a gemel o!

O nomadismo arabe que nos ficou no san ue encontrou, em condições geographicas especiaes e em circumstancias historicas fortuitas, meios faceis de se expandir, de ser assimilado pela casta isenta d'essa herança e de se transmittir, ao diante, com crescente intensidade. Sofreado nas primeiras tentativas da constituição d'uma nacionalidade, mercê da energia e do entendimento dos primeiros monarchas, a povoarem as manchas incultas, a fazerem arrotear o solo, a fixarem a gente á terra, atrazada ia ainda a grande obra politica d'um grande ideal e já ao rematar a primeira dynastia um lindo principe impedia a marcha d'esse trabalho tão sabiamente encetado, mas ainda rude a proseguir e com paciencia. A inconstancia do seu coração, as suas inverosimeis correrias guerreiras e os caprichos e intrigas em que o envolvia a esposa, a cujo fadario unira o seu, irritaram por vezes o povo n'um clamor de prudencia e de juizo. Mas os primores d'uma rara destreza mascula, o seu trato amavioso e doce, a sua bondade prodiga, attenuavam os impetos da plebe ao cahir d'uma desgraça — que o que tem de ser tem muita força.

Enraizou o precedente, e a mescla ethnica que mandava, dirigiu a actividade governativa para as conquistas em Africa. O bom successo das primeiras aventuras fez explodir na alma portguezua o que n'ella havia de indole errante e moura, pois o captiveiro do Infante Santo, nunca liberto por falta de dinheiro, esquecera ou explicava-se: cumpria o seu fado. A pouco e pouco vai crescendo a ancia de viagem; terras novas, paisagem exotica, riqueza e dominio, tocam a ambição geral.

No principio, aos mais ousados, acompanha os, dos que ficam, a esperanza, a curiosidade e o desejo de que Deus os fade bem; mas breve a narrativa quente das façanhas impulsiona os timidos e os prudentes e tudo quer emigrar, n'um impeto de agarenos, com a miragem do poder e da fortuna.

Entretanto a patria despovoa-se; uns são navegantes, outros acabam em guerras insensatas, que, para as promover, obrigam á venda das pratas das egrejas e, entre outros males, dizimam ou os grandes espiritos como o infante D. Pedro ou os homens validos que ainda restam. Porque estes já são poucos e para a campanha e para os navios forçoso é recrutar gente mercenaria no estrangeiro.

As riquezas da India surgem com o seu deslumbramento. O espirito da aventura alastra de tal sorte, que parece pairar na terra portguezua um delirio das grandezas collectivo. Tudo quer ser marinheiro, mercador, traficante, pirata; o solo fica quasi abandonado; nem pão ha que chegue para os que ficam; nem sequer existe quem teça um vestuario; um rei mesmo, o Venturoso, manda vir estrangeiros para construírem as galés!

Mas a fonte exhaure-se; e o aventureiro que dissipara tão rapido como facil lhe fôra adquirir, porque — ai! para amanhã Deus dará — escusa de continuar errando. Como vivemos? De que dependemos? Dos vaivens da sorte!

Chega a peste! A miseria é tragica e á terra não ha apêgo. Tudo falta, nada se sabe e para mandar vir os necessarios lá de fóra já não voltam os galeões e as caravellas com as especiarias do Oriente. O que tinham conduzido e que parecia jámais cessar de vir, sumira-se para sempre. E na resignação da pobreza só a lição assente fica de que esta vida é um desengano!

Com o que restava de válido ainda se empreheudeu a infausta conquista de Marrocos. Mas tudo denunciou, desde logo, mau agouro e pelos espiritos corraera um como fluido de má sina e de presagio. Dias antes, na capella real, cantara-se um rimance que dizia a desditosa crueza final do ultimo rei godo; e a espada de D. Affonso Henriques, que D. Sebastião pedira aos frades de Santa Cruz, esquecera no navio! A fé na victoria oscillava na massa; a um tempo, a duvida e o presentimento da boa sorte precipitava o desbragamento e o goso antecipados. Diz um chronista que as mulheres, nos seus leitos, esqueciam demasiado que os maridos ainda estavam vivos n'outras plagas. E o certo é que até ellas aborreceram; em Lisboa a pederastia assumira um character epidemico! Ora os reis, como as mulheres, tambem correm o seu fado; estas lá vão dar, de queda em queda, na má vida; o monarcha epilogo a sua chimera, com a morte, na Moirama!

Ao annexar o nosso territorio, a Hespanha encontrou um povo gafo, terra inculta e, para o tempo, uma assombrosa divida publica; nem lavoura nem industria; a fidalguia, n'uma penuria de indigentes, prostituia-se e entregava-se; só a religião esplende, fervorosa e erotica. Rei hespanhol, rei portguez, ao povo tanto se lhe dá. Não ha mares desconhecidos a atravessar e opulencias novas a descobrir? A vêr! E' estreita a patria para um esforço com perigo mas afortunado.

Recuperada a independencia, a ruina mais cresceu com a prolongada guerra a manter por tantos annos. O povo vai, sem affeições e sem estimulos; não abandona elle Affonso VI accetando, em substituição do malfadado, o monarcha que assassina de vez a industria nacional em Methwen?

Mas chega a noticia do oiro e das pedrarias do Brazil. Emfim ! Depois da tempestade a bonança ! E ahi surgem as correrias, ahi está, dominando alto e forte, o que nos legara o strato sarraceno. O exodo realisa-se com demencia, com volupia ; que a alma aventureira portugueza não é feita para o medo das febres da Terra Quente ou da desolação do Mar Coalhado ! O dinheiro abunda, dissipa-se, lança-se fóra. O rei Magnanimo malbarata o em piedade e em luxuria. E é um fado bregeiro por esses conventos fóra.

A obra de Pombal falha, como falhou a de Ericeira, a de Gusmão, a de Castello-Melhor. Desgraçadamente já é tarde para utilizar o manancial americano, creando com elle o trabalho nacional, e derivativamente, o amor da terra, um ideal politico, uma solidariedade de povo, um orgulho de raça. O caminho do Brazil está aberto para já-mais se fechar ; até D. João VI a demanda, essa terra que o portuguez desejou e desejará sempre lhe deixem franca contanto que exercerá lá uma actividade que aqui não lhe acode ao infortunio — inconscientemente, no seu sangue, o fatalismo arabe como um jugo, a indole aventureira repuxando.

*

Tudo entre nós corre o fado, os navegadores e os lobis-homens, as bruxas e as rainhas ; e cada um de nós, chegada a tyrannia morte, tem acabado o seu fadario. N'esta fé cega, que o genio e a vida portugueza explicam, a lassitude na iniciativa, a carencia de um ideal collectivo, o alheamento do povo na obra politico-economica dirigente, comprehendendo-se na nação entontecida de grandezas ou resignada nos desastres que só attribue ao destino. Nunca o povo portuguez se occupou das grandes revoluções na sciencia e nas artes, nunca o uniu o sentimento consciente e altruista de nacionalidade. Clamores isolados, pequenas revoltas, é nada ; o scepticismo d'hoje é o de sempre. Contra o descalabro da patria e na ruina propria não reage nem combate ; espontaneamente, nunca reagiu nem combateu. Foi heroico por dever, se o mandavam, que quanto a si apenas pede que o deixem emigrar, sem protesto, resignado, ou a ceu aberto, ou occulto n'um porão, em saccos, em pipas, em caixões

Portanto, o fado e o que n'elle se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciume, de ausencia, de saudade e principalmente de conformação com o crú e negro imperio do destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é portuguez, é toda uma mentalidade, é toda uma Historia. Na nossa tradição raro se surpreendem ou descobrem manifestações cerebraes que não se filiem no animismo ou nos cultos polytheistas e idolatricos d'outros povos.

A zoolatria, a phylotatria, o phallismo, até as qualidades e vontades humanas attribuidas a objectos reaes ou a ficções, como a vida ás coisas e os sentimentos aos animaes, nada é nosso. Os themas fundamentaes da lyrica popular, quando decalcados na mythologia e ainda se se occupam de sentimentos triviaes, denunciam, com frequencia, recursos de expressão e harmonia e belleza de rythmo ; n'as ou se encontram parallelos na terra extranha de raça affim, ou se desvenda a via transmissora. No nosso romanceiro nada ha cujo thema não seja celtico, romano ou universal. Se a genese do romance peninsular está por conhecer, tem já averiguado folk-loristas e philologos, que os que nós cantamos nos chegaram pelos cruzados,romeiros ou jograes.

Remodelações, apenas, adaptações ; nem um, primitivo e patrio !

A poesia epico-lyrica portugueza, para os que a estudaram n'um fim de manifestação espontanea e typica d'este povo, preocupa-os hoje pela feição dialectal da linguagem !

Portugal tem pois e apenas, de genuinamente seu, o fado ; o fado para a folia, para o amor, para a amargura e até para a morte, em choradinho, z'i á beira do sepulchro ! N'um mesmo schema metrico, de norte a sul, d'antes, hoje e sempre, o povo enquadra todas as suas ic'eias e sentimentos, todos os factos, n'essa melopeia derrancada que só pôde gestar-se n'um paiz que nunca foi mais que uma ruina, raro com lampejos de uma opulencia fruste. Ignez de Castro e a Severa, o bem e o mal, o rosto da lua e as vozes do echo, além-tumulo e a redempção, a paixão, a desdita, o ciume, a vingança, até o Pobre Portugal, tudo se canta n'um mesmo rythmo, n'uma musica de pequenas variantes, alanceada, gemebunda, irreparavel. Não decidiu o povo a sorte do rei de hoje por, a quando a coroação, a bandeira que pendia do alto de S. Domingos ter a corôa para baixo e o sceptro ficar na camara esquecido ! Sempre o cruel e triste fado, actuando, determinando, explicando. Quantos motivos para esses bardos sombrios se soubessem a historia da bella infanta Beringella, que, casando com Wlademario, levou do seu paiz para a Silandia, com a herança paterna de Sancho, o Povoador, a triste sorte de ficar na Dinamarca como symbolo da maldade ! Cantaram-a ali os troveiros ha sete seculos, cantam mesmo hoje a desgraçada, cuja belleza, espantando ainda a insensibilidade hirta dos frios anatomistas pela incomparavel proporção e conformação dos seus despojos, não attenuou o mau fado que de cá a perseguiu !

O criterio geral da sorte do paiz, a cujo governo o povo nunca deixará de ser alheio, é o do fado que correm os lobishomens, á meia noite, nas terças e sextas feiras, olheirentos, chupados, vagabundos, funereos : sete adros, sete encruzilhadas, sete rios, sete vilias acastelladas, sete valles e sete outeiros. Uma e outra são coisas complicadas e penosas para interpretar fóra do mau olhar e da crueldade irremediavel do fadario.

Hontem, ali na rua, passavam homens harpejando, macillentos, queixa de peito, olho em alvo, grenha ao vento, pr'o pagode. Um cantava :

Se vires a mulher perdida
Não a trates com desdem,
Porque Deus tambem castiga,
Não diz quando nem a quem.

conhecido mote d'um fado typico com todo o temperamento d'um povo lá dentro, immundo, vadio, hypocrita, malandro. Miseria social, miseria organica, melopeia sem encanto, sem elevação, sem fuscara, sem ingenuidade, modismo de desespero, de conformação, de penitencia e de perdão, attitude e marcha, emprego da vida e ideal, tudo dá, ao contemplar d'estes grupos, uma noção :

— E' a patria que passa



ROCHA PEIXOTO.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

ANTES de começar o meu conto cumpre-me agradecer em meu nome e da sr.^{ta} Marianna, a tres encantadoras crianças, que me escreveram umas lindas cartinhas. Qual d'ellas merece o premio não sei eu! E' preciso que outros o julguem, pois que, por minha opinião, todos os meus tres amiguinhos são dignos d'elle. Uma porque está mais bem escripta; outra, porque é d'um engraçado rapazinho, que aos oito annos é a primeira carta que dirige a uma senhora; outra, finalmente, porque é escripta por uma menina de sete annos, que para a idade a faz muito bem e foi a primeira que recebi dos meus queridos leitores. Já veem os meus amiguinhos que não sou muito bom juiz! Mas, em compensação, affianço-lhes que sou muito amiga de todos e, quando mesmo não tenha mais leitores, basta-me saber que os meus tres gentis correspondentes esperam ver o meu nome ao fim de um conto para o escrever com o maior gosto e sem olhar a trabalho. Beijo os a todos com muito affecto desejando que lhes agrade a historia da

PADEIRINHA

CONTA SE que existia n'um certo paiz distante uma padeirinha linda como uma flôr. Passava os dias no seu trabalho sem se metter com a vida dos outros. Logo de manhã abria a porta e punha-se a cantar, vendendo o pão alvo. Amassava, peneirava a sua farinha, cosia as fornadas e sempre a rir e a cantar sem fazer mal a ninguem; antes pelo contrario, do pouco que tinha repartia com os pobres. Na sua aldeia, todos gostavam muito da boa rapariga. Havia tres rapazes que queriam casar com ella, mas como eram todos bons e dignos de serem amados, a padeirinha não se decidia por nenhum. Para os não desconsolar disse-lhes um dia: — Pois eu caso com aquelle que indo viajar me traga a prenda melhor. Partiram os tres amigos apezar de gostarem todos da mesma rapariga. N'uma encruzilhada separaram-se combinando voltar em dia certo. Cada um foi por seu caminho a correr terra e procurar a melhor prenda.

O primeiro chegou a uma grande cidade e estando á porta d'um café a observar a multidão que passava, viu um homem a apregoar a maior maravilha do mundo: era um tapete magico que transportava a gente onde desejasse. O rapaz foi logo ter com o homem e para o experimentar sentou-se no tapete e desejou-se em cima d'uma grande arvore que havia no meio da praça; immediatamente se sentiu transportado aos ares e achou-se na arvore. Ficou muito contente e disse com os seus botões:

— Bem: compro esta prenda porque coisa assim não encontram os outros dois. — Deu ao homem quanto dinheiro lhe pediu e foi-se embora com o seu rico tapete.

O segundo rapaz foi por outro caminho e chegando tambem a uma grande e magnifica cidade procurou por todos os bazares a mais bella prenda que levasse á padeirinha. Nada lhe parecia bom, até que, chegando a um ferro velho, viu a um canto da pequena e escura loja um bello espelho. O ferro velho como o visse a olhar para a unica coisa boa que tinha em sua casa, disse-lhe: — Aquelle espelho, senhor, é maravilhoso. N'elle podemos ver todas as pessoas que desejarmos. Tenho-o á venda, porque já não tenho no mundo ninguem que deseje ver. Tão velho sou que a familia toda lá vae. O rapaz, para experimentar, desejou ver a padeirinha, e logo ella lhe appareceu no espelho a amassar o seu pão muito alegre, muito branca da farinha — muito contente, deu ao velho o que lhe pediu e foi-se embora.

O terceiro rapaz foi andando andando, até que chegou a um jardim muito lindo. Estava uma velha á porta e perguntou ao viajante se queria comprar flores do seu jardim ou fructos do seu pomar. — Tenho, disse ella, laranjas cujo perfume embriaga como o mais capitoso vinho; uvas transparentes como bagos de topazios. remedio certo para as creancinhas aguadas, pecegos velludosos, bons para satisfazer a sede mais ardente; cerejas vermelhas como risos, dando alegria aos macambuzios; morangos que fazem bellas as moças que os comerem. Emfim! Tenho tudo que é bom, mas principalmente uma maçã maravilhosa, coisa unica no mundo! Uma maçã, que é bastante chegal-a ao nariz d'um morto, para elle se levantar logo cheio de vida e saude. — Disse o rapaz consigo: — Ora! que melhor coisa hei de eu levar á padeirinha?... Nada ha que se compare a esta riqueza! — Comprou a maçã e partiu.

No dia marcado lá estavam os tres rapazes na encruzilhada. Perguntaram uns aos outros o que traziam e o primeiro disse: Eu trago a prenda melhor que existe! E' este tapete maravilhoso onde a gente se senta e é logo transportado ao sitio que deseja. — Responde o segundo: — Pois eu trago melhor do que isso! E' este espelho magico onde se pode ver a pessoa que se quizer. — Vae o terceiro: — E eu ainda tenho coisa superior a isso tudo! E' uma prenda que vale um imperio: esta maçã encantada que é bastante chegal-a ao nariz d'um morto para elle resuscitar. — Cada qual achava a sua prenda melhor e começaram a questionar até que o primeiro disse: — Deixemo-nos d'isto, pois que a padeirinha é que ha de escolher, ella dirá qual é a melhor. Vamos experimentar o espelho. Todos nós a queremos ver o mais depressa possivel e então aproveitamos esse meio. — Desembruilharam o es-

pelho e desejaram ver a padeirinha, mas a sua surpresa e desgosto foram immensos apparecendo lhe estendida no caixão, branca de cera, velas accesas, um cruxifixo á cabeceira e toda a visinhança a lamental-a. Desataram todos a chorar, gritando : — Vamos lá a correr ! . . . — O dono do tapete chamou os dois : — Para onde é que vocês vão ? Não sabem que até á nossa terra ainda temos tres dias de jornada ? Sentemo-nos no tapete e desejamos todos chegar immediatamente lá. — Assim foi : sentaram-se no tapete e acharam-se logo em casa da padeirinha onde já estava o padre e a irmandade para a levar. O dono da maçã mandou parar tudo e tirando o seu precioso fructo do bolso chegou-o ao nariz da rapariga, e ella abriu os olhos e saltou para o meio da casa cheia de saude como d'antes e muito admirada com todo aquelle apparatus.

Bem : agora começam os tres rapazes a questionar porque todos queriam casar com a padeirinha. Dizia um : — Se não fosse o meu espelho não sabiamos que ella tinha morrido e então quando chegassemos, d'aqui a tres dias, já ella estaria enterrada ! — Respondia o outro : — Sim ! mas se não fosse o meu tapete, não podiamos chegar a tempo de a salvar. — Replicava o terceiro : — Mas se não fosse a minha maçã de que lhes servia tel-a visto e ter vindo ? Só para os apoquentar mais. Já se vê que só eu devo casar com a padeirinha. A questão ia-se azedando e os tres amigos estavam já capazes de se bater. A rapariga que os ouviu a todos, pediu lhes que se accommodassem porque só a ella pertencia decidir. Então disse-lhes : — Ora eu devo a vida a todos tres e são igualmente maravilhosas as prendas que me trazem. Como não é possivel dizer qual d'ellas é a melhor, tambem não é possivel escolher um desprezando os outros dois. Decerto que se não fosse o espelho não sabiam o perigo em que eu estava ; mas se não houvesse o tapete não chegavam a tempo e se não fosse a maçã, ninguem me valia. Como nenhuma das coisas se pode considerar a melhor e como eu estou muito agradecida a todos igualmente e os estimo da mesma maneira, acho que podemos remediar tudo, não casando com nenhum e ficando todos quatro amigos para a vida e para a morte. — Assim foi. Os rapazes reconheceram que ella tinha razão, abraçaram-se reconciliados e ficaram todos quatro solteiros, estimando-se como irmãos.

D. ANNA DE CASTRO OSORIO.

SANTA MARIA DE BELEM

SE ha paizes cujos fastos gloriosos as gerações que os presenceáram tenham deixado esculpido no marmore, é por certo Portugal um dos que mais se distinguem.

Estão ahi a attestal-o Alcobaça, a Batalha, Santa Maria de Belem. Affonso Henriques edificando Alcobaça, monumento pobre de estylo, mas rico de fanadas gloria, deixou perpetuada a conquista, a fundação d'um reino que chega a ser o maior das Hespanhas.

João primeiro legou-nos, no sumptuosissimo convento da Batalha, a gloriosa memoria da reconquista do paiz que as tendencias absorventes de Castella pretendiam arrebatara a um povo cujas heroicas tradições não se compadeciam com o jugo estrangeiro, e que já então, alando-se a mares desconhecidos, tentava a conquista do imperio de Neptuno.

E D. Manuel, vendo coroados os esforços de quatro gerações de nautas destemidos, iniciou em 1500 com o primeiro ouro que das Indias lhe trouxeram os nossos navegadores, a construcção do magestoso templo de Santa Maria de Belem.

Este padrao glorioso das nossas descobertas d'além-mar, foi edificado sobre as praias do Restello, no mesmo sitio d'onde annos antes embarcára Vasco da Gama demandando aavez do oceano, um novo caminho para a India, até então monopolizada pela altiva republica do Adriatico.

E como dos edificios se póde dizer que representam os caracteres distinctos das epochas e dos povos que os erigem, não podia Portugal, então a primeira potencia maritima do mundo, cingir-se a imitar servilmente o que se fazia lá fóra : inventou, creou um estylo novo d'architectura, não a filigrana delicada dos templos gothicos nem os rendilhados arabescos de que Alhambra se gloria ; tão pouco as linhas severas da renascença então embryonaria e que devia perpetuar-nos o Vaticano ; mas um mixto harmonioso de todos os generos, formando um todo uno, caracteristico, o estylo *manuelino*, que infelizmente os posteriores architectos eivados de estrangeirismo, deixaram de cultivar.

O mosteiro de Belem representa pois uma epocha, o periodo mais glorioso da nossa historia ; é uma epopêa em marmore ; os Luziadas de pedra, que não deixa de admirar maravilhado quem por mar entra na capital.

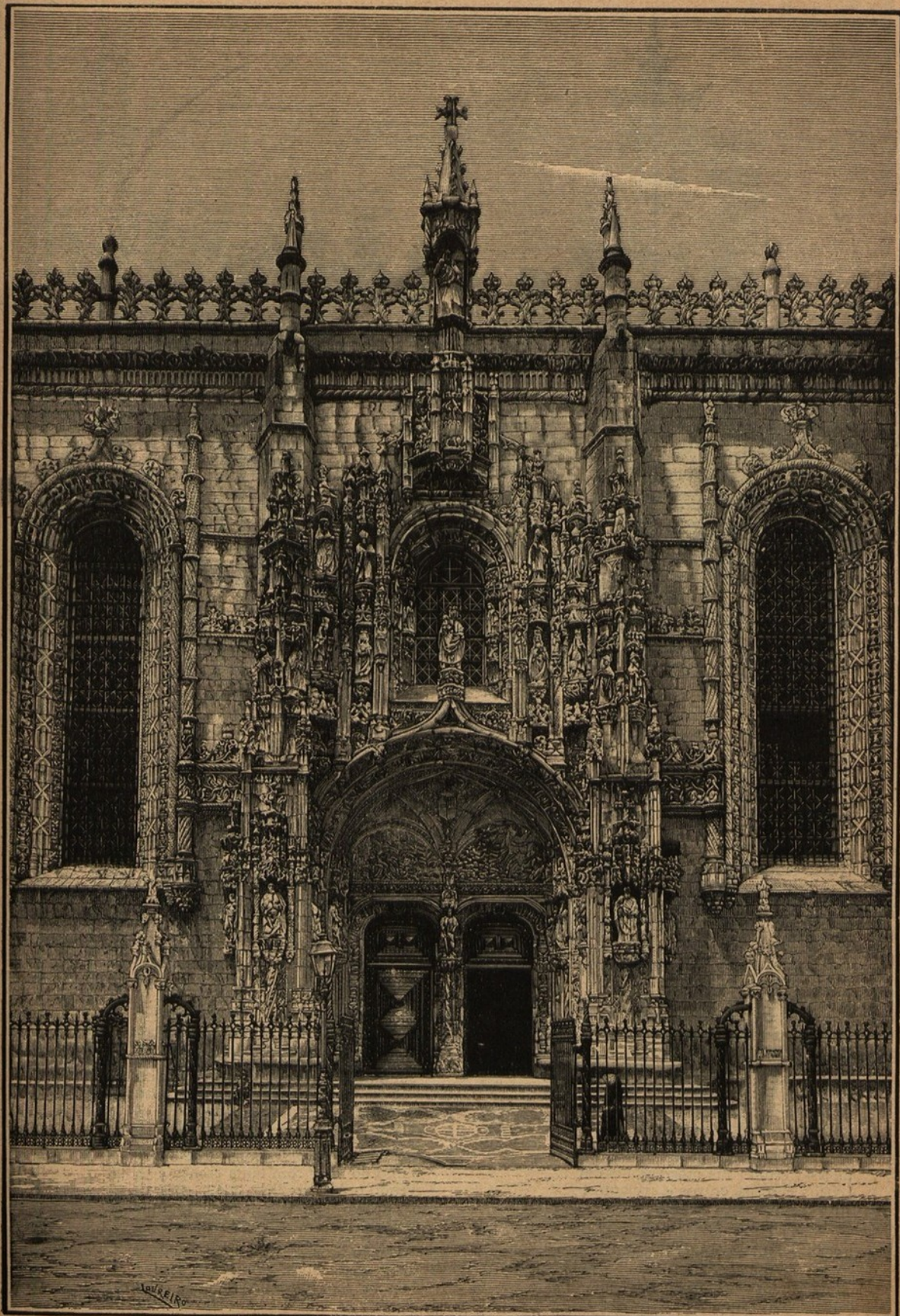
O plano do magestoso templo deve-se ao architecto Boitaco ou Bontaco (dizem uns que italiano, outros que portuguez) que dirigiu a obra até 1517 em que passou a dirigil-a João de Castilho a quem [nobilitaram por igual as capellas imperfeitas da Batalha e os claustros do covennto de Christo em Thomar.

Em Belem, como primor architectonico, obra prima de esculptura, distinguem-se : o magestoso portico que olha para o sul, o interior da egreja (á excepção da capella-mór, vergonhoso remendo a tão precioso templo), e finalmente os claustros.

O portico é formado por um arco de volta redonda entre dois pilares. Arco e pilares são cobertos de nichos encimados de baldaquinos rendilhados e contendo estauetas de varios santos e patriarchas. Sobre o fecho do arco e como que sahindo do nicho formado por uma janella, vê-se a imagem de Santa Maria de Belem, padroeira do templo. Do mesmo fecho, desce como stalactite uma pilastra supportando d'um e de outro lado dois retabulos de alto relevo de phantastico desenho, e a meio a estatua do infante D. Henrique, o iniciador das nossas descobertas.

E' esse portico que representa a gravura que precede estas linhas.

MONUMENTOS DE PORTUGAL



FACHADA DO CONVENTO DOS JERONYMOS EM BELEM

ASPECTOS DE PARIZ



UM CAFÉ DO BOULEVARD

Sombras

«Festas do Natal...
Inspiradoras recordações!»

N'este silencio austero, a sós, medito
no que fui, no que sou, no que hei de ser...
Levanto o olhar — abysma-me o infinito;
abaixo-o — abysma-me o gemente grito
de tantas illusões que vi morrer!

Eremita, que o Sonho não redime
á angustia, debalde espreito, Alem :
— onde, outr'ora, feliz e crente, ergui-me,
e a *causa* busco, em aneiar sublime,
do eterno Mal que das origens vem.

Prende-me a Vida á lucta pela vida,
prende-me a idéa á chamma do Ideal...
mas, não ha germen para a seara ardida
e, da alma anciosa, a prece dolorida
não traz perdão á *culpa* original!

Meu passado feliz, cheio d'encantos,
morreu e tudo vae morrendo assim...
Lyrios e rosas, cravos e cyclantos,
em vez d'orvalhos só tiveram prantos...
— nem uma flôr ficou no meu jardim!

Inda recordo n'estas horas tudo...
— quanto me envolve a dôr da solidão —
Alma saudosa — em vão minh'alma illudo...
este scenario luminoso é mudo :
— de tantos Sonhos que bem longe vão!

Se eu inda ao menos, n'esta escura cella
de saudades, visse a doce luz
que outr'ora via — esperançosa estrella —
e minha mãe dizia : — Filho, aquella,
é a luz que as almas para o céu conduz... —

Se ouvisse ainda, pelos arvoredos,
aquelle terno e doce murmurar :
— folhas e flores a dizer segredos,
abelhas d'ouro e passarinhos ledos
que passam entre os ramos a cantar...

E a voz das coisas, mysteriosa e santa,
subindo em fluidos mysticos aos céos...
— pois eu conheço que de cada planta,
de cada flôr aberta se levanta
a voz d'uma alma que nos falla em Deus...

Se inda ajoelhasse, como ajoelhava,
junto do altar com tanta crença e fé,
vendo o *Menino Deus* que lá estava
n'um lindo berço — que a illusão doirava —
c'os *pastorinhos* e Maria ao pé...

Ai! não teria, como tenho, o peito
cheio d'angustias, de macerações!
Meu lar sem lume, abandonado o leito,
e sobre as ruinas d'um Ideal desfeito
sombras chorosas, sombras d'illusões!

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

VISCONDE DE OUGUELLA

A morte d'este escriptor portuguez, quasi repentina e inesperada, surpreendeu toda a gente, que d'elle esperava ainda muito trabalho que enriquecesse a nossa litteratura. O Visconde de Ouguella, que morreu em toda a força da vida, tinha no prelo uma obra intitulada: *O Ultimo Carrasco*, de que damos em seguida um excerpto indito. O *Ultimo Carrasco* deve apparecer a publico um d'estes dias.

O ULTIMO CARRASCO

LEVANTEI-ME cedo para esperar o carrasco. Luiz Negro nascera no logar de Capeludos de Aguiar, freguezia de S. João Baptista, e comarca de Villa Pouca de Aguiar, a sete de maio de mil oitocentos e seis.

Entravamos, então, em um dos mais dolorosos periodos da nossa historia moderna. Adejavam por sobre a Peninsula as aguias do imperio, e rasgando o vôo iam penetrar em as nossas fronteiras. Queria o ambicioso da Corsega, como um dos conquistadores dos paizes da aurora, açoitar as vagas indomitas e enfurecidas do oceano nos extremos do Occidente.

Napoleão ia decretar, no seu olympto de Fontainebleau que a dynastia de Bragança cessára de reinar, e sentia-se já, pela calada da noite, o ruído pavoroso da marcha compassada dos legionarios das Gallias.

Se os Braganças, como patricios da velha Roma, tivessem esperado o Brenno moderno, sentados nas cadeiras curues, serenos e confiados na omnipotencia augusta do Lacio!...

Não esperaram! Fugiram apavorados e... nervosos, para além do Atlantico: Deus lhes perdôe.

Chega-se a crêr, que esta absurda e ephemera conquista foi a alvorada da liberdade em Portugal.

Convem estudar a epocha em que nasceu o carrasco.

Depois o ouviremos.

Os tres estados eram a base da nossa organização politica e social: clero, nobreza e povo. Todavia, elementos preponderantes eram os dois primeiros. Vivia e medrava o povo como machina. Trabalhava, suave e moirejava para alimentar e enriquecer o sacerdocio e a nobreza. Nas horas de perigo, no momento das grandes luctas apparecia como comparsa, enfileirava-se nos coros das supremas tragedias, e morria na obscuridade de legião, no completo desprezo da sua insignificancia. Acclamava o mestre de Aviz, cahia desconhecido e ignorado nos areas da Africa, passava desapercibido para as chronicas, nos galeões da India, e nos recontros e batalhas figurava pela força numerica como hoje se designam nos mappas de brigada as forças vivas de qualquer regimento ou companhia de guerra. Afóra estes lances era a plebe, era a vilanagem, era a mó do povo, era a peonagem, era o numero.

Na vida campestre emparelhava como o boi, inventariava-se entre as alfaias da officina rural — era a força empregada no impulso da enxada, era o guia do arado, era, finalmente, a machina que desbravava a charneca, que enxugava o paúl, que roçava o matagal espesso, que semeava o terreno lavrado pelo seu esforço, e que mais tarde colhia e arrecadava o fructo.

Na sociedade urbana era o operario — mal ensinado, parcamente retribuido, entregue a si e aos seus proprios e escassos recursos, sem licção, sem modelos, sem estimulos, sem auxilio e sem mercado vasto e animado para os productos da sua industria.

O commercio de grosso trato, monopolizado entre algumas dezenas de capitalistas e armadores, vivia fóra da acção productiva do paiz, como em um eden de bemaventurança, onde a entrada era vedada a profanos.

Desde a casa da India até á casa dos vinte e quatro era longa a historia das prerogativas e privilegios de classe n'esta nação algemada — exclusivismo absurdo da mais rotineira e ignara administração politica, economica e social.

E o povo vivia assim — submisso e reverente — por que as misericordias, irmandades, confrarias e ordens monasticas de todas as cathogorias e religiões mitigavam a miseria publica com o caldeirão da sopa fradesca, generosamente distribuida na portaria dos conventos. Ensinava-se officialmente um povo inteiro a ser mendigo, por isso que a caridade em taes condições mais aproveitava aos ociosos e vagabundos do que aos enfermos e verdadeiros indigentes.

Era esta a vida social de toda a Peninsula. *Guzman de Alfarache, Lazarillo de Tormes, La Garduña de Sevilla, La Picara Montañesa, Marcos de Obregon, Gil Blas de Santillana, El viage entretenido de Augustin de Roxas, o Anatomico Jocosso* e tantas outras novellas picarescas são quadros tocados com tons quentes, onde se vê e se observa quaes eram os usos e costumes peninsulares.

Decretava-se a mendicidade como dogma. Eram o pauperismo, a ociosidade e a degradação humana nobilitados pela Egreja. E em alguns dos amplos e lageados claustros e vastas escadarias dos cenobios havia aula publica de humildade ignobil, de torpe vadiagem e de crimes até. O fanatismo é sempre audacioso e truculento.

Viviamos assim.

Com as fogueiras da Inquisição, a expulsão dos judeus e a esmola aviltante, distribuida no perystilo dos templos alcançamos tudo: destruíamos e aniquilavamos a raça heroica da Peninsula hispanica.

A' semelhança do que observara em paizes extranhos, onde a burguezia se ostentava já com um poderoso elemento social, — quiz o marquez de Pombal, nos vastos designios da sua potente administração, crear e estabelecer aqui a classe média.

Baldado empenho.



A morte do ministro valido de D. José I deixou em profunda anemia o vigoroso e energico elemento social, que elle intentara crear.

Expulsamos os sarracenos tão tarde, organisaramo-nos como nação em epocha tão proxima, que sem termos soffrido os vexames do feudalismo, não creamos, tambem, como imponente factor, a classe que mais trabalhou para a independencia da patria.

Temos sido sempre o echo remoto e longinquo das luctas sociaes, politicas e economicas da Europa.

E' doloroso dizel-o, mas embora : acceitemos os acontecimento como são. A revolução de mil oitocentos trinta e tres em Portugal, em presença da sciencia, não só não foi uma revolução social, mas nem sequer foi uma profunda revolução politica em todo o rigor do vocabulo.

Foi uma guerra de successão a um throno contestado por dois irmãos, que se reputavam ambos legitimos, cercados de partidarios com interesses e direitos offendidos, e em que um dos pretendentes — o mais habil, senão o mais feliz — soube crear sympathias heroicas e indestructiveis dedicações, appellando para a corrente das ideias do seu seculo, e alcançou captivar as almas generosas, outorgando uma carta constitucional, simulacro de liberdades, que não prenderam nem limitaram — como o não tem feito — o exercicio constante e absoluto do poder e governo pessoal.

Podem-nos contestar fuma tão resumida e rapida exposiçào. Os factos, porém, não deixarão desmentir estas verdades.

Nas luctas de 1833 achava-se a nobreza antiga, a nobreza de sangue dividida nos dois campos, pelejando em fileiras diversas, e por vezes inimiga no seio dos proprios solares. Todavia não era a diversidade de crenças, nem a sinceridade das convicções, que a traziam, assim, desavinda e odienta. Era o egoismo dos interesses perdidos, era o ciume do valimento ou o odio pelos desprezos da corôa, era o orgulho de preeminencias e prerogativas nas familias titulares, eram as desconsiderações dos seus pares, sentidas e cuidadosamente legadas, que iam passando, no mysterio dos tombos e cartorios, com a successão dos vinculos por diversos reinados, eram vinganças sumidas e occultas por entre os pergaminhos de raça, e todas as ruins paixões, todas estas heranças em que o amor proprio e a soberba dos avós se transmittia aos netos, achou, na lucta dos dois principes, respiradoiros por onde se expandisse e rebentasse a explosão.

Foi assim.

Houve excepções — houve-as. E essas foram nobilissimas. Enalteceram nomes que estão memorados nos anaes patrios. Mas em toda a sua generalidade foram os successos como acabamos de os expôr.

Como casta, as crenças eram as mesmas. Se a palavra augusta de crença pode ter cabida onde se fala de orgulho inexoravel, de implacaveis interesses, e onde germina, mais ou menos occulto, o desprezo inveterado e profundo por todos que não descendem de avós já nobilitados no começo da nossa não vetusta nacionalidade.

.....
VISCONDE DE OUGUELLA.

Portugal Pittoresco



O NABÃO, EM THOMAR (Photographia de Arnaldo Fonseca)

PORTUGAL PITTORESCO



UMA PROCISSÃO EM CANEÇAS
(Photographia de A. Bcn-Sande)



NA PRAIA DE ESPINHO
(Photographia de A. Fonseca)

HOMENS DE LETRAS

E pensar a gente que um identico futuro nos aguarda, peor talvez, que o fim d'esse triste Manuel Bernardes Branco, a quem a Providencia compadecida valeu ainda mandando-lhe a demencia ! E pôr-se a gente a pensar que não foi para melhor sorte, sem duvida, que uma bella manhã desembarcámos n'este paiz extravagante das Letras, vindos não sei d'onde como viera o Daudet dos confins do Languedoc, sem mais de quarenta *sous* no bolso fundo das calças, mas tão ricos de esperanças, tão complicados de ambições, tão seduzidos pelo aceno risonho d'uma certa fada que corria adiante e nos abria o caminho, tão infantilmente preocupados, emfim, que ao entrar n'essa terra, como elle entrava em Paris, o que menos nos atormentava, a despeito do frio que nos penetrava até á alma, e da fome de quarenta e oito horas que nos agastava, era a inacessivel presença dos bons fatos de lã ás portas de alfaiate, dos odores aperientes de pastellarias e restaurants . . . N'essas primeiras horas nos bastaram para dissipar melancolias e varrer inquietações, um raio de sol, um sonho de gloria, o titulo de um livro, um sorriso de mulher, as letras vermelhas de algum cartaz de theatro — porque na existencia nova do paradoxo que para nós se abria, ao cabo de um tirocinio atribulado de folhetins na provincia, de pequeninos exitos para uma ambição tão grande, cada raio de sol nos suggeria um triumpho, cada titulo de livro o plano de uma obra, cada sorriso de mulher a consagração de um publico, cada cartaz de theatro o successo de uma peça ! Mas o frio apertava e apertava a fome ; foi preciso comer e arranjar melhor roupa ; foi preciso acordar e foi preciso viver.

Claro que os primeiros passos a dar não poderiam ser no sentido de conseguir uma pensão do Estado, a titulo de cultivar bellas letras. Urgia procurar e encontrar outro meio.

A historia de um é a historia de todos quantos se illudiram com as ironias de sua Musa, e preferiram a carreira litteraria á de conductor de obras publicas. Eu, quando cahi em semelhante tolice, comecei por dirigir-me á casa de hospedes da Mariquinhas, no largo do Carmo, em cata do Fialho d'Almeida, para quem trouxera carta de recommendação. Encomendava-me a bom santo ! Fialho, que não lograva auferir da penna o necessario sustento, porque a média dos lucros não lhe dava mais de trez tostões por pagina, foi bastante bondoso para me occultar as mysteriosas desolações da profissão em que eu vinha lançar-me, solicitando-lhe a mão para o mergulho. No isolamento longinquo da minha ilha, onde vivera como Robinson, lera eu, e relera bastas vezes os primeiros volumes dos seus contos, não me fartando de saborear-lhe a prosodia e a syntaxe. Por maneira que, já de caminho, viera engatilhando a melhor saudação a disparar, quando a minha fraca pessoa se encontrasse, respeitosa e attonita, na presença do Mestre . . . E enquanto elle baixava as palpebras sobre o contheudo da carta que lhe apresentara, ainda eu recompunha, arredondava e afinava a solemne expressão do meu contentamento, para quando elle me estendesse os cinco dedos . . .

— «E' para mim uma grande honra poder apertar esta divina mão que escreveu as paginas extraordinarias da *Mater Dolorosa* . . . »

Fialho sorriu-se e offereceu-me cigarros. Não me tomando a sério, bem de ver, ao mesmo tempo que me falava ia rebuscando no labyrintho d'aquelle quarto alugado, entre rumas de jornaes, de livros e de fatos velhos, a bota do pé direito, correspondente á do pé esquerdo, já calçada. Posso dizer que esse episodio de grotesca recepção, no inicio da minha carreira litteraria, teria sido a primeira contrariedade grave de outro que não fosse eu, com mais prosapia e mais pêllo. Raciocinei, porém, que aquella sem cerimonia do magnificante escriptor, recebendo-me, pela primeira vez, com uma bota n'um pé e o outro pé em meia, era o merecido correctivo á especie de successo que meia duzia de folhetins me grangeára na Ilha, com prejuizo do meu curso dos lyceus e da santa tranquillidade de minha mãe, que não podia levar á paciencia a phantasia de embarcar para a Gloria, com escala pelo porto litterario de Lisboa . . .

Não foi sem custo que appareceu a bota, pois que um dos mil endiabrados herdeiros da fecunda Mariquinhas viera ao quarto e levava-a, e fôra escondel-a depois na carvoeira. Mas appareceu, afinal, e não tardou que saíssemos, e descessemos a Calçada do Carmo, em direcção ao Martinho.

Na impossibilidade de me convidar para a redacção do *Reporter*, de que era secretario, Fialho convidava-me a tomar cognac. Eu resisti, pretextando uma urgencia, em que Fialho descortinou mentira, e disse-me, n'esse tom paternal não perdido ainda para os caloiros timoratos que veem beijar-lhe o anel, ou pedir-lhe prefacios :



FIALHO D'ALMEIDA

—«Mas olhe que o Martinho não é bem um templo...»

Despedimo-nos. Elle cortou a direito da esquina do Mattos Moreira para o café; eu dobrei a esquina e segui por esse lado do Rocio. Quantas vezes tenho feito depois a mesma travessia sem destino das ruas de Lisboa, que n'essa noite fiz, no mesmo estado de espirito, na mesma incerteza, na mesma angustia, na mesma desolação! E, todavia, Fialho não me pozera ao facto de um só dos mil e um desesperos que me esperavam, que encontrei, e que n'essa noite presenti, não sei porquê, nem como...

Mas quando entrei em casa, e accendi a vela, e me sentei á banca, todo o meu thesouro de esperanças eu diria intacto, no fundo do tinteiro d'onde me saiu, n'essa mesma noite, creio que todo o primeiro capitulo de um grande romance. Enfiei-me na cama pela madrugada, e quanto mais violentas eram, nas vidraças, as chicotadas da chuva, e mais impetuoso o galope das aguas pela calçada abaixo, n'uma inverneira doida, mais eu sentia fortalecer-se-me a alma, invocando para estimulo a conhecida historia de tantos homens de letras a quem chovera no catre, que passaram fome, que empenharam as calças, e que um dia se achavam, sem que jogassem no Fonseca, abastados e felizes, com inscrições e com nome.

Acontecera que o ultimo livro por mim lido, em viagem, era o de Julio Cesar Machado — *Apontamentos de um folhetinista*, onde elle contava, nas duas ultimas paginas, como lhe cahira do Céu o ensejo de escrever os seus primeiros folhetins. Lopes de Mendonça ia entrar na politica, sahindo do roda-pé da *Revolução de Setembro*; e José Estevão, que era o director, admittia o Machadinho na vaga, batendo-lhe no hombro, e dizendo-lhe:

—«Escreva sempre o que quizer, e como quizer; mas estude, e dê attenção ao que escrever. O folhetim é um genero levado do diabo; aguental-o é tudo. Vossê sabe como o cabo de esquadra explicava ao soldado o modo de fazer uma espingarda? — Arranja-se um buraco — dizia-lhe elle — põe-se-lhe ferro á roda, e prega-se-lhe um cabo. O meu amigo tem o buraco, que é o folhetim; ponha-lhe á roda o trabalho, a applicação e a vontade, que são o melhor ferro e a melhor baioneta, e segure.»

Do seu triumpho como folhetinista me fallavam os seus folhetins, que augmentavam as tiragens dos jornaes, tão interessantes eram, n'aquella graciosissima linguagem, vivaz, espontanea e risonha, da facil *causerie* dos francezes — modo sensato e doidivanas a um tempo, de expor a apreciação rapida de successos, os melhores aproveitados d'entre os importantes e os futeis, remoqueando, criticando de leve... E de quanto elle devera á vida de experiencia dolorosamente adquirida, tambem eu sabia, pelas paginas tão sinceras da *Vida alegre*. Mas ahi mesmo nos ensinava elle como dar rumo seguro a uma vocação, quando auxiliada pela robustez da aspiração ardente e da vontade decidida, que sabe converter-se em força. E por fim nos falava, n'um enleio doce, d'essa suprema ventura realisada de quando resolvera fechar a porta ás solicitações da vida apparatusa, e se recolhera aos seus sonhos, ao interior da sua casa e de sua familia, «n'um romance como que ideal, mas verdadeiro, bem seguido, bem sustentado, sem desillusões, sem a realidade das coisas vir desmentir de vez em quando a felicidade de viver assim.» Quem me diria a mim, quem nos diria a nós, que um tão funesto, tão irritante contraste da Sorte viria epilogar, na mais tragica desgraça, esse invejado romance de felicidade, de amor e de alegria!

Certo foi que eu tirei de muitas paginas de Julio Cesar Machado, com o encanto raro da leitura, a boa utilidade de um exemplo. Desde que consegui arranjar o primeiro buraco, não perdi tempo em pôr-lhe á roda o muito trabalho, muita vontade, e muito enthusiasmo. A espingarda tenho-a; mas ando, como tantos outros, a disparal-a para o ar.

Bem vemos nós, os que não perdem um tiro, acertando o ponto de mira no infallivel alvo da Politica. Muitos que começaram em poetas e folhetinistas de profissão, deram-se pressa em pôr de parte o ruim sestro, percebendo que por cá só os editores se não movem por empenhos; e passam hoje por segundos-officiaes nas folhas dos vencimentos. Como nem sabem onde lhes fica a repartição, sobra-lhes tempo para volumes de versos e cartapacios de prosa, que offerecem aos editores. Por isso ponderam elles — e não ha outro remedio que não seja reconhecer-lhes razão — que bem tolos seriam se nos comprassem livros, havendo tantos auctores que até lh'os levam de graça.

Mais cabeçudos, porém, que o proprio Kériban, vamos persistindo na nossa. Vale-nos, ao menos, esta especie de commiserção de que certa gente nos julga merecedores, enquanto nos dura o estro e a pachorra para a divertir com folhetins e poematos. Nunca nos rouba o merceeiro nos pezos; condescende o senhorio em que se nos atraze algum mez, da renda; o agiota reduz-nos a taxa do martyrio; veste-nos a prestações o alfaiate; e já o Camillo tivera um sapateiro que lhe dava meias-solas por artigos... Serve-nos de grande lenitivo, sobretudo, esta certeza da desventura commum; e das proprias fraquezas vamos tirando as forças. O mais curioso de tudo é que apparece ainda, de vez em quando, quem nos inveja a sorte, e quem por isso nos morda — se acontece sair-nos uma vez ou outra, algum artigo bem feito, — ou nos não cáe ás primeiras a representação de uma peça.

Se a mania do litterato lhe dá para estudar Homero e annotar Cantu, como aconteceu ao pobre Manuel Bernardes Branco, peor vae o caso, porque raros o percebem, e poucos são os que o tomem a serio. Tudo e todos conspiram contra elle; e se um dia consta que o triste acabou em demente, não faltará quem avente ter-lhe previsto esse fim...

Homens de letras — pois então!

ALFREDO MESQUITA.



ALFREDO MESQUITA

Curiosidades Scientificas

(AOS AMADORES DE PHOTOGRAPHIA)

O DIOGENES

O aparelho denominado *Diogenes* é o resultado de investigações e de estudos longos e laboriosos para chegar a poder revelar os clichés photographicos e fixal-os, em pleno dia, ao ar livre, seja com que tempo e em que lugar fôr.

O inventor chegou a compôr um aparelho que reúne n'um pequeno volume ($0,25 \times 0,30 \times 0,30$) a possibilidade de fazer as diversas operações para as quaes até hoje são precisas installações custosas, ou combinações de camaras escuras portateis, volumosas e pouco praticas.

As vantagens praticas que este aparelho apresenta, mesmo que seja empregado em casa, são apreciaveis quando se considera nos inconvenientes da installação de uma camara escura, sob o ponto de vista do lugar e da despeza.

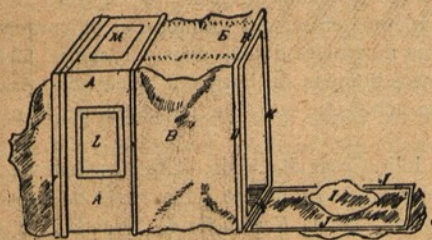


Fig. 1 — Vista geral do aparelho

Os serviços que o aparelho *Diogenes* pôde prestar aos photographos amadores ou a outros são incalculaveis. Permite-lhes revelar e fixar os seus clichés, immediatamente ou quando quizerem, quando andam em excursão, sem ter, como até agora, de correrem os riscos de estragar ou perder os seus trabalhos, em consequencia da deterioração d'esses clichés.

Além d'isso, pôde verificar-se immediatamente o resultado obtido, enquanto que com os antigos aparelhos só mais tarde é que se verifica que a chapa não deu o que se queria.

O aparelho é commodo, leve e solido.

Permitte seguir a revelação dos clichés, como se se estivesse n'um laboratorio.

E' composto de uma caixa *A* de $0,25$ a $0,30$ em todos os sentidos. Na tampa d'essa caixa ha um oculo *O* fechado por um vidro vermelho encimado por uma cobertura de corredeiras e de molas. Disposto de tal maneira que o raio visual do operador possa seguir todas as operações feitas no interior, sem que os raios do dia possam lá penetrar directamente.

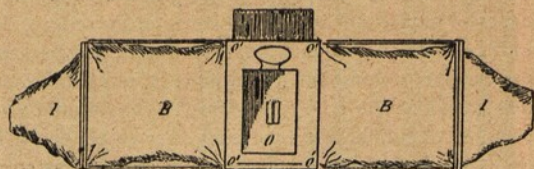


Fig. 2 — Elevação lateral dos folles estirados

Em cada face lateral ha um *châssis* movel *J* e *K* que se desvia da caixa, á qual está preso por um folle *B*.

Mantida a distancia por molas de repulsão com *châssis* moveis tem um duplo *châssis* que se abaixa sobre charneiras e permite a introduccão das cuvetas necessarias para as operações, mesmo para os clichés de 13×18 .

Esses duplos *châssis* moveis tem uns cabos dispostos de maneira que os movimentos das mãos se effectuem livremente, sem perigo de entornar os liquidos nem de deixar penetrar os raios do dia.

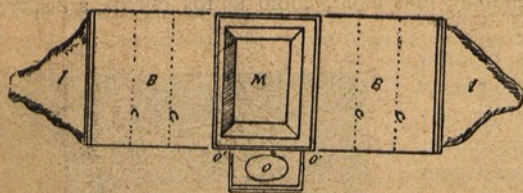


Fig. 3 — Plano

Pranchetas moveis interiores de charneiras desdobram-se e formam base solida sobre as duas partes produzidas pela abertura dos folles. N'uma das faces verticaes da parte fixa da caixa ha um *châssis* com um vidro amarello e um vidro vermelho.

E' aqui que está o engenho d'este aparelho.

Como o fim desejado é supprimir todo o contacto da luz natural sobre os clichés, e considerando que os vidros vermelhos não são sufficientemente inactinicos, o inventor imaginou tapar completamente o vidro vermelho, pondo no exterior e na frente d'esse vidro vermelho, uma lanterna que encaixa n'elle, não deixando passar nenhum raio de luz natural. E quando a lanterna está acceza a luz desejada é obtida sem nenhum perigo; para não aquecer o vidro vermelho, arranjou-se um desvio sufficiente e ranhuras angulares permittindo uma circulação de ar.

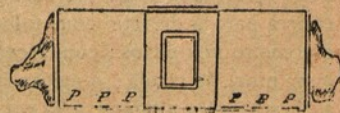
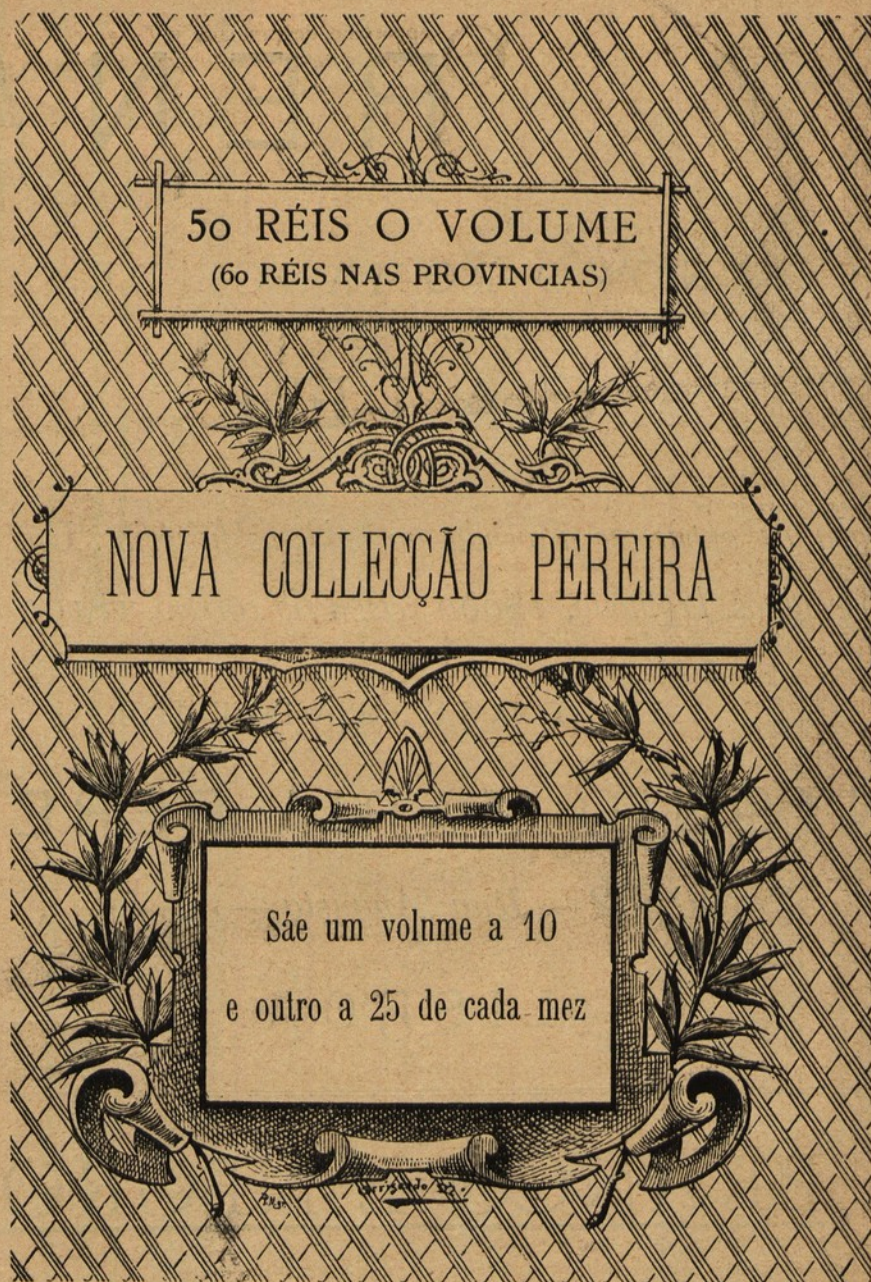


Fig. 4 — Detalhes da camara



N.º 1 — PORT-TARASCON (*Ultimas aventuras do illustre Tar-
tarin*), de A. Daudet, 1 volume de 176 paginas.

N.º 3 — MADAME CHRYSANTHÈME, romance de Pierre
Loti, traducção de José Sarmento, 1 volume de 200 paginas.



N.º 2 — D. CARLOS, romance de Saint-Réal, traducção de
Luiz Cardoso, 1 volume de 144 paginas.

N.º 4 — SAPHO, romance de A. Daudet, traducção de Bel-
demonio, 1 volume de 190 paginas.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

MADAME

RENAN

NOVO ROMANCE DE

CAIEL

Acaba de apparecer á venda em todas as livrarias. Um bello volume com 900 paginas, brochado, 1\$000 réis. Pelo correio, 1\$100 réis.

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — *Rua Augusta* — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



PREÇO 40 RÉIS

AS CRIANÇAS

N.º 43

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas.
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Leseños á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações ae toaa.
a classe de obras,
periódicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimento de preço; nas ampliações é que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços razoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBCAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojes e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 43

LISBOA, 24 DE JANEIRO DE 1897

1.º ANNO

M O I N H O S



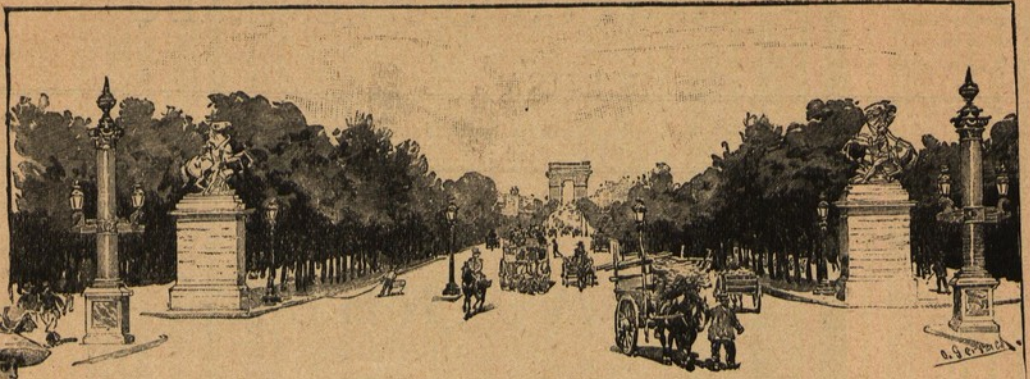
PITTORESCAMENTE alcandorados, lançando ao vento as suas velas brancas, n'um corropio doido, todos elles parecem encerrar uma encantadora historia para contar ao lume, emquanto a alva farinha cáe em fio, depois de triturado o trigo pelas mós. Sempre isolados, na lufa-lufa de uma vida alegre, pespontam a paysagem e dizem na linguagem plangente dos seus buzios toda uma existencia de miseria passada de riso sempre aberto e ao largo sempre o coração.

Por essas aldeias fóra eram elles que marcavam as étapes mais alegres das nossas viagens atravez de encantadoras regiões; alli se desmontava do cavallo e se pedia agasalho nas rudes noites de inverno. E adormecendo ao som maguado da sua cantilena sempre triste, seguia a gente em espirito o vôo das suas vélas inchadas pelo vento de feição, com uma satisfação de bem dormir ao abrigo d'aquellas grandes azas sempre vigilantes.

Hoje, désmantelados e arruinados, afogada a sua voz rithmada de tortura pela grande voz das fabricas, já não marcam para os que viajam senão uma étape de saudade pelas bellas noites alli passadas, sob a cantilena triste das suas grandes azas desdobradas...

VIAGENS NO EXTRANGEIRO

PARIZ



PARIZ é um altar cujo idolo é a parisiense. O romeiro que entrar no templo tem de ajoelhar por força perante a divindade que preside aos mysteriosos sacrificios que n'elle se consummam.

Quem faz de Pariz a capital do mundo civilisado é a parisiense. Londres com o seu dinheiro, as suas manufacturas e os bancos; Sevilha e o seu luar, com os seus pandeiros e as suas serenadas; Napoles com o seu esplendido céu e as suas incomparaveis paizagens orladas pelo Mediterraneo; Florença com os seus admiraveis museus; Veneza com as suas gondolas e os seus canaes; Genova com os seus palacios; S. Petersburgo com os seus aristocraticos salões; Vienna com o seu Schoenbrunn; Lisboa com a magestade do seu Tejo; Constantinopla com os seus miranetes orientaes; Edimburgo com os seus bellos montes e as suas poeticas tradições, todas as grandes e bellas cidades que tem o mundo cedem a Pariz o privilegio de ser elle em cada inverno o prazo dado ao encontro de todos os viajantes illus-

tres e á reunião de tudo quanto ha mais elegante, mais novo, mais bello, mais rico e mais aristocratico no mundo. Ahi refervem em portentosa e fascinadora ebulição de luz e d'harmonia todas as aspirações elevadas acima do nivel usual, todo o trabalho, todos os talentos e todas as glorias, todos os deleites finalmente — se querem que se lhes chame assim — provenientes da victoria conquistada nas maiores luctas em que póde entrar a intelligencia, communicada de Deus á humanidade dispersa no mundo, e convergindo toda para esse ponto culminante da civilisação cuja imagem palpavel e visivel é Pariz.

Quem dirige, quem contrasta, quem sanciona e authentica esta radiante apothese dos espiritos é a parisiense. Em todas as manifestações do bello, de baixo de qualquer dos seus infinitos e variadissimos aspectos, o que ella approvar receberá o applauso do universo, o que ella reprovar terá tido a sua sentença ultima e fatal. A vontade d'ella é a vontade de Deus. *Ce que femme veut Dieu le veut* é um aphorismo especialmente feito para definir a omnipotencia da parisiense.

Essa mulher franzininha e ligeira, de olhar alegre, de cabeça alta e de passo saltitante e leve, que ahi vai atravessando o *boulevard*, diz Victor Hugo que governa o mundo com o pedacinho de fita que leva no chapéo. O modo como ella se lembrou de o atar esta manhã será uma lei em todo o universo emquanto a parisiense não resolver revogar essa lei atando essa fita por outro modo.

As mulheres de todas as regiões civilisadas do antigo mundo e do mundo novo estão em communicação directa ou indirecta com a vontade da parisiense.

O primeiro signal de civilisação que reponta nos paizes barbaros é a moda europeia, isto é, a determinação de Pariz a respeito do vestuario.

Uma cidade qualquer ficará transformada n'um museu de caricaturas se a privarem do figurino parisiense.

Não ha mulher alguma civilisada que se atreva a atar uma gravata, a calçar uma botina, a metter



O PANTHEON

um pente nos cabellos, a pregar um alfinete no vestido sem que a parisiense lhe tenha dado primeiro o seu conselho ou o seu beneplácito.

Percorrei a Europa inteira e por toda a parte vereis a moda de Pariz escrupulosamente seguida desde a circumstancia mais importante até ás ultimas minudencias do vestuario das mulheres. Os homens de Pariz estão longe de possuir semelhante faculdade : enquanto as mulheres londrinas se esforçam debalde por imitar em todos os pormenores a *toilette* parisiense, os homens de Pariz inglezam-se o melhor que podem, não conseguindo esconder a impossibilidade em que se acham de delinearem um traje de viagem ou de vestirem uma casaca de baile com o geito afdalgado dos *gentlemen* d'além da Mancha. É que os parisienses, comparados com as suas compatriotas, não passam de uns pobres de Christo.

O visconde de Launay observou em um dos seus bellos folhetins, publicados na *Presse*, que todas as mulhe-res francezes excitam a emulação e a inveja dos seus conterraneos, e o finissimo folhetinista explica isto do seguinte modo :

- «Um italiano tem mais espirito do que uma italiana.
- «Um hispanhol tem mais espirito do que uma hispanhola.
- «Um allemão tem mais espirito do que uma allemã.
- «Um inglez tem mais espirito do que uma ingleza.
- «Um russo tem mais espirito do que uma russa.
- «Um grego tem mais espirito do que uma grega.
- «Mas uma franceza tem mais espirito do que um francez.»

Esta palavra *espirito* na accepção em que a tomamos é um francezismo que hão de ter a bondade de nos re-
levar, enquanto nos não ensinarem palavra que ex-
prima cabalmente a mesma ideia em vernaculo. O
esprit francez é um termo technico, um vocabulo
da nomenclatura das especialidades purissima-



JARDIM E PALACIO DO LUXEMBURGO

mente nacionaes, palavra que não tem equivalente em nenhuma outra lingua pela razão de que em nenhum outro paiz que não seja a França se encontra o que ella representa. Os inglezes têm o *humour* e os hispanhoes têm o *salero*, duas palavras que do mesmo modo carecem de traducção que desempenhe igual sentido, e que não podem ser entendidas fóra das regiões em que se não tenha alquebrado a gentileza andaluza ou onde se não houver es-palmado ainda, com a largueza de uma conquista, o longo pé de um cidadão britanico.

O escriptor a que alludimos, apertando mais os termos da proposição exactissima que expende, acrescenta ainda :

«Em França todas as mulheres têm espirito excepto as *bas bleus*.

«Os francezes que são espirituosos têm immenso espirito, mas ha immensos francezes que não têm espirito nenhum.

«De cem homens francezes ha dois com espirito. De cem mulheres francesas ha duas que o não tenham. A proporção é esta.»

É isto, segundo eu tenho observado, a mais inteira verdade.

Do confronto dos theatros de Pariz com os demais theatros da Europa deduz-se um facto expressivamente significativo: — Nos theatros estrangeiros ha seis ou oito actores de merecimento e uma ou duas actrizes apenas que hobreiam com elles; todas as outras lhes são inferiores. Nos theatros parisienses são boas todas as actrizes que não são admiraveis ou sublimes; dos actores, um terço é excellente, e dois terços são mediocres.

Em toda a parte um criado é em geral muito superior a uma criada tanto pelo seu trabalho como pela sua intelligencia; em França, a não ser o criado de café, todos os criados são maus, e, com rarissimas excepções, todas as criadas são boas. As governantes das casas de Pariz são typos unicos de perfeição. As criadas de quarto são verdadeiros prodigios de serviço, de methodo, de aceio e de intelligencia. Ha muitas casas parisienses onde uma criada só compra, cosinha, arraija os quartos, veste e despe a senhora, penteia, friza-a, faz-lhe os vestidos, serve á mesa, e lê todos os dias a *Petite Presse* ou o *Petit Journal*.

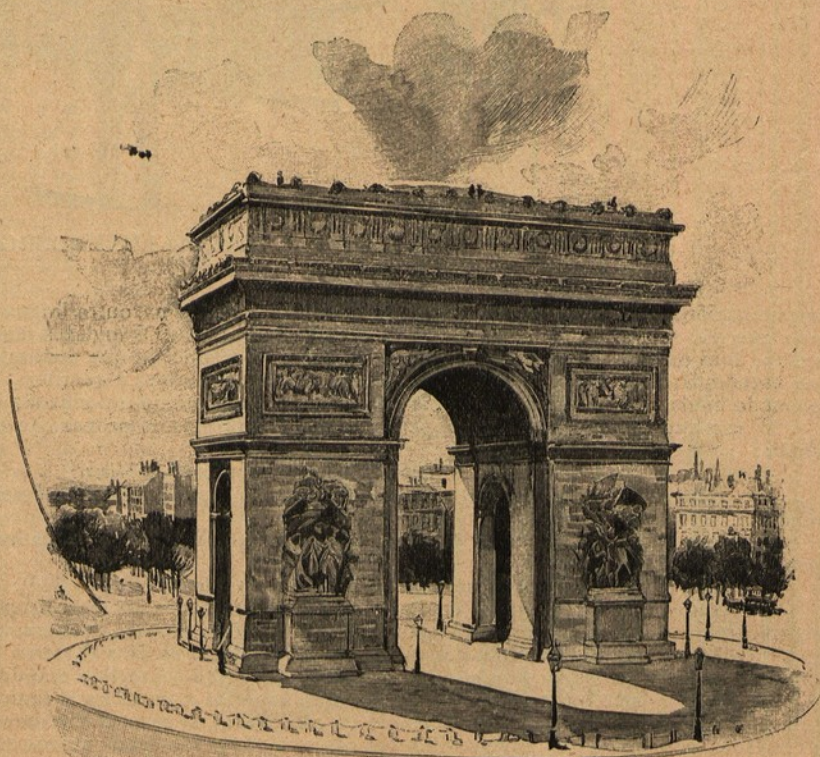


JARDINS DAS TULHERIAS

Eu entrei uma vez n'um theatro emquanto se estava representando o terceiro acto da peça que se achava em scena, e observei o seguinte factio, que depois tenho visto repetido por muitas vezes : — Os dois homens que davam e recebiam as senhas no peristilo estavam refestellados nos seus es-

paldares e um dormia emquanto o outro olhava para o tecto ; o bengaleiro tinha vindo para fóra do seu cubiculo e conversava com um gendarne, os porteiros achavam-se encostados aos humbraes das portas, com as mãos mettidas nas algibeiras ; no emtanto a vendedora dos bilhetes bordava n'um pequeno bastidor por traz da rede de arame do seu *guichet*, tendo ao pé do bico de gaz que a alumiaava duas rosas dentro de um copo d'agua ; todas as *ouvreuses* espalhadas nos corredores trabalhavam no seu *tricot* com a applicação e a presteza de quem estivesse seroando com tarefa posta. Todos os homens estavam ociosos ; as mulheres, desde a primeira até á ultima, trabalhavam todas.

Ha poucos dias atravessei o *boulevard* ás sete horas da manhã. N'estes ultimos dias do mez de dezembro, tal hora é madrugada. Estava um tempo coberto e a neve cahia abundantemente, marcando os *thermometros* tres ou quatro graus abaixo de zero. Reparei que andavam na rua menos homens do que mulheres, e lembrei-me de contar. Desde a esquina da rua *Taitbout* até á rua do *Faubourg Montmartre*, além dos criados dos cafés e dos armazens, que abriam as portas e limpavam os bronzes e as vi-



ARCO DA ESTRELLA

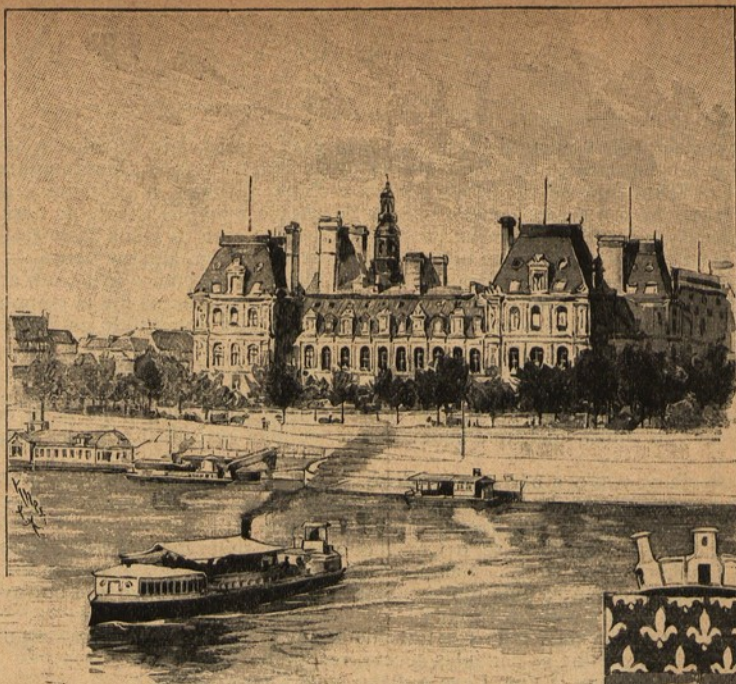
draças, encontrei onze homens e trinta e duas mulheres. Dois dos homens estavam parados ao pé de uma velha que lhes vendia licor. As mulheres, levando no braço os seus cartões ou os seus cabazes, caminhavam todas agilmente e resolutamente, com a alegre determinação de quem aceita a actividade do trabalho sem sacrificio nem violencia.

As mulheres que presidem ao serviço e aos pagamentos das lojas e dos cafés, conhecidas pelo nome de *femmes de comptoir* são creaturas phenomenaes. Ha restaurantes onde jantam quotidianamente duzentas, quatrocentas, oitocentas, mil pessoas e mais; duas unicas mulheres, sentadas no alto de uma tribuna, defronte dos seus livros de escripturação, presidem a este movimento indescriptivel, fiscalizando o serviço, fazendo um lançamento de cada jantar com os seus pratos e o seu preço, e dando e recebendo todos os trocos sem um só esquecimento, sem o menor equivoco, sem um unico lapso. Um viajante inglez, que esteve aqui durante a exposição, nunca pôde entender como se podesse realizar um semelhante prodigio de memoria, de attenção e de sagacidade, e, tocado do admiravel prestimo das creaturas que faziam da execução de tal prodigio a sua occupação de cada dia, estabeleceu um premio de alguns centenares de luizes para ser entregue á mais habil das que se lhe deparassem. Nenhum parisiense conseguiu jámais captivar assim a admiração e a sympathia votada por um inglez a uma franceza desconhecida.

Na casa onde eu moro, as criadas, com quem eu nunca fallei, sabem como eu me chamo, de que paiz sou e em que me occupo; sabem ainda aproximadamente como eu vivo e conhecem até muitos dos meus habitos, das minhas predilecções e das minhas antipathias. A porteira, com a qual nunca tive a menor especie de confidencia, chegou a dizer a um amigo meu, que tinha precisão impreterivel de me fallar em certo dia, onde seria provavel que elle me encontrasse á noite e onde me veria naturalmente n'essa tarde. O meu amigo seguiu o alvitre da porteira e deu commigo. O porteiro tinha sabido apenas dizer-lhe a phrase sacramental: — *Monsieur n'y est pas.*

O meu porteiro e a sua mulher têm uma pequenina propriedade rustica em Saint-Germain, para onde vai revesadamente um ou outro em cada sabbado, para passarem lá o domingo. Algumas noites, ao recolher-me, succede-me não encontrar o meu periodico junto do castiçal que me espera no patim da entrada, ou vêr uma carta subscriptada para mim dentro do castiçal d'outro, ou apparecer-me um sapato que me não pertence entre as botas que tenho á porta do quarto; eu já conheço estas noites: são os sabbados em que o porteiro ficou em casa e foi a porteira para Saint-Germain. Quando pelo contrario é elle o que vai e ella a que fica não ha a minima alteração no serviço.

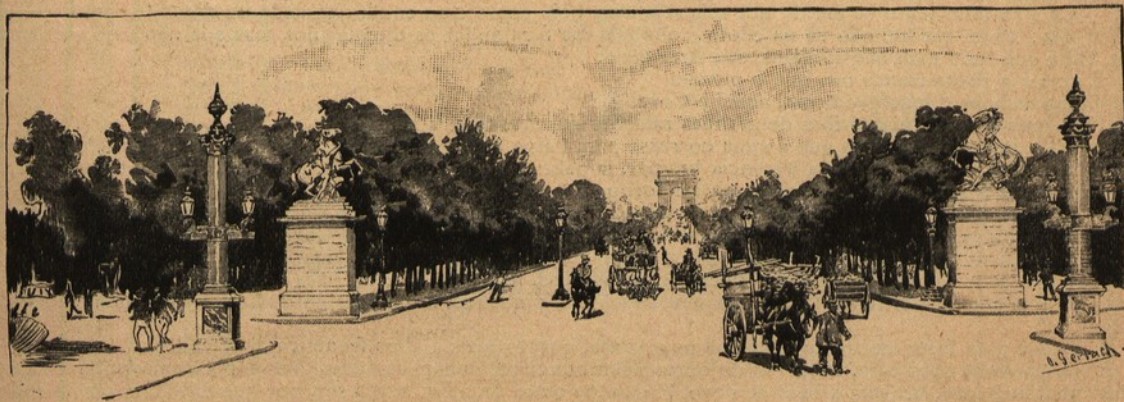
A minha engommadeira, que ouve e diz o meu nome uma só vez d'oito em oito dias, pronuncia-o tão correctamente como se fosse portugueza; o meu criado de quarto, que falla em mim umas poucas de vezes por dia, não sabe pronuncial-o.



O HOTEL DE VILLE



RAMALHO ORTIGAO.



O COVELLAS

SENTADO ao sol, á porta da casa que dava para o quintalejo trazido de horto e que vinha acabar á estrada, vedado por balseiros, velho tio Covellas tossia sempre, tossia a desconjuntar-se.

Afeitadas aquelle tossir, ali por volta d'elle, andavam as gallinhas e as ninhadas debicando no chão, bebendo papo para o ar, na gamella partida encostada á parede caída da casa. O Covellas tinha a seu cargo enxotal-as quando ellas alongavam as buscas de cibalhos para os lados do horto. Foi um encargo da mulher, da Vicencia, alma frenetica, para que elle estivesse entretido com alguma cousa. — «Uma lembrança d'ella para me ralar nos ultimos tempos da vida» — dizia elle, melindrado com o gallo, um atrevidote que o Covellas vira sahir da casca, deplumado e friorento e que agora, ao menor descuido, se lhe ia empoleirar na janella baixa por cima da gamella partida, sujando a agoa, e andava de um lado para outro todo gaifoneiro e sultão, ali mesmo á sua vista, como a troçal-o.

Gente que passava na estrada pedia ao velhote novas da saude.

— Salve-o Deus, tio Covellas! Então como vae isso?!

Elle levava as mãos ao peito, olhava o céu, agonisado. Dizia n'um fallar enfraquecido que aquillo lá por dentro ia mal, mesmo muito mal, que aquella tosse, aquella cascalheira que lhe cahira no peito é o que o havia de levar á cova.

Aconselhavam-n'o a não pensar n'isso. Alguns até lhe achavam parecer de quem não estava tão mal como dizia. Calavam-se por um bocado. Depois não tendo mais a dizer, por mais que buscassem, despediam-se.

— Té mais ver, com sua licença. Melhoras é que eu estimo.

— Melhoras! — quedava-se o Covellas olhando quem lhe tinha fallado até que desaparecesse na volta da estrada. — Melhoras p'ra isto!... Sempre a gente vê cada um por este mundo...

Chamava para dentro pela mulher. Se ella não respondia, logo elle berrava suffocado em tosse:

— Tu não ouves, alma de bruxa?!

E velha tia Vicencia, inda mais avelhada que elle, cabellos brancos esguedelhados, mumia vestida de saias de seriguilha a baterem-lhe as cannelas sêccas, respondia dentro:

— Lá vou homem, lá vou. Leve o diabo mais a tanto chamar.

Chegada á beira do marido para saber o que é que elle tinha engendrado para a não deixar socegada nem um momento, elle contava a conversa havida com quem passara.

Indignava-se ella. Se alguma vez se vira creatura assim! Fazel-a abandonar a lida em que estava, para ouvir um desconchavo d'aquelles!

— Tu parece que não estás bom do miolo, lá por dentro!

E no momento de indignada, se olhava o marido, o ar parvajola d'elle, embasbacado pela zanga d'ella, fazia-a rir. E escancarava então muito a bocca sem dentes. Curvava-se toda para deante, mãos apoiadas nos joelhos. Pegava-se o riso ao Covellas. E era tanto o rir, tão sem proposito, que a gente tinha medo não se fossem elles desmanchar como velha caqueirada mal grudada.

— Ora não ha! que cara d'homem mais palerma — pontuava a velhota limpando os olhos humedecidos de tanto rir ás pontas do lenço da cabeça cahido para o pescoço.

Ora como as scenas se repetiam sempre que alguem tinha desejado, ao passar, melhoras á doença do Covellas acontecia em meio da risota desbragada, apparecer gente na volta da estrada e tinha reparo e ameaças, por brincadeira, já se vê.

— Eh, tio Covellas! Eh, gentinha! Então a doença não é coisa de levar um homem de caminho, ao que se vê... Apostar que p'r'ahi anda o seu nadinha de manha!? É fallam da gente moça...

— E' a velha — apontava o Covellas, com temores de creança que fosse apanhada em maldade — é a velha!

E desandava a tossir, a tossir...

Sempre a tia Vicencia quem carregava com as culpas, ella sempre.

Pois se até ás vezes o Covellas — tudo velhice no fim de contas — dizia que era ella a culpada do seu mau estar de agora! Arranjava umas historias de janellas abertas, obrigações de trabalhos ao Sol, que ella lhe tinha imposto. Rabujices, porque a mourinha da tia Vicencia com os seus setenta, para mais, inda hoje era, como fôra sempre, o tudo na casa.

Perdoava-lhe os falsos testemunhos. Rezava a Deus para que não se fosse d'este mundo antes do seu homem. E não era por egoismo de viver, coitada! mas sem ella, a tia Vicencia via tão clara! a vida de desamparado que o seu homem levaria aos cuidados de extranhos, se cuidassem d'elle, sem ninguem que se interessasse mais do que attendendo á sua velhice.

Aquelle Covellas! Para o ouvir, o Anastacio tendeiro, que de marçano chegara a primeiro caixeiro n'uma merceria em Lisboa e que ao cabo fôra abrir loja ali na aldeia, dizia:

— O' seu Covellas! aposto que vocemecê não sabe que a terra é uma bola que anda a rebolar no mundo, e que anda á roda do sol.

E o Covellas, muito sereno e alheiado, retorquia:

— Cá p'ra mim tanto se me dá que ella seja uma bola como uma enxó, que ande ou desande como vocemecê p'r'ahi diz; cá o que me não dá na conta é que ella me faça andar ás topadas nos dias que não vejo a côr ao vinho. Olhe que tudo mais são cantigas, seu Anastacio.

E corria a risota franca nos que o ouviam.

Tinha-as boas e logo promptas, aquelle Covellas!

Uma creatura que nunca fôra de grandes ralações durante toda a sua vida!

A elle, tanto se lhe dava que a agua corresse para baixo, como para cima, bondava correr. Em dias de amassadura chegava a ser preciso a Vicencia bramar, ir pelo aninho e pela corda, por-lhe tudo alli, tudo deante dos olhos para elle ir por um feixe de sama para o forno.

E quantas vezes, depois da farinha amassada e tendida se havia préssa na fornada ella tinha de ir onde a elle, e quando calhava, ajuntar a sama, enfeixal-a, trazel-a para casa, porque o Covellas no caminho encontrara um amigo com quem se esquecera a palrar e que á despedida lhe havia dado um cigarro. Chegado o nosso homem ao pinhal, como se a demora na conversa tivesse sido pequena, ficava-se barriga para o ar, em chão limpo de tojaes, olhando o céu azul por entre as folhas aciculadas dos pinheiros, a malucar em coisas que elle nem sabia o que fossem.

Era caso para fazer exasperar a pessoa mais santa, quanto mais a alma frenetica da Vicencia.

E no caminho para casa, atraz um do outro pelos carreiros, vinham amuados. Mas depois, palavrinha dura agora, palavrinha dura logo, ficavam a bem de novo. E nem de outra maneira podia ser, por que elles, apezar de todas as zangas, tinham vivido sempre como noivos recolhidos do mundo.

Foi um diabo de homem que appareceu em tentação á Vicencia do Bouças nos tempos de cachopa. D'aquelles diabos que só apparecem a certas pessoas uma vez na vida.

Elle não era d'ali. Viera á terra por occasião das festas, com a gente do Pó.

Foi na igreja, ao officio, quando nuvens de incenso espalhadas pelos thuribulos subiam a aureolar as chammas das velas que alumiam a Senhora toda garrida no seu manto simples.

Nos labios frescos e vermelhos da Vicencia, pouco a pouco, as rezas foram morrendo. Fugiram-lhe os olhos da contemplação da imagem serena da Santa. E vieram a tombar no Covellas. Pelo seu pouco recolhimento de então, dizia ella, para não ouvir a sarna da mulher agoniar-lhe aos ouvidos, ás taes idas á sama, e umas sachaduras muito demoradas no hortejo em frente da casa.

O Covellas não era homem de muita saude. Se passava um dia ao sol, chegava á noite doente da cabeça e quebrantado e era tendo uma vida de pouco cansaço que elle conseguiria aguentar-se por esses annos alem. Assim lh'o tinha dito um curandeiro que apparecera na terra d'elle, em tempos, e o Covellas, se o homem lhe disse que não se cansasse muito, decidira não se cançar nada. D'ahi aquelles dias passados por casa d'uns e d'outros quando chovia, as longas estadas barriga para o ar nos pinhaes, para fazer bem á saude, quando estiava. E lá de quando em quando, para não ouvir a sarna da mulher agoniar-lhe aos ouvidos, ás taes idas á sama, e umas sachaduras muito demoradas no hortejo em frente da casa.

Quem tinha fazendas para os lados dos pinhaes e precisava trabalhar n'ellas, prevenia de manhã, á sahida :

— Não esqueça prantar mais uma codêa que póde apparecer o Covellas.

Uma codêa era quasi sempre um outro jantar, que as mulheres arranjavam resmungando de semelhante bandarra.

Estava a recommendação tantas vezes repetida que passou a dito vulgar. Depois veiu a ser empregada na giria do negocio «Uma codêa para o Covellas», queria dizer contrapeso, bonificação do vendedor ao comprador.

Deitado á sombra, quando a barriga lhe accusava horas de comer, o Covellas erguia-se, compunha-se, ficava ouvidos á escuta, e dado tento de gente encaminhava-se para lá.

E elle não tinha necessidade nenhuma de andar ás sopas dos mais. Bem lh'o prégava a mulher que sabia governar o pouco como ninguem. Mas que se lhe havia de fazer se era d'aquelles patuscadas que elle gostava !

— Este diab'alma d'este Covellas parece filho de cigano, — diziam os da terra, — por força que este diabo deve ter dinheiro a render. . .

Elles sabiam perfeitamente que elle o não tinha, que para o casal da parte d'elle pouco levára, e da parte da Vicencia tambem não havia grandes cousas. Era por chalaça, emfim.

Luziam os ferros das enchadas, ao sol, como estrellas cahidas do céu, a enterrarem-se na terra; rodavam nas eiras, em calcadouro, rebanhos de ovelhas, e das terras verdejantes ou nuas de sementeiras, aquecidas pelo sol ardente, cahido sobre ellas de chapada, subiam fumos tremeluzentes.

Ouvindo passos o que andava na sáfara erguia a cabeça vagaroso.

— Eh Covellas! Agora não te via. A'postar que vens ao cheiro.

— Isso é que eu venho.

— Vida de fidalgo, diab'alma. Ficas sem bocado porque hoje a mulher não póde cá vir.

— Vou-me onde a casa — respondia elle, fingindo não perceber a chalaça.

Seguia para a estrada. Mas ao chegar lá o chalaceiro tomava o cesto pela aza, tirava-o do esconderijo e mostrava lh'o de alto.

— Olha que é brincadeira, ó Covellas! anda cá, home!

— Mas elle não vinha.

— Anda cá, home! que raio! pareces desconfiado.

Elle voltava, como por favor. Fazia-se descontente de ter andado aquelle pedaço, por chão de alqueive, bom para dar cabo do calçado.

— Deixa que o hei de gradar p'r'a outra vez. . .

E para não fazer esperar a companhia, era loho a enxada posta de lado. E mãos lavadas na ribeira, despejava-se o cesto á sombra de alguma arvore, mandibulando com alma o bocado que as mulheres haviam arranjado, emquanto resmungavam de tal bandarra.

Bellos tempos! Na terra pessoas casadas e com filhos que já iam guardar o gado não se lembravam de os ter visto senão avelhados. E se não fosse aquella tosse que ao Covellas lhe viera a cahir alli no peito, daria que scismar como havia de ser essa cousa da morte, porque ella parecia ter-se temorisado e fugido aos cuidados que elle tomára em moço.

Pelas vindimas o velhote peorou. Ind'assim todas as manhãs ia-se arrastando até cá fóra, á raposeira, para aquecer o seu corpo gelado. Passavam ranchos de vindimeiras, cestos á cabeça, cantigas nos labios vermelhos, carros de bois chiando vagarosos, a dorna em cima a abarrotar de uvas, boieiro tasquinhando cachos, e o Covellas seguia toda aquella jovialidade das vindimas, olhares entristecidos, a tossir, a tossir sempre.

N'outros tempos, para elle, era aquella a boa quadra do anno, por'li fóra: Natal, depois Anno Bom e os Reis.

Foram-se as vindimas, fecharam-se os lagares, repousavam as adegas por uns tempos, e veiu a occasião da mocidade da terra partir estrada fóra para a apanha da azeitona nos olivae de Coimbra.

Foi então que o Covellas morreu.

Vindo da cidade, Bento, do Pó, ao passar pela estrada, quando á beira do horto, ia perguntar novas da saude ao velhote. Olhou por entre os balseiros. Não deu fé de o vêr. Futurando caso, berrou :

— Eh tia Vicencia! Eh tia Vicencia do Covellas!

A' porta da casa a velhota appareceu pendida para deante pelo peso do alguidar cheio de comida para a baco-rada. Pousou-o na soleira. Lenço puchado para a testa, olhava, para um lado e para outro, para vêr quem a chamára.

E o Bento, fazendo-se encontrado :

— Elle que é feito do seu homem, ó tia ?

— O meu homem anda lá p'r'azeitona.

— P'r'azeitona ? ! Vocemecê brinca !

Ria a velhota do espanto que a graça causára no Bento do Pó, e ajuntou :

— O meu homem morreu. . . Vocemecê inda não sabia ?

— Não senhora. Mas p'los modos tia Vicencia tambem não teve grande aquella.

— Grande aquella ! Então que se lhe havia de fazer se é o destino de quem apparece n'este mundo.

E toda crente, erguendo os olhos ao ceu ;

— Foi por vontade de Deus que elle foi antes de mim.

Vontade que ag'adecia por tel' o ouvido quando pedia que ella lhe não viesse a faltar, ao seu Covellas. Assim, á hora da morte, elle teve quem lhe amparasse a cabeça, porque os extranhos nem sempre estão por isso. Agora, quando a sua vez viesse morria descansada, que já não deixava ninguem a quem fizesse falta.

Tomou do chão o alguidar. Endireitou-se ao chiqueiro. Grunhiam os cevados farejando comida proxima.

. . . — a não ser aos meus porquinhos ; mas esses. . . alguém ha de vir por elles. . .

E foi-se d'ali o Bento, do Pó, ajuizando que a mulherzinha perdêra o siso como já perdera a idade.

EDUARDO PEREZ.

FRANQUEZA maxima — não é uma cidade essencialmente moderna, embelezada por largas e compridas ruas, amplas praças, mirabolantes jardins, sumptuosos palacetes; e nem se nota, tão pouco, um movimento continuado e extraordinario em todas as suas arterias, ainda as de somenos importancia, que possa darnos a impressão d'um grande centro populoso, porque o não é. Todavia deve dizer-se desde já, em completo abono da verdade, que Vizeu é uma das raras cidades nacionaes onde se vive relativamente bem. Ha aqui convivencia, animação e bastante vida, ainda que o não pareça nos primeiros momentos da sua visita ao forasteiro e ao *touriste*. Para os que gostam do *meio-termo* nos diversos aspectos da existencia vivida no interior dos povoados, — uma existencia placida, methodica, sem grandes e exaggerados ruidos de distracções varias a succederem-se em volta e a todo o momento, causando a attenção, transtornando os habitos e exgottando as algibeiras, o que é bem peor, Vizeu convém. Não é uma terra de luxo com disposições abundantes para «cavallarias altas», permitta-se-nos o termo tão nosso, mas por isto mesmo sempre querida dos que ainda apreciam e sabem avaliar bem dulcissimo remanso do viver adoravelmente simples e beneficemente honesto.

*
* *
*

Cidade antiquissima, Vizeu é irregular, e tem ainda muito d'aspecto pesado que caracteriza os burgos cuja origem se dilue e apaga por completo na profunda treva dos seculos. Comtudo, são para notar os melhoramentos materiaes, mais ou menos importantes, que vem gosando ha annos a esta parte, — melhoramentos que lhe transformaram bastante já a feição vetusta e fria que a dominava em epochas idas, dando-lhe uma nova caracterisação agradável e mesmo distincta. Portanto, se ainda não é, como dizemos atraz, uma grande cidade, um centro de luxo, uma estação especial regorgitante de grandiosidades, que periodicamente possa chamar a si centenares de viajores e *touristes*, é, apesar d'isto, uma localidade onde aquellas faltas — mui sensiveis para uns, com pouco interesse aliás para outros, — são largamente compensadas com o que se gosa na proverbial hospitalidade dos seus habitantes e na intimidade ou exteriorisação *sympathica*, bem pouco vulgar dos usos e costumes. Vive-se bem aqui, porque não ha odios nem preconceitos, não ha vicios que envenenem nem motivos de qualquer ordem que possam incommodar ou acarretar prejuizos de maior. Isto é veridico, é notorio, mesmo incontestavel, com grato prazer o affirmamos. E queiram perdoar-nos esta pequenina amostra de bairrismo, que afinal não prejudica coisa alguma....

*
* *
*

Em pleno coração da Beira e magnificamente localisada, Vizeu ufana-se de possuir um ceu adoravel e uns aspectos *paysagisticos* e *panoramicos* de primeira ordem nos seus arredores. Não é uma natureza bruta e selvagem rebentando em montanhas a desaparecerem sob um diluvio de matagaes bravios e florestas escuras e tenebrosas, e abrindo-se em valles profundos que só de encaral-os se sente um arripio. Antes pelo contrario: aqui a leve planicie verdejante, quasi toda arada e graciosa envolve subtil, com meiguice e amor, os outeiros e monticulos breves, por sobre os quaes a vista corre com prazer e sem fadiga, coroados por grupos de castanheiros e carvalheiras predominando os pinheiraes alterosos, rigidos, no seu verde-negro frisante que sobe para o azul dos espaços n'uma intensa nota de contraste que agrada e prende. A opacidade da terra não encobre a transparencia luminosa do ceu, nem sequer tenta esse van-



O CALVARIO, q

NO PAIZ

VII)
ZEU



quadro da Sé de Vizeu

quearam ali sob o braço potente dos pegureiros de Viriato, as hostes dos mais temidos pretoros dos Cesares. E se Quinto Scipião venceu, foi-lhe preciso descer á baixeza de subornar tres miseraveis soldados do forte chefe lusitano. E tudo desapareceu encoberto pelo pó de dois mil annos, menos a gloriosa tradição do esforçado pastor da Beira!

dalismo, pelo que ha aqui muito horisonte e muita luz, o que infelizmente não é dado encontrar em toda a parte.

Vem a proposito uma pequena transcripção do que a este respeito escrevemos ha annos: — «...basta apontar o formoso valle do Pavia, que semi-cerca Vizeu pelo poente, o qual destaca tractos de terreno d'uma paisagem finissima, aldeias e casaes d'uma situação delicadissima, que nos lembram logo a formidavel expressão artistica do grandioso pittoresco quando aquarellado pelos inimitaveis bretões nossos contemporaneos. A Azenha, Vil de Moinhos, Orgens e S. Salvador são as perolas d'esse valle tão ricamente engastado pelo Bello; e o seu diadema, fulgentemente filigranado, é o famoso convento de S. Francisco, lá ao fundo de Orgens, com a sua pequena quanto esplendida matta. Quando n'aquella migalha do Paraizo nos sentimos despreocupados e em descanso, ao sereno desabar d'estas tardes de primavera, os olhos do corpo na verdura intensa da vegetação opulenta e os da alma perfurando a miragem immensa, infinita de gosos, das coisas ameigadas pela mansidão, parece-nos que o espirito tem deante uma deslumbrantissima «miniatura do Bussaco» como muito bem diz o sr. dr. Pedro Augusto Ferreira, illustre abbade de Miragaya. N'esta comparação tão simples, mas tão verdadeira, consubstancia-se tudo o mais que podiamos dizer d'este local privilegiadissimo. As velhas paredes do mosteiro, que já conta 483 annos, teem nas suas faces esculpida a colossal poesia da região que avassallam, em versos ora pobres, ora ricos, mas todos elles incandescentes de sinceridade vibrante. Ahí vão alguns que mão desconhecida lá gravou com fé e enthusiasmo:

Entre as ruínas do mosteiro annoso
Onde a piedade sua voz ergueu
Inda respira o calor das crenças
Que a alma eleva suspirando ao ceu.

Pobre jazigo de varões robustos,
Que aqui buscavam lenitivo á dor
Crestou-te o sopro d'uma raça impura
Que mal pensava do teu santo amor.

Grave pretexto das mentiras d'hoje,
Licção pungente ás gerações d'agora...
E' mudo o templo! e nas campas dormem
Os pobres monges que a virtude chora!

Vizeu apresenta dentro de seus muros alguns monumentos e edificios importantes, dignos de ser vistos e mencionados. Logo á sahida da estação do caminho de ferro e ao cimo do campo de Viriato, local onde se realisa a grande feira de S. Matheus e que apesar de sensivelmente decahida ainda é a primeira do paiz, se encontra a famigerada Cava do valente guerreiro lusitano. Em volta d'aquelles muros de terra, agora quasi destruidos, o heroico revoltado destroçou todas as aguerridas legiões da poderosa Roma mandadas a submettel o, e desfaldou aos ventos, n'um cantico vibrante de liberdade, a bandeira sagrada da independencia, aliás ephemera. Bab

A Sé. E' uma fabrica enorme, antiquissima, pois nasceu com a monarchia, e repositorio de verdadeiros primores artisticos, desde a interessantissima e notavel abobada *dos nós*, trabalho unico no seu genero em Portugal, até á esplendida collecção das pinturas gothicas attribuidas a Vasco, o Grão Vasco, tão apreciado e debatido pelos criticos d'arte de diversas nacionalidades. O *Seminario diocesano*, com a sua magnifica bibliotheca, considerada de primeira ordem, e a escadaria suspensa, maravilha de tal ordem, que só vendo-se pôde ser devidamente apreciada. O *hospital civil* da Santa Casa da Misericordia, é um edificio grandioso, amplo, decentissimo, em bella localisação, que pôde ser considerado modelo. Tem um movimento de 2:000 doentes, approximadamente, o qual demanda, á benemerita instituição que o administra, uma despeza annual de cerca de 14 contos de réis. Esta tão bem situado que do alto dos seus terraços se descobre um panorama de mais de 80 kilometros de raio. *Fontello*, o velho paço dos bispos, ao qual conduz uma encantadora carreira ladeada por frondosas arvores bastantes vezes seculares. Na sua capella admiram-se a «Ultima Ceia» e «Jesus em casa de Martha», quadros que o sr. Carlos Justi, distincto critico allemão, julga superiores ás grandes e afamadas pinturas da sacristia da Sé. O *Asylo de infancia desvalida*, que merece ser notado pela ordem e aceio que n'elle se observam funciona desde 1879. Possui aulas e officinas para educação dos internados, os quaes teem merecido sempre do seu director, sr. Antonio de Gouveia, uma attenção, zelo e cuidados dignos de registrar-se e ser imitados. *S. Miguel do Fetal* é uma capella humilde mas notavel, por ser o templo mais antigo de Vizeu, pois é anterior a 1110, sendo doado por D. Henrique de Borgonha a Theotonio, bispo de Vizeu e depois canonisado pelas suas virtudes. Eguamente o extinto *mosteiro de Jesus*, que foi das freiras beneditinas da Ordem de S. Bento, e a respeito da qual o distincto archeologo e sabio profes-



SEMINARIO DE VIZEU

sor sr. dr. Maximiano d'Aragão acaba de publicar uma curiosa monographia, desperta interesse por o insigne e grande Camillo fazer passar junto da escadaria principal d'este convento essa tragica scena do seu emocionante *Amor de Perdição*, — Simão Botelho estoirando a zagalotes a cabeça do repugnante primo Balthazar de Castro Daire. Tambem foi n'este mosteiro que Thereza, essa candida e delicada protagonista do romance passou em reclusão parte da sua amarissima existencia, acompanhada por essas *religiosissimas* freiras, que Camillo desenha magistralmente.

*
* *
*

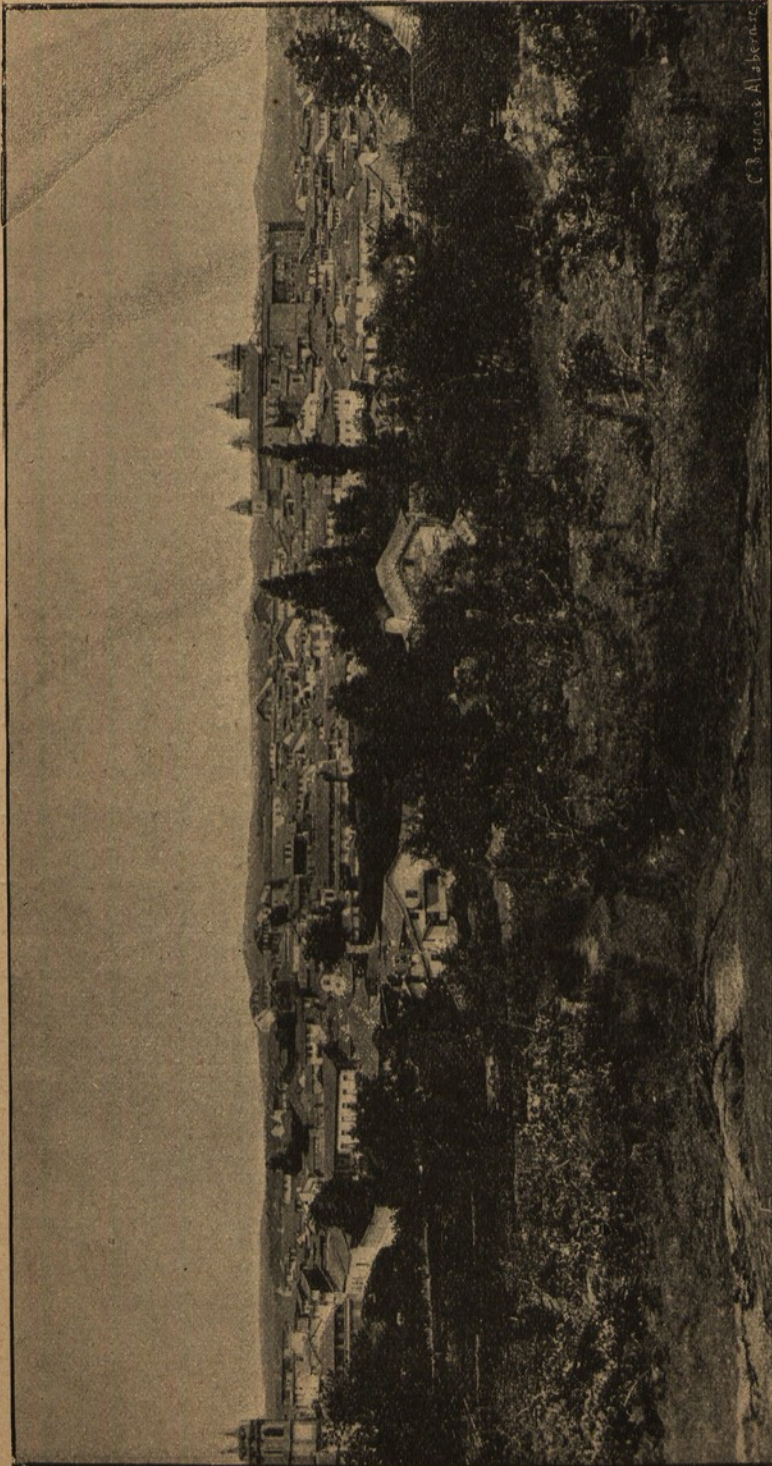
E' muito desenvolvida e aprazivel a encerebração dos vizienses, provando-se a affirmativa no grande numero de artistas e escriptores filhos d'esta terra, que vem ornamentando a historia patria d'uma maneira notavelmente insigne. Basta dizer que, depois de Caminha, Vizeu é a terra provinciana onde se teem publicado mais jornaes e livros de reconhecido valor. Ha pouco tempo ainda viam a luz n'esta cidade os seguintes semanarios e bi-semanarios: *Viriato*, *Jornal de Vizeu*, *Liberdade*, *Commercio de Vizeu*, *Folha*, *Democracia da Beira*, *Revista Catholica*, *Artista e Mocidade*, afóra uma turba-multa de jornaes academicos lithographados e até... manuscriptos!

Hoje existem os seguintes, pela sua ordem de antiguidade: *Jornal de Vizeu*, dirigido peio sr. dr. José de Mello Borges, advogado e orador distincto; *Liberdade*, director politico o sr. dr. Maximiano d'Aragão, professor do lyceu e antiquario muito apreciado; *Commercio de Vizeu*, fundado pelo sr. José Victorino de Sousa e Albuquerque, jornalista de valor; *Folha*, director o sr. Cesar d'Almeida, uma individualidade sympathica, occupando nas letras um invejavel logar; *Revista Catholica*, sob a direcção do sr. conego Miguel Ferreira d'Almeida, homem erudito e notavelmente convicto nas idéas que defende; *Hylario*, orgão da mocidade local, fundado em homenagem á memoria do saudoso bohemio viziense que todo o paiz jámais esquecerá. Director, o sr. José Branquinho.

Era intimo desejo nosso dilatar este pequeno artigo de fórma que elle podésse conter a maxima quantidade de informações sobre o que Vizeu conta de mais proeminente na sua historia, nos seus monumentos, nas suas instituições publicas e particulares, nas suas individualidades, etc. A falta de espaço, porém, obriga-nos, bem contra a nossa vontade, a fazer apenas um ligeiro esboço, exíguo em demasia, do que se encontra por aqui mais digno de registrar-se. Todavia, é dever nosso remetter os curiosos para uma monographia que se vem publicando, na qual encontrarão detalhada e eruditamente exposta a historia geral e particular d'esta cidade. Referimo-nos á valiosa obra *Vizeu* por o sr. dr. Meximiano d'Aragão.

O sr. dr. Aragão nasceu em Fagilde, proximidades de Vizeu, em 1853. Em Mangualde estudou os rudimentos da lingua latina, e aos doze annos entrava n'esta cidade para cursar os estudos secundarios e ecclesiasticos. Passando a Coimbra, frequentou a Universidade d'onde saiu bacharel formado em Direito e Theologia, diplomas que obteve com muita distincção, e regressando conseguiu salientar-se desde logo na advocacia e no jornalismo, onde hoje occupa um dos primeiros logares. Nomeado professor de philosophia no lyceu de Vizeu, escreveu alguns opusculos sobre materia varia que lhe garantiram os fóros de publicista muito illustrado e talentoso: e bastante seduzido já pela archeologia, lembrou-se de desvendar o melhor possível a historia da terra que elle «considera e affia como sua patria». Com um afan extraordinario, uma paciencia benedictina e uma vontade verdadeiramente de ferro, elle se moveu durante alguns annos dentro dos escasos recursos de que podia dispôr para conseguir o seu fim. Enfrounhou-se da leitura das velhas *memorias*; estudou os codices e as chronicas mais empoeiradas; procurou documentos de toda a ordem, indispersaveis ao seu objecto; revolveu o rico archivo da Sé, ouviu tradicções, consultou contemporaneos; fez algumas visitas ao Tombo Nacional e melhores bibliothecas do paiz e do estrangeiro; e depois d'esta estopada enorme, a que mui poucos resistiriam, e colhidos todos os elementos precisos para o trabalho premeditado, começou de escrever o *Vizeu*, obra de que foram então publicados dois tomos, devendo fazer se dentro em pouco a impressão do terceiro.

Não sendo, como realmente não é, um producto verdadeiramente estylistico, visto que o auctor entendeu dever empregar uma linguagem corrente e chã, simples e concisa, fóra dos arrebiques de phrase, no seu trabalho todo sincero, mesmo austero, é certo que a obra *Vizeu* representa um monumento de profunda meditação que se notabilisa pela immensa luz que derrama por sobre todos os factos, ainda os menos importantes, da historia d'este burgo desde os tempos mais obscuros até ao presente, que se impõe pelo *documento* que procura, encontra, limpa e põe a nú em toda a sua verdade enpolgante e convincente. O primeiro tomo abre com factos da historia geral, passafao interessante periodo da fundação da cidade, apresenta Viriato, estuda e descreve a *cava* do futuro guerreiro, um largo capitulo de veras curioso, e as torres romanas. Expõe com nitidez os principaes factos passados durante os periodos dos barbaros e da fundação da monarchia portugueza. As armas, o foral de D. Thereza e os priores da Sé teem tambem n'este volume consagração especial. O segundo tomo vae desde a fundação da monarchia até ao fim do reinado de D. João II, e tem notas interessantissimas re-



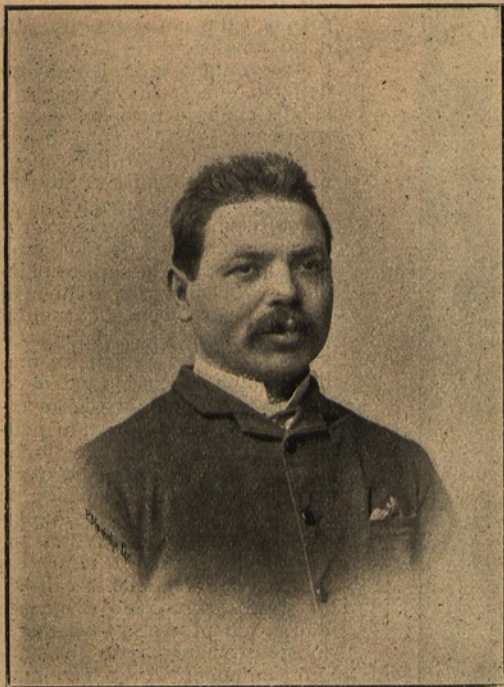
VISTA GERAL DE VIZEU

lativas á invasão dos castelhanos, muralhas, ducado, côrte e côrtes, privilegios, feira franca, etc., etc. Conforme atraz dissemos, o terceiro tomo vae ser publicado brevemente, devendo despeitar o maximo interesse nos criticos d'arte e antiquarios que teem tratado a famosa questão da supposta existencia da antiga escola portugueza de pintura, especialmente do famoso Grão Vasco, até agora considerado uma individualidade puramente imaginaria pela maioria dos que procuram resolver este intrincado problema historico-artístico. Nas suas aturadas investigações no archivo da Sé, o sr. dr. Maximiano d'Aragão encontrou documentos que provam a existencia de Vasco Fernandes, pintor, e a sua paternidade do celebre quadro *S. Pedro* da mesma cathedral. Estes valiosos documentos serão publicados no tomo em preparação.

3-11-96.

A. CAMPOS.

Anselmo Antunes de Carvalho



É com dolorosa saudade que escrevemos este nome, e com profunda angustia que vamos traçar alguns dados biographicos d'esse mallogrado rapaz, que tão prematuramente foi arrancado á vida e ao convívio da familia e dos amigos, que tanto o estimavam.

Tambem não é menos viva a emoção que sentimos ao pagar o nosso tributo de gratidão áquelle que tão bom amigo e companheiro soube ser na sua vida de operario.

Anselmo Antunes de Carvalho, filho de Manuel Antunes de Carvalho e D. Maria Antonia de Carvalho, nasceu em Ponte Velha, freguezia de Foz de Arouce, districto de Coimbra, em 20 de abril de 1860. Tinha apenas 8 annos de idade quando, naturalmente incitado pelo seu temperamento emprehendedor, veio residir para Lisboa, d'onde mais tarde mandou chamar a mãe, a qual falleceu na sua companhia, victimada por uma fatal enfermidade.

Foi aqui que se dedicou á arte de imprimir, dando entrada na officina de François Lallemand, e depois na antiga casa de Sousa Neves, onde se conservou por alguns annos, sendo seu mestre um bondoso velho, o *mestre Antonio*, como elle lhe chamava ainda quando se referia saudosamente, a quem o iniciara nos segredos da impressão typographica e a quem prodigalisou todos os cuidados, recebendo-o em sua casa, onde falleceu, quando já não podia auferir os meios sufficientes para se manter.

Que admiravel exemplo de abnegação !

Que se revejam n'este modelo aquelles que, lançando mão da calumnia e da falsidade, sómente se entreteem em diffamar os que de alguma coisa teem servido n'este mundo.

Mais tarde Anselmo de Carvalho entrou na casa Christovão, e por ultimo na de David Corazzi, esse grande vulto, a quem ainda ha pouco prestámos a nossa derradeira homenagem e que tão bons e relevantes serviços prestou ao nosso

meio litterario, pondo em evidencia e ao alcance de todos, as principaes obras de auctores nacionaes e estrangeiros.

Foi n'esta casa, actualmente Companhia Nacional Editora, que Anselmo de Carvalho, manifestou mais abertamente as suas altas qualidades de artista de grande valor.

Foi alli que elle teve occasião de enriquecer a grande industria typographica não só com bons specimens de trabalhos, como tambem de bons discipulos, que ainda se conservam n'aquelle estabelecimento e que hão de necessariamente continuar a obra do seu saudoso mestre.

Foi alli, auxiliado por David Corazzi, que o nosso extincto biographado tornou conhecidos em Portugal os melhores mecanismos, os optimos processos de trabalho em todos os gêneros, e successivamente os ultimos aperfeiçoamentos, como a impressão da photogravura, e finalmente o novo processo das tres côres que o desventurado moço poz em pratica não conseguindo vê-lo em circulação.

Era extremamente agradavel vêr a fórma e o affan por que Anselmo de Carvalho realisava qualquer melhoramento respeitante á sua industria ! Que força de vontade ! Que perseverança ! Que entusiasmo pelo engrandecimento do seu paiz !

Alguns trabalhos foram devidamente apreciados no estrangeiro, especialmente um d'elles representando o modelo da machina *Victoria* impresso sobre fundos de celluloide, a que varios jornaes italianos e allemães, dispensaram justos elogios. São muitas as impressões d'este genero executadas pelo nosso biographado.

Foi socio fundador da Liga das Artes Graphicas, a que dedicou parte da sua actividade e do seu prestimo, e d'onde saiu obrigado por um conluio e uma guerra atroz que mais sujou os que lh'a moveram, do que o desprestigiou a elle. Mas o bom senso manda calar isto.

Como pae e como amigo era o que ha de mais tocante na vida. Não exaggeramos porque o acompanhavamos ha quasi oito annos, dia a dia, hora a hora, conhecendo minuciosamente o seu viver intimo ; a sua inimitavel prudencia em dar um bom conselho ; a maneira affavel por que mantinha a disciplina na sua officina, sem vexames, tendo sómente em mira o fazer-se comprehender para assim não molestar. Era inimitavel !

Deixou quatro filhos na orphanidade.

Que lhes valham a amisade dos amigos.

Concluindo, damos os nossos sentidos pezames á sua dolorida familia e á industria typographica que assim perdeu um dos seus mais prestimosos cultores.

Que descance em paz o nosso bom e inolvidavel amigo.

Industria Portuguesa

DAMOS hoje a reprodução, em photo-gravura, das novas locomotivas, feita nas officinas da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

As duas novas locomotivas são do typo de tres eixos conjugados, com *tender* independente tambem de tres eixos.

A distancia entre os centros dos eixos extremos é de 3^m,43, o diametro das rodas 1^m,30; o comprimento total da machina é 8^m,50 e o seu peso 35T quando vasia e 38T com agua e carvão.

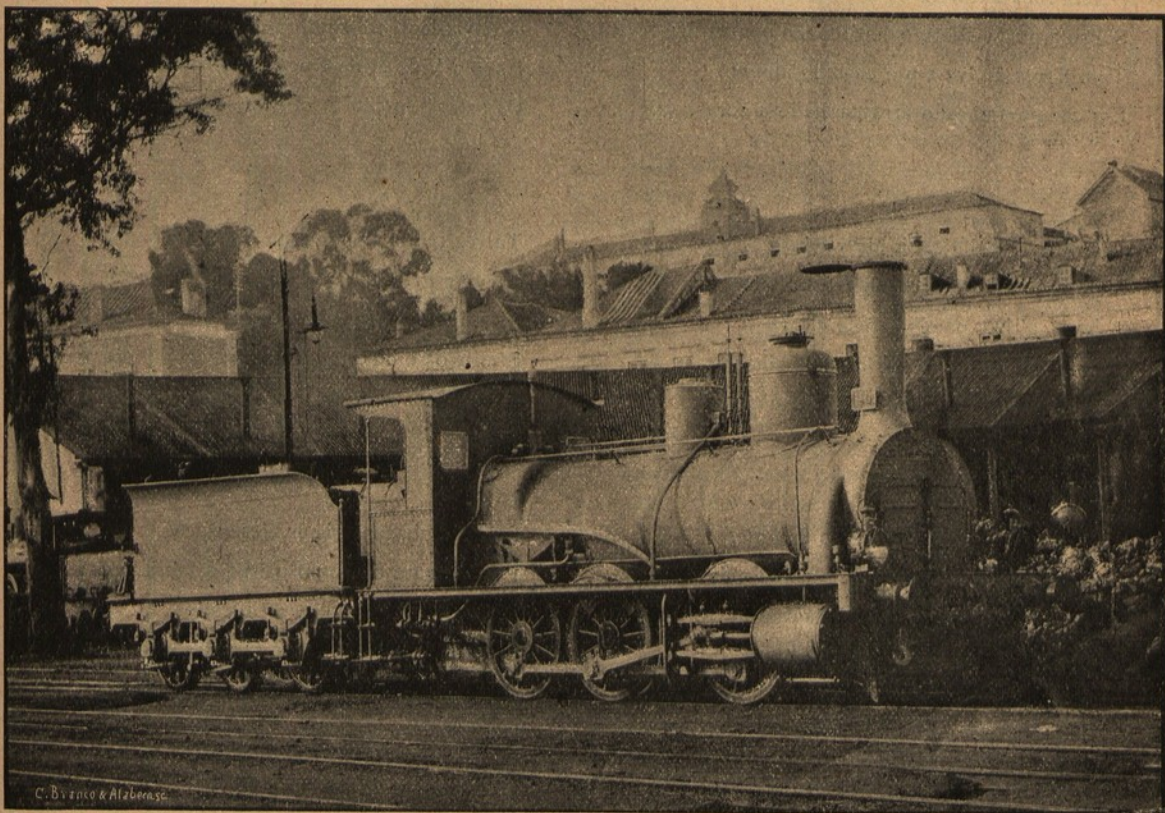
A caldeira está timbrada a 10^K, tendo uma superficie total de aquecimento de 125^m2,13. O esforço de tracção é de 6.581 kilos.

Cobre a tubagem uma abobada de barro refractario, systema introduzido em todas as machinas da companhia pelo actual director mr. Boyer.

Os cylindros são exteriores, de 0^m,45 de diametro, sendo o curso do embolo 0^m,65.

O *tender* tem, como dissemos, seis rodas, de 1^m,12, sendo a distancia entre o centro dos eixos extremos 3^m,27. A capacidade das caixas d'agua é de 8^m3,45. O comprimento total do *tender* é 6^m,687.

Estas machinas, que receberam os n.ºs 110 e 117, são destinadas aos comboios mixtos e mercadorias, podendo, em patamar, atingir a velocidade de 40 kilometros, rebocando um comboio de 300 toneladas.



AS NOVAS LOCOMOTIVAS DA COMPANHIA REAL FEITAS NAS OFFICINAS DE LISBOA

Todo o trabalho foi feito nas officinas da companhia, excepto unicamente os cylindros e as rodas, que vieram do estrangeiro, aquelles da acreditada e importantissima fabrica John Cockerill, de Serain, e estas da fabrica Zypen, de Leipsig.

Como é sabido, mesmo em algumas das mais importantes fabricas estrangeiras não se constroem estas peças, para as quaes são necessarios martellos-pilões de extraordinaria força.

O trabalho, começado em 1 de junho, foi calculado para sete mezes, sendo todo feito por 50 operarios, sob a direcção do chefe das officinas, o sr. Luciano Mathiote, coadjuvado pelos srs.: João Dias da Costa, contra-mestre, Isidoro Ramos, João Pinto Ramos, contra-mestre de torneiros, Eugenio Moreira e José Filippe Rocha.

Se a estes cabem os maiores elogios pela maneira brilhante como dirigiram, não é pequeno o quinhão que pertence aos activos operarios que cooperaram n'aquelles importantes trabalhos e souberam executal-os de fórma a poder-se hoje assegurar que o producto portuguez em nada inveja o que sae das mais notaveis fabricas estrangeiras, onde já de longos annos ha vinculada a pratica de se executarem milhares de trabalhos identicos.

No dia 19 do mez passado, terminado o exame das novas locomotivas, pelo sr. administrador-director da companhia, alguns membros do conselho, dois engenheiros estrangeiros e representantes da imprensa, fez-se uma visita ás officinas de montagem, forjas, fundição, moidagem e funileiro.

Tão lisongeiro foi o resultado d'esta bella iniciativa, que a direcção da companhia resolveu já continual-a, mandando construir mais tres machinas de typo igual ao d'estas, as quaes receberão os n.ºs 114, 116 e 119, e 6 machinas-tenders com os n.ºs 32 a 37.

RUINAS

(Ao Antonio Bastos)

Pelos salões ermos ha luares dolentes
D'espelhos tranzidos e quadros banaes :
E ha já tanto tempo que brancuras doentes
Os não embaciam, aos espelhos quentes
Que allí luarisam os salões reaes !

Mora lá um velho, altivo descendente
D'uma raça extincta de navegadores :
Sobre a porta nobre o seu brazão pendente
Tem flores de lyz e um castello albente
Em campo amarello arrascanhado a cores.

Da minha janella cheia de verdura
Vejo-o ao sol-pôr, na sua estranha magua,
A levar, altivo, os olhos pela altura
N'um jardim onde herva dá pela cintura
E inda rebentam grandes leques d'agua !

E eu queria ser esse velhinho errante,
Talvez a minha Alma no seu arduo peito
Lá fortalecesse o meu ideal fragrante
Na serena luz do seu cantar distante,
No prurido audaz do meu chorar desfeito.

Sua sombra é quasi a minha sombra inquieta,
Para o chão voraz os corpos já a curvar ;
Nos seus olhos bons ha cilios de violeta ;
Tem por certo historia este velhinho asceta...
Vinde, lindas moças, vinde-m'a contar !

A' vossa lareira, pelas noites calmas,
Vossas Mães e Irmãs hão-de-a já ter chorado
Emquanto crepitam castanheiros e almas
Por sobre um luar onde se estendem palmas,
Sob um firmamento todo lapidado.

Apagam-se agora as luzes das janellas
Do palacio em frente ; ai, dorme bom Velhinho,
Que tu tens de guarda as lanças das estrellas
E a serena luz que se esmigalha d'ellas
E' para corar a tua barba de linho.

Teu passado d'oiro, teu coração puro,
Tudo te roubaram braços inclementes ;
—A via-lactea é sombra e o claro é o escuro ;—
E, se a Vida é um fructo immensamente duro,
Os astros do ceu mastigam-se sem dentes.

Talvez tenha amado este Velhinho santo
Alguma Princeza que é já morta agora :
Ai, querida alma, p'ra que chorar tanto ?...
E' que os olhos nossos, ao travez do pranto,
Veem mais de perto o coração da Aurora !

Pelas azinhagas, tristes, descorados
Passam para o campo os rudes lavradores,
Ironicos riem cantos aos bocados...
Miseravel mundo que só tem cuidados !
Ai, iniqua vida, que é estendal de dores !

E vão raparigas de celeste olhar
A dizerem, tristes, cantigas doridas...
(Ai ! que linda quadra essa popular !
Tornae-a a dizer, deixae-m'a copiar !)
Que joias de preço andam ahi perdidas !

Espanca-me o Sol o Sonho que me abriga...
O Velho abre a porta envernizada, escura,
E, chapeu na mão, á luz do sol amiga,
Lembra uma figura de ballada antiga,
Que ressuscitasse n'uma illuminura !

GUEDES TEIXEIRA.

MULHERES BONITAS



AMANDA LINDNER

AMANDA Lindner é uma das mais bellas e graciosas artistas do theatro de Berlim. Nasceu em Leipzig, e em pequena, com seis annos apenas, entretinha-se com suas irmãs (uma actualmente primeira bailarina em Leipzig e a outra tambem actriz) a representar papeis de creança nos differentes bailados mais em voga. N'esse tempo apenas se lhe podia descobrir uma vocação extraordinaria para a dança e uma gesticulação correcta e eloquente. Foram grandes as difficuldades que a novel artista teve para conseguir que seu pae, antigo empregado de uma das primeiras typographias de Leipzig, lhe permittisse seguir a vida do theatro. Auxiliada, porém por sua mãe pôde aprender os rudimentos da arte. Aos quinze annos era admiravel e phantastica mesmo na sua mimica e nos seus movimentos; estava uma bailarina consumada. O desenvolvimento que adquiriu na sua gesticulação tão espantosamente expressiva fez lhe pensar ter encontrado a sua verdadeira vocação; reconheceu porém possuir dotes dramaticos, que a levariam muito mais longe n'uma profissão que mais lhe agradava. A aprendizagem dos papeis não lhe custou mais que a dos seus difficeis passos na dança, e em poucos dias o seu mestre surprehendido declarava-lhe que a considerava no caso de os representar e augurava-lhe um feliz exito. Mas o theatro da cidade de Leipzig tinha todos os lugares preenchidos e era muito nova para que podesse obter papeis d'alguma importancia.

Encontrando-se um dia com o conselheiro-privado Becker, n'esse tempo intendente do theatro da côrte em Coburgo, sensibilisou-o pelo seu aspecto, entristecida pelas difficuldades que encontrava para manifestar o seu talento, e conseguiu uma escriptura por quatro annos para aquelle theatro. Oppunha-se porém a isso a vontade de seus paes, a quem só a idéa de que sua filha andaria só pelo mundo, os angustiava.

Mas Amanda Lindner disse consigo e com razão, «que se deve entrar n'agua quando se quer aprender a nadar», e, teimando na sua resolução, partiu. Não adiantou porém tanto em Coburgo como esperava. Quadrava-lhe especialmente o character e o vestuario dos papeis do genero classico emquanto que as peças do repertorio do theatro constavam principalmente de obras modernas em que o sentimento era acanhado ou mal reproduzido. No fim do primeiro anno foi para Meiningen recommendada pelo duque de Coburgo, para entrar por fim no seu verdadeiro caminho. A genial protegida do duque, que era a alma d'aquelle theatro, deve-lhe a iniciação na sua longa serie de triumphos em todas as grandes cidades da Allemanha, e é este o segredo desvendado que faz brilhar a artista tornando-a tão afamada e elevando-a a tão enorme altura. Foi assim que poude apresentar-se com a companhia em Barmen, Mayence e Dusseldorf, e em 1887 teve em Berlim os maiores triumphos que até então tinha alcançado.

Em 1890 fechou o theatro do Grão Duque, e Amanda foi para Berlim. As scenas admiraveis da donzella d'Orleans (Jungfrau von Orleans) de Schiller, está ainda na memoria de todos os apreciadores do theatro. Pareceu mesmo novidade quando no theatro Victoria representou o drama do grande poeta Mina com o esplendor dos seus recursos extraordinarios e uma delicadeza de sentimento, como nunca até então se manifestava aos olhos dos espectadores.

Como artista do theatro da côrte de Meiningen tomou parte n'um grande numero de espectaculos; tem estado em muitas cidades da Allemanha, da Suecia, da Noruega e da Dinamarca, ondê tambem uma recepção admiravel. Varios theatros de primeira ordem e entre elles o Burgtheater de Vienna lhe tem feito propostas.

Os papeis mais notaveis d'esta artista alem da «Donzella d'Orleans» são a Gretchen (Margarida) no «Fausto», Clarchen (Clarinha) «Egmont» (Margarida) no «Bluthochzist» Porcia no «Mercador de Veneza» Esther ou Maria Stuart.

Os seus papeis humoristicos são tambem notaveis. N'outro drama polaco «Vasantasena» Amanda Lindner faz o papel da alegre companheira da heroína, a soberba escrava Mandanika. As suas petulantês provocações e ademanes para Maitreja, e as suas jocosas phantasias n'este papel devem juntar-se á serie ininterrompida de triumphos.



MARIA REISENHOFER

Entre as artistas do actual theatro allemão que se esforçam com a maior energia para dar aos seus papeis a maior naturalidade e o mais perfeito centro de verdade está n'um dos primeiros lugares Maria Reisenhofer, o admiravel adorno indispensavel ao Lessingtheater de Berlim. Ha dois para tres annos que ella tem creado uma serie de papeis notaveis da mulher dos tempos modernos, que excitam vivo interesse, onde empenha toda a sua alma e sentimento. Maria Reisenhofer possui os mais efficazes dotes naturaes para produzir effeitos prodigiosos; exprime o amor como se elle fôra uma realidade auxiliado pela sua juventude; a belleza da sua cabeça e da sua estatura são verdadeiramente raras. Um semblante delicado, grandes olhos expressivos, traduzindo bem o sentimento, dão nuances da mais perfeita expressão que é possivel imaginar-se e que predispõe em seu favor os espectadores ainda antes que dos seus lindos labios tenha desabrochado a primeira palavra. O seu semblante e a estatura denunciam o temperamento nervoso da artista.

Esta actriz é filha da Austria como muitas outras que manifestam os seus talentos nas platéas da Allemanha do norte.

Nasceu em Gratz nos fins de dezembro de 1868 ou 1869, segundo nos parece. Destinava-se primeiramente a bailarina. Até aos 18 annos conservou-se como discipula da escola de baile do theatro da opera da côrte de Vienna. Alli obteve bastante nomeada pela graça que desenvolvia nos seus animosos saltos nos bailados dos espectaculos.

Foi n'um theatro do Hanover que fez a sua primeira escriptura, mas não sendo apropriados ao seu character os papeis que lhe foram distribuidos. Depois de tres annos perdidos para o seu aperfeiçoamento na arte; escripturou-se n'um theatro de Mayence, onde resarcio

quanto tinha perdido no Hanover e n'um ininterrompido desempenho de excellentes papeis firmou a sua reputação.

De Mayence foi para o «Deutsche Theatre» de Berlim, e em seguida para o Lessingtheater e d'aqui para o «Theater der Seebenden» onde adquiriu a sua maior gloria. Muitos dos seus principaes papeis não são apenas prova de talento e de conhecimento da arte mas tambem de muita observação. Fez o papel de Eva no chamado «Fausto hungaro, ou a Tragedia do homem» sendo notavel entre outras scenas a da decadencia da antiga Roma, em que teve de apresentar-se com um costume encantador e em que representou admiravelmente a devassidão da escrava romana. Entre os papeis da epocha fez a Dama das Camélias, de A. Dumas, Hedda Gabber, a extraordinaria e singular heroína e a «Peregrina doida» nos dramas do norte (Callen) «Baumeistes Solness», a Magda de Sudermann, «Heimathe» (Patria), e «Hames laget», a mulher culpada.

De Roda da Oliveira

Quem passou pela oliveira
E uma folha não colheu,
Diz a trova novelleira,
Do seu amor se esqueceu.

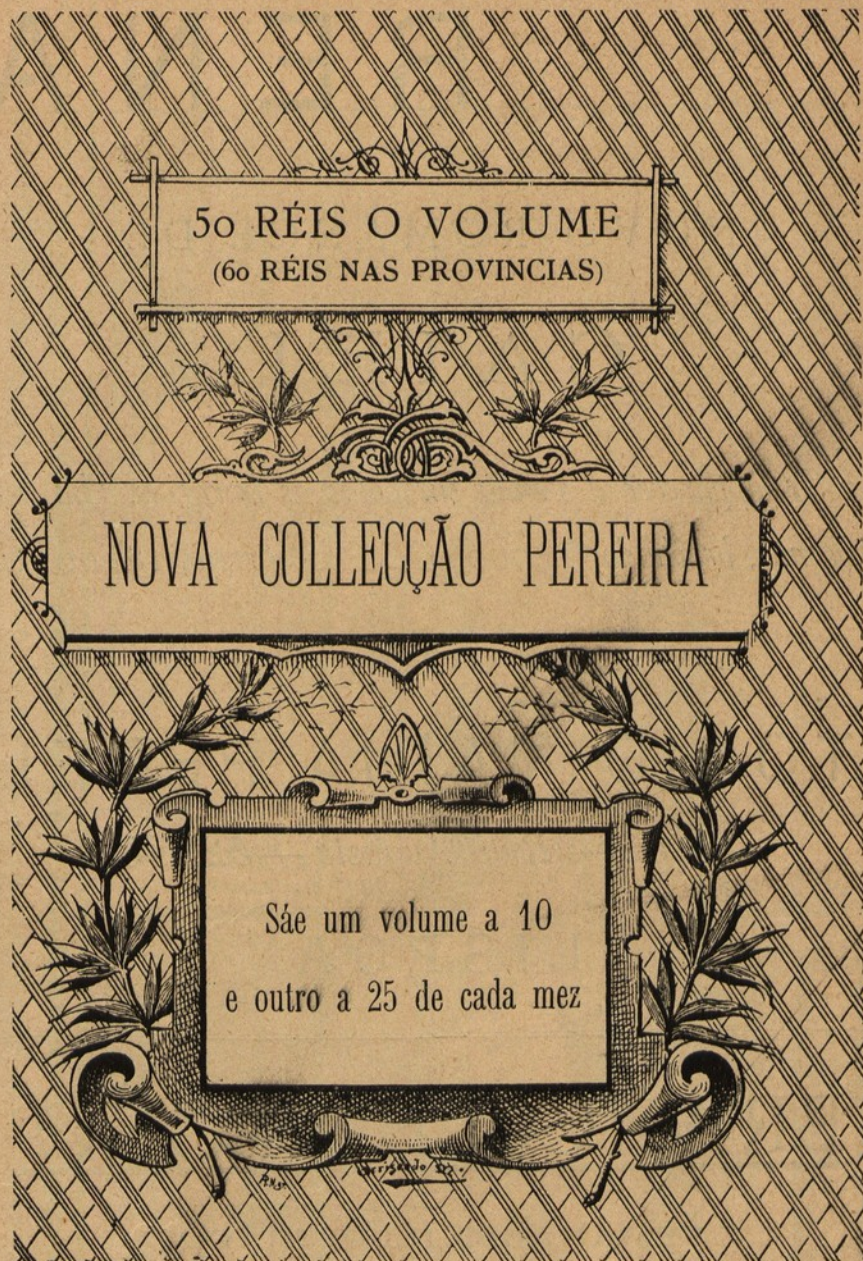
Jurando pelo rifão,
O mesmo me repetiste,
Quando no olival me viste
Não levar nada na mão.

Eu cá por mim, todavia,
Cuido que a trova que mente :
— E perdoa esta ousadia
De ser um tanto descrente...

Pois, quantas vezes passei
Pela oliveira fadada,
Sem que lhe cortasse nada,
Sempre de ti me lembrei !

N.º 1 — PORT-TARASCON (*Ultimas aventuras do illustre Tartarin*), de A. Daudet, 1 volume de 176 paginas.

N.º 3 — MADAME CHRYSANTHÈME, romance de Pierre Loti, traducção de José Sarmento, 1 volume de 200 paginas.



N.º 2 — D. CARLOS, romance de Saint-Réal, traducção de Luiz Cardoso, 1 volume de 144 paginas.

N.º 4 — SAPHO, romance de A. Daudet, traducção de Bel-demonio, 1 volume de 190 paginas.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

MADAME

RENAN

NOVO ROMANCE DE

CAIEL

Acaba de apparecer á venda em todas as livrarias. Um bello volume com 900 paginas, brochado, 1\$000 réis. Pelo correio, 1\$100 réis.

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 *	1\$300 *	2\$600 *
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



A ALEGRIA DA CASA, quadro de A. Frind

PREÇO 40 REIS

N.º 44

REPRODUÇÕES

DE
Planos,
Cartas geographicas,
Laminas e
Pergaminhos antigos.
Desenhos á penna,
a lapis
e a carvão.
Quadros a oleo,
aguarell, etc.
Illustrações de 1000
a classe de obras,
periodicos, etc.



PHOTOGRAPHIAS

DE
Estabelecimentos
e gravuras
para toda a classe
de
annuncios.
Trabalhos em
phototypia, autotypia
photozincographia,
e
zincographia.
Perfeição, rapidez
e economia.

Secção especial de cromotypographia, phototypia e cromotypia para edições de grande luxo

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fidelissima do que se pretende reproduzir, visto a photographia ser, como é notorio, empregada em todas as paysagens, transportes, etc. São, portanto, os trabalhos d'esta casa verdadeiras copias photographicas, promptas a reimprimir e executadas com a absoluta fidelidade e semelhança que a photographia garante.

Executam-se trabalhos do tamanho dos originaes ou reduzidos, sem accrescimo de preço; nas ampliações e que na tabella respectiva soffre determinado augmento.

Encarrega-se de promover a execução de desenhos á penna e aguarellas, em todos os generos; assim como de quaesquer obras illustradas, por maiores que sejam. Preços rasoaveis.

Especialidade em reproduções de vistas de grandes fabricas e seus interiores

Fornecem-se de prompto gravuras dos mais importantes monumentos artisticos do paiz, e bem assim dos personagens mais distinctos em sciencia, artes, litteratura, politica, armas, etc., etc.

Executam-se quaesquer trabalhos de zincographia em 5 horas.

Representante: — No Porto, Gualdino de Campos, rua de D. Pedro, 116, 2.º; em Coimbra, Delphim Gomes, Rua Velha.

CASA LAMBERTINI

FORNECEDORA DA CASA REAL

PIANOS, HARMONIUMS, REBECAS, FLAUTAS, BANDOLINS, ETC.

Grande sortimento de Musica.

EDIÇÕES PETERS

e outras edições economicas

A CASA LAMBERTINI acaba de receber um variado sortimento de Bandolins napolitanos (legitimos) que vende por preços moderados.

Estojos e outros accessorios para Bandolim

CORDAS ITALIANAS

LEGITIMAS VIOLAS HESPANHOLAS

PAPEL DE MUSICA

E todos os artigos referentes á arte musical

DÃO-SE CATALOGOS

43 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

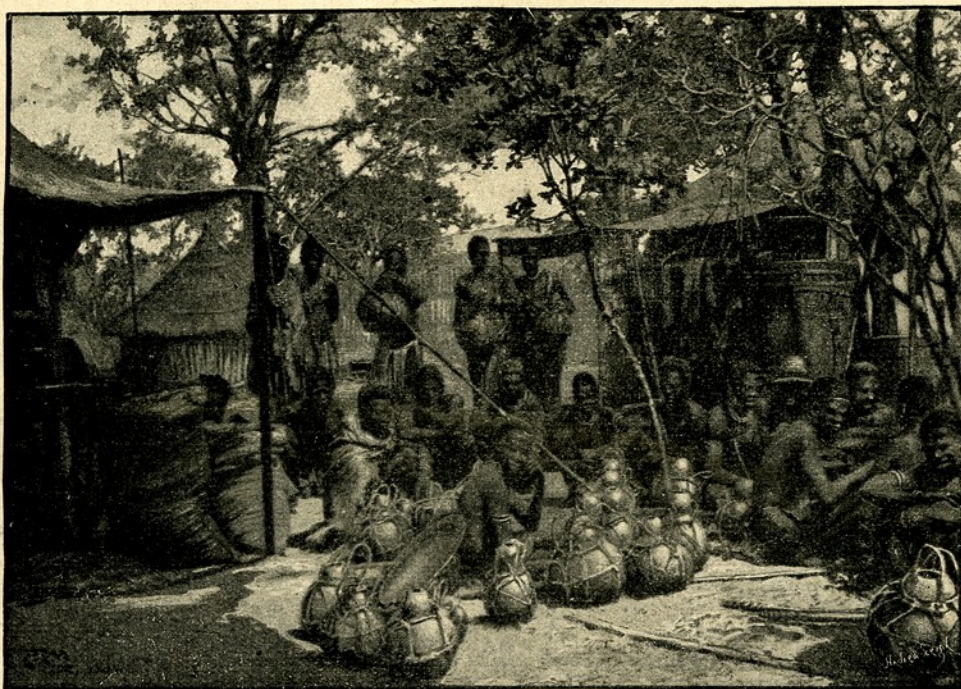
SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 44

LISBOA, 31 DE JANEIRO DE 1897

1.º ANNO

AFRICA PORTUGUEZA



MERCADO INDIGENA NA AFRICA ORIENTAL (gravura extrahida do *Almanach Encyclopedico* de 1897)

DESCUBRIR é muito ; conquistar é immenso ; mas ficar, estabelecer a colonisação effectiva e segura, o dominio constante e progressivo na região de que habeis exploradores foram a devassar os mysterios e onde valentes soldados firmaram a supremacia da bandeira nacional eis o que deve e tem de ser o objectivo firme do povo que queira alargar fóra de antigas fronteiras a esphera da sua acção, a exuberancia da sua força.

Quando assim se não faça, quando, por uma acção ininterrupta, se não radique e confirme com o trabalho a posse desejada, então ephemos serão os triumphos conquistados nos mais renhidos combates, e em proveito estranho fatalmente irão reverter as descobertas e explorações, e isto succederá sempre de modo tanto mais seguro e em praso tanto mais curto, quanto maior fôr a importancia da região onde esta lei se não observe.

D'isto temos a nossa historia, e não só na antiga mas na de recente data, a comprovação plena e incontestavel E oxalá que, comprehendendo nós emfim que os deveres impostos pela nossa qualidade de nação colonisadora o saibamos cumprir, para que novos exemplos desgraçados não venham mais uma vez enluctar o nosso espirito, ainda tão ensombrado pelos profundos golpes de 1890 e que só agora vae começar a desannuiar-se desde que por um esforço, aliás custosissimo, conseguimos evitar a completa perda da nossa vasta e rica possessão colonial que do Cabo Delgado se estende ao sul da formosa e incomparavel bahia de Lourenço Marques.

EÇA DE QUEIROZ



EM março de 1895, á noite, subia eu o Chiado levando no bolso um bilhete de apresentação para Eça de Queiroz, que o editor do *Almanack Encyclopedico* me dera, tendo-me escolhido para collaborar com o grande escriptor n'aquella obra da vulgarisação.

Eça de Queiroz morava então, provisoriamente, n'uma casa de hospedes da rua Nova da Trindade. Eu não o conhecia — ou antes, conhecia-o muito, mas nunca lhe tinha falado. D'ahi, o receio em que ia, misturado com um certo orgulho — valha-me Deus! — por ter occasião de apertar a mão que tão bellas coisas tinha escripto. E ainda hoje, que bem o conheço e mais o admiro, a mesma timidez me invade, não sei porque, ao pensar n'aquelle minuto que eu considerei supremo na minha vida, dando uma orientação á minha existencia de ignorado homem de letras.

Quem seria Eça de Queiroz, moralmente? O seu genio? As suas maneiras? Como seria recebido? Quando a campainha do hotel soou tive a impressão de quem cae n'um abysmo e d'elle não pode sahir, tendo de ir até ao fundo. Apresentei o meu cartão e esperei. Na minha cabeça que trabalhara em todo esse curto trajecto da rua Augusta ao cimo do Chiado, passou rapido, confuso, baralhado, o exordio que tinha architectado para pespegar logo de entrada, no escuro — esperava eu — ao magno artista da *Reliquia*, antes que elle tivesse poisado em mim seus olhos perspicazes. Um arrastar de cadeiras, dentro, fez-me estremecer... E achei-me diante de Eça de Queiroz, que vinha ao meu encontro e me recebia com uma franqueza de antigo conhecimento. Na sala de jantar, para onde depois entrámos, elle appareceu-me então, em toda a luz, com os seus olhos de myope cravados em mim, investigadores e curiosos. Mas o peor estava pas-

sado; e conversámos então — ou por outra, foi elle que conversou, sobre o plano do *Almanack*, plano que elle trazia desde Paris e em que fundava grandes esperanças. E emquanto elle falava fazia eu de mim para mim a comparação entre aquelle alto espirito e certos que eu tinha conhecido na minha vida de cafés, vaidosos, inchados de prosapia, falando d'alto, como prégadores de uma nova religião, aos sectarios respeitosos e fazendo côrte á roda d'elles. E mais me convencia de que só os verdadeiros grandes homens é que são grandes em tudo.

Depois, enfronhados no mesmo labor, trabalhando em commum umas poucas de horas no dia, no andar superior do hotel, um casarão enorme e desabitado, onde Eça de Queiroz tinha escolhido a sala mais atastada dos rumores da rua e menos exposta aos ventos, eu pude ir annotando, instante a instante, as varias impressões do meu espirito na convivencia de tão illustre personalidade. Ao contrario do que eu sempre ouvira dizer, da sua lenda de preguiça. Eça de Queiroz escrevia bastante, rascunhava muitas vezes o que eu tinha a fazer, dava-me indicações, distribuía me trabalho, — receitas a traduzir, a arranjar, a manipular; e como da typographia nos chegasse uma *ordem imperiosa* fixando um determinado numero de palavras para cada receita ou curiosidade de cada fim de pagina, eis-nos a contar, com um meticuloso cuidado e paciencia, as palavras das receitas ou curiosidades, dando assim um trabalho menor aos srs. typographos e a nós dois um encargo mais fastidioso.

Mas a vida de casa de hospedes não convinha ao artista, que viera com sua familia *descançar* uns mezes a Lisboa. E, com o calor, elle abalou para Cintra, — não para a horrivel Cintra coberta de pó e da calma estiolante das villas de provincia, mas lá para o fundo, no *caminho dos castanhaes*, uma casa encostada á montanha a pique, mas d'onde ao mesmo tempo se descobria, n'uma baixa enorme, uma paizagem arida nos longes e coberta de grandes moitas de limoeiros cheirosos até aos primeiros socalcos de terreno. Alli continuamos essa ingrata tarefa do *Almanack*, — ingrata, certo, para o seu alto espirito, para mim tão doce e que eu desejaria vser prolongada indefinidamente, tal o encanto que da sua conversa se desprendia.

D'esse *Almanack encyclopedico*, que elle com tanto amor continua em Paris, dá hoje o *Branco e Negro* aos seus leitores um excerpto do magnifico *Prefacio* — *Adão e Eva no Paraizo* — uma pequenina obra prima, escripta n'aquella bella linguagem que só elle sabe tornar tão harmoniosa e, ao mesmo tempo, tão sádia.

JOSÉ SARMENTO.

ADÃO E EVA NO PARAISO

CALMO, magnificamente fecundo, corria elle, o nobre rio do Paraizo, por entre as ilhas, quasi afundadas sob o peso do rijo arvoredo, todas fragrantas, e atoadas pelo clamor das cacatuas. E Adão, trotando pesadamente pela margem baixa, já sente a attracção das aguas disciplinadas que andam e vivem — essa attracção que será tão forte nos seus filhos, quando no rio descobrirem o bom servidor que desaltera, estruma, rega, moe e acarreta. Mas quantos terrores especiaes ainda o arrepiam, o atiram com espavoridos pulos para o abrigo dos salgueiros e dos choupos! N'outras ilhas, de areia fina e rosada, preguiçam pedregosos crocodilos, achatados sobre o ventre que arfa mollemente, escancarando as fundas goellas na tepida preguiça da tarde, embebendo todo o ar com um cheirinho d'almiscar. Por entre os cannaviaes, colleam e refulgem gordas cobras d'agua, de collo alateado, que fitam Adão com furor, dardejando e silvando. E, para nosso Pae que nunca as avistara, certamente seriam pavorosas as tartarugas immensas d'esse começo do Mundo, pastando, com arrastada mansidão, atravez dos prados novos. Mas uma curiosidade o attrae, quasi resvala na riba lodosa, onde a franja d'agua roça e marulha. Na largueza do rio espraído, uma longa e negra fila d'aurochs, serenamente, com os cornos altos e a espessa barba a fluctuar, nada para a outra margem, campina coberta de louras messes onde talvez já amaduram as espigas soçia-veis do centeio e do milho. Nosso Pae Veneravel olha a fila lenta, olha o rio lustroso, concebe o ennevoadado desejo de tambem atravessar para aquelles longes em que as hervas rebrilham, e arrisca a mão na corrente — na rija corrente que lh'a repuxa, como para o attrahir e iniciar. Elle grunhe, arranca a mão — e segue, com asperas patadas, esmagando, sem mesmo lhe sentir o perfume, os frescos morangos silvestres que ensangentam a relva. Em breve pára, considerando um bando de aves alcandoradas n'uma penedia toda riscada de guanos, que espreitam, com o bico attento, para baixo, onde as aguas apertadas refervem. Que espreitam ellas, as brancas garças? Lindos

peixes em cardume, que rompem contra a levada, e pulam, lampejando nas espumas claras. E bruscamente, n'um desabrido abanar d'azas brancas, uma garça, depois outra, fende o céu alto, levando atravessado no bico, um peixe que se estorce e reluz. Nosso Pae Veneravel coça a ilharga. A sua crassa gula, entre aquella abundancia do rio, tambem appetee uma presa: e atira a garra, colhe, no seu vôo soante, cascudos insectos que farisca e trinca. Mas nada certamente assombrou o Primeiro Homem, como um grosso tronco d'arvore meio apodrecido, que boiava, descia na corrente, levando sentados n'uma ponta, com segurança e graça, dois bichos sedosos, louros, e fofas caudas vaidosas. Para os seguir, os observar, arciosamente correu, enorme e desengonçado. E os seus olhos faiscavam, como se já comprehendesse a malicia d'aquelles dois bichos, embarcados n'um toro d'arvore, e viajando, sob a malicia fresca da tarde, no rio do Paraiso.

No emtanto, a agua que elle costeava era mais baixa, turva e tarda. Já na sua largueza não verdejam ilhas, nem n'ella se molha a orla das fartas pastagens. Para além, sem limite, fundidas nas neblinas, fogem descampadas solidões, d'onde rola um vento lento e humido. Nosso Pae Veneravel enterrava as patas em ribas molles, atravez de alluviões, de lixos silvestres, em que chapinham, para seu intenso horror, enormes rãs coaxando furiosamente. E o rio em breve se perdeu n'uma vasta lagoa, escura e desolada, resto das grandes aguas sobre que fluctuara o Espirito de Javeh. Uma tristeza humana apertou o coração do Nosso Pae. Do meio de grossas bolhas, que se empolvavam na estanhada lisura da agua triste, constantemente surdium horrendas trombas, a escorrer de limos verdes, que bufavam ruidosamente, logo se afundavam, como repuxadas pelos lodos viscosos. E quando d'entre os altos e negros cannaviaes, manchando a vermelhidão da tarde, se elevou, se alargou sobre elle uma nuvem estridente de moscardos vorazes, Adão foge, estonteado, trilha saibros pegajosos, rasga o pello na aspereza dos cardos brancos que o vento estorce, resvala por uma encosta de cascalho e seixo, e pára em areia fina. Arqueja: as suas longas orelhas remechem, escutando, para alem das dunas, um vasto rumor que rola, desaba e retumba... E' o mar. Nosso Pae transpõe as pallidas dunas — e deante d'elle está o Mar!

Então foi o pavor supremo. Com um pulo, batendo convulsamente os punhos no peito, recua até onde tres pinheiros, mortos e sem rama, lhe offerecem o refugio hereditario. Porque avançam assim para elle, sem cessar, n'uma inchada ameaça, aquellos rolos verdes, com a sua clina de espuma, e se atiram, se esmigalham, refervem, babujam rudemente a areia? Mas toda a outra vasta agua permanece immovel, como morta, como uma grande mancha de sangue que lateja. Todo esse sangue cahiu de certo da ferida do sol, redonda e vermelha, sangrando em cima, n'um céu dilacerado por fundos golpes já roxos. Para além da nevoa leitosa que cobre as lagoas, dos charcos salgados, onde a marezia ainda chega e se espria, muito longe, um monte flammeja e fumeja. E sempre, deante d'Adão, contra Adão, os verdes rolos da verde vaga avançam, e rebombam, e alastram a praia d'algas, de conchas, de gelatinas que alvejam lividamente.

Mas eis que todo o mar se povoa! E encolhido contra o pinheiro, Nosso Pae Veneravel dardeja os olhos inquietos e tremulos, para aqui, para além — para os rochedos cobertos de sargaço onde gordissimas phocas rebolam magestosamente: para os repuchos d'agua, que ao largo esguicham até ás nuvens roxas, recahem n'uma chuva radiante; para uma linda armada de busios, immensos busios alvos e nacarados, vogando á bolina, circumdando as penedias, com manobra elegante... Adão pasma sem saber que estas são as Ammonites, e que nenhum outro homem, depois d'elle, verá a luzida e rosea armada singrando nos mares d'este mundo. Ainda elle a admira, talvez com a impressão inicial da belleza das coisas, quando bruscamente, n'um tremor de sulcos brancos, toda a maravilhosa frota sossobra! Com o mesmo salto molle, as phocas tombam, trambulham na vaga funda. E' um terror passa um terror levantado do mar, tão intenso que um bando d'albatrozes, muito seguro sobre uma escarpa, bate, com azoados gritos, o vôo espavorido.

Nosso Pae Veneravel afferra a mão a um galho do pinheiro, sondando n'um arripio a immensidão deserta. Então, ao longe, sob o clarão enfiado do sol que se esconde, um dorso immenso sae lentamente das agoas, como uma comprida collina, toda espetada de negras, agudas lascas de rocha. E avança! Adeante um tumulto de bolhas redemoinha e rebenta; e d'entre ellas emerge por fim, resfolegando cavamente, uma tromba disforme, de fauces entreabertas, onde lampejam e se somem cardumes de peixes que os seus sorvos vem tragando...

E' um monstro, um pavoroso monstro marinho! E bem podemos suppor que nosso Pae, esquecendo toda a sua dignidade humana (ainda recente), trepou desesperadamente ao pinheiro até onde os galhos findavam. Mas mesmo n'esse abrigo, os seus poderosos queixos batiam, n'um medo convulso, ante o horrifico ser surgido das profundidades. Com um baque raspante, esmigalhando conchas, seixos e galhos de coral, o monstro esbarra na areia, que fundamente escava, e sobre que retesa as duas patas, mais grossas que troncos de téca, com as unhas todas enrodilhadas de silvas marinhas. Da caverna das suas fauces atravez dos dentes terrificos, que os limos e musgos esverdeiam, sopra um bafo espesso de fadiga ou de furor, tão forte que faz redopiar as algas seccas e os buzios ligeiros. Entre as crostas pedregosas que lhe couraçam a frente negrejam dous cornos curtos e rombos. Os seus olhos lividos e vitreos são como duas enormes luas mortas. A immensa cauda dentada arrasta pelo mar distante, e a cada rabeio lento levanta uma tempestade.

Por estas feições, pouco amaveis, já reconhecesteis o *Ichtyosaurio*, o mais horrendo dos cetaceos concebidos por Jehovah. Era elle! talvez o derradeiro, que durara nas trevas oceanicas até este dia memoravel de 28 de Outubro, para que nosso Pae entrevisse as origens da Vida. E agora está em frente d'Adão, ligando os tempos velhos aos tempos novos, — e, com as escamas do dorso assanhadas, muge devastadoramente. Nosso Pae veneravel enroscado ao tronco alto guincha de vivo horror... E eis que, do lado dos charcos ennevoados, um silvo fende os ceus, uivado e arremetido, como o de um aspero vento n'uma garganta de serrania. O quê! Outro monstro?... Sim, o *Plesiosaurio*. E' tambem o derradeiro *Plesiosaurio* que corre do fundo dos pantanos. E agora de novo se trava para assombro do primeiro Homem (e gosto dos Paleontologistas), o combate que foi a desolação dos pre-humanos dias da Terra. Lá apparece a fabulosa cabeça de *Plesio*, terminada em bico de ave, bico de duas braças, mais agudo que o dardo mais agudo, erguida sobre um longuissimo e esguio pescoço que ondula, arqueia, esfusia, dardeja com pavorosa elegancia! Duas barbatanas de incomparavel rijeza vem movendo o seu disforme corpo, molle, glutinoso, todo em rugas, manchado por uma lepra de fungos esverdeinhados. E tão immenso é assim rojando, com o pescoço empinado, que, deante da duna onde se levantam os pinheiros que acoitam Adão, elle parece uma outra duna negra sustentando um pinheiro solitario. Furiosamente avança. — E de repente é um horroso tumulto, de mugidos, e sibilos, e choques retumbantes, e arceias torvelinhando e grossos mares espadanando. Nosso Pae veneravel salta d'um pinheiro para outro pinheiro, tremendo tanto que, com elle, tremem os rijos troncos. E quando se arrisca a espreitar, ao recrescer dos bramidos, só percebe, na enrolada massa dos dous monstros, atravez de uma nevoa d'espuma que os esguichos de sangue avermelham, o bico do *Plesio* todo enterrado no ventre molle do *Ichtyo*, cuja cauda, erguida, se estorce furiosamente na pallidez dos ceus espantados. De novo esconde perdidamente a face, nosso Pae veneravel! Um urro de monstuosa agonia rola na praia. As pallidas dunas estremecem, as cavernas soturnas resoam. Depois é uma paz muito larga, em que o ruido do mar Oceano não é mais que um consolado murmurio d'allivio. A Jão espia, debruçado entre os galhos... O *Plesio* recuára ferido para a tepida lama dos seus pantanos. E sobre a praia jaz o *Ichtyo* morto, como uma collina onde a vaga da tarde mansamente se quebra.

Na Côrte de Inglaterra



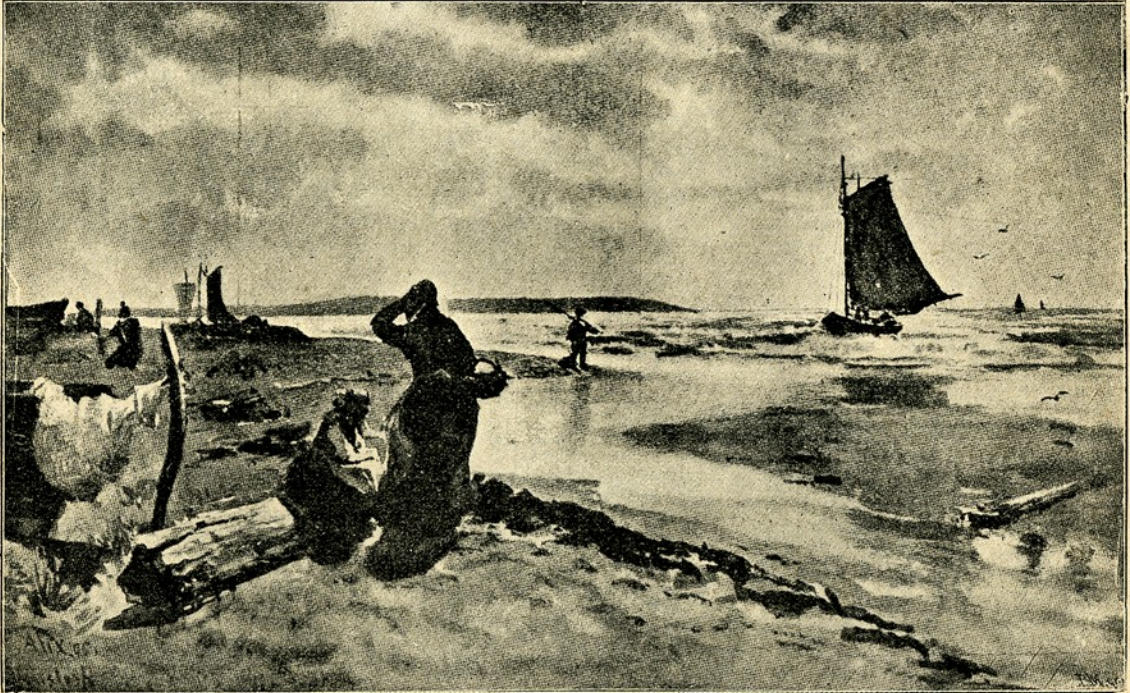
A PRINCEZA DE GALLES DOBANDO — (Quadro de Grenville Manton)

A photogravura que hoje damos, reprodução de um quadro, representando a Princeza de Galles a dobar, é um traço da vida intima da côrte de Inglaterra, e denota uma grande simplicidade no viver da augusta nôra da rainha Victoria. Effectivamente, essa simplicidade é o principal característico da existencia da princeza de Galles, que vive recolhida com os seus prazeres simples, que são a musica, a pintura e todas as artes delicadas da mulher.

Eis o retrato que da princeza faz madame Adam, a illustre escriptora franceza :

«A princeza de Galles, filha do rei da Dinamarca, é a seducção em pessoa. Adorada dos seus futuros vassallos, é a mulher mais adulada do reino. O povo está aos seus pés. Amavel e doce, possui principalmente virtudes tranquillias. A sua belleza loira é o typo admirado dos inglezes. Mas o oiro dos seus cabellos é um pouco baço ; dir-se-hia que a sua physionomia não tem nenhuma expressão nem animação. O eterno collarinho que lhe aperta o pescoço como uma gargalheira de presidiario, dá-lhe uma apparencia rigida e fria.

E' uma excellente amazona, muito ousada e encantadora, a cavallo. Esposa e mãe dedicada, sympathica sem familiaridade, prudente sem affectação, digna sem altivez, ella foi educada como educa suas filhas e seus filhos, com ta doa simplicidade. A sua adoração pelas creanças, o seu respeito pelas pessoas de idade, a sua compaixão



MARINHA, pintada pela princeza de Galles

pelos desgraçados, a sua previdente generosidade, são verdadeiramente admiraveis. A Princeza é excellente musica. Tem um gosto de icado em tudo, veste-se maravilhosamente, e sabe escolher as suas toilettes em harmonia com as circumstancias. Aprendeu a vestir-se em Paris. A influencia da princeza de Sagan, da marqueza de Gallifet, de madame Standisch, operou esta conversão. A sua permanencia na praça Vendôme não fez só da Princeza uma mulher de uma elegancia requintada ; ampliou as suas idéas, combateu victoriosamente os seus preconceitos. Se Paris a fez um pouco frivola, tambem a tornou mais mulher, sobretudo mais mulher do mundo, o que adoçou muito a altivez da sua indiferença resignada. Apesar de ter quarenta e cinco annos, tem o segredo de não envelhecer.

A politica não a interessa nada. Qualquer que seja a questão que está na ordem do dia, por mais aguda que a crise se torne, não se occupa com isso nem se perturba. Um novo penteiado tem mais preponderancia na sua vida que todos os *bills* do Parlamento. Não herdou os conhecimentos e as faculdades superiores de sua mãe, a rainha Luiza da Dinamarca.

Esta sympathica Princeza é muito surda, e por consequencia muito estranha aos ruidos exteriores. Nunca diz mal de quem que: que seja, e por isso não tem um unico inimigo. Coisa estranha ! Tambem não tem amigos, a não ser a sua dama de honor, miss Knollys.»

A ABYSSINIA

A terrível derrota que Menelik, *rei dos reis* e Negus d'Abysinia, infligiu ás tropas italianas nos desfiladeiros de Addauah, onde o general Baratieri, teve que bater em retirada, deixando no campo de batalha, ou nas mãos dos Abysinios cerca de 10.000 homens, dois generaes, todos os seus canhões, mantimentos, etc., chamou a attenção do mundo inteiro para este antigo e denodado povo africano que, nós, portuguezes, fomos dos primeiros a visitar indo da Europa.

Não virão pois fóra de proposito algumas linhas sobre este paiz que tão pouco se conhece, e com o qual d'aqui por diante, se deverá contar.

GEOGRAPHIA — A Abysinia é um extenso planalto extremamente montanhoso e accidentado que a este e noroeste domina o Mar Vermelho e o paiz de Afar; a norte e a oeste avança para a Nubia; ao sul e sudoeste attinge Kaffa e o paiz dos Gallas.

Toda a região é atravessada por tres rios principaes, o *Abai* ou Nilo-Azul, que sae do lago Trana; o *Takazze*, que vem do Nilo pelo Atbara, e o *Marebe*, de que tanto se falou durante a ultima campanha.

O planalto é atravessado por duas cordilheiras de montanhas: a *Semen* e as serras do *Godjam*, em que ha cumiadas quasi tão altas como a do Monte-Branco.

As diferentes provincias da Abysinia são: O *Tigre*, cuja fronteira é formada pelo *Takazze* e cuja capital *Addauah*, succedeu a *Axum*, hoje arruinada; a *Amhara*, cuja capital é *Gondar*; e o *Choa*, cuja cidade principal é *Ankobe*.

A superficie total das 3 provincias é de 260:000 kilometros quadrados.

A população, composta de Abexins, Gallas, Negros e Judeus é de cerca de sete milhões de habitantes.

HISTORIA — Os Abexins, dizem-se, com orgulho, os descendentes de Salomão e da rainha de Saba. Esta tradição, que certamente data da epocha christã, póde até certo ponto explicar-se pelas successivas invasões semíticas que vierem estabelecer o seu dominio n'estas regiões, nos seculos VII e VI antes da nossa era, que se misturaram aos outros elementos ethnologicos da velha Ethioopia, e deram á Abysinia uma dynastia de reis.

No seculo V da nossa era, os Abexins tentaram uma expedição contra os arabes de Yemen e de Hedjaz, com o fim de estender o seu dominio para além do mar Vermelho e marcharem mesmo contra Mecca.

Repellidos pelos arabes, confinaram se nas suas montanhas e resistiram, por sua vez victoriosamente, aos ataques dos musulmanos.

Durante muitos seculos, a Europa ignorou o que se passava para lá do Nilo, mas nos fins do seculo XI os mercadores italianos, que faziam o commercio com os portos do mar Vermelho, revelaram a existencia, na Ethioopia, de uma população christã, espalharam a lenda do *Prestes João*.

Sabe-se a impressão que essa noticia produziu em toda a Europa.

O nosso rei D. João II enviou logo dois emissarios, Pero da Covilhan e Affonso de Paiva, para visitarem esse

longinquo paiz onde a fé do Christo se implantara tão mysteriosamente e procuraram os vestigios do *Prestes João*.

Os jesuitas procuraram depois, varias vezes, trazer os Abexins á fé catholica e mais tarde Luiz XIV de França enviou-lhes uma embaixada que não teve resultado.

Durante os seculos XVII e XVIII, a Abysinia dividiu-se em luctas intestinas entre os diferentes *ras* ou chefes.

Um d'elles, Kassa, fez se coroar *Negus*, na villa santa de Axum, sob o nome de *Theodoros*.

Em 1868 os Inglezes, invadindo a Abysinia, tomaram Magdala. *Theodoros* matou-se para não cair nas mãos dos vencedores e Kassa, rei do Tigré, succedeu-lhe apoiado pelos inglezes, dominando todos os outros *ras* e o proprio Menelik, que então era rei de *Choa*.

Kassa, que se fez coroar sob o nome de *Johannes* repelliu e destruiu completamente um exercito egypcio, de 8:000 homens, que, partinda de *Massauah*, invadira a provincia de Boga.

Em 1885, por um accordo secreto entre varias potencias, o pavilhão d'Italia fluctua em *Massauah* e esse paiz funda ahi uma colonia sob o nome de *Erythrea*, que em breve se torna florescente, graças ao grande commercio com o interior.

Então os Italianos aspiram a mais alguma coisa do que á nesga de solo que orla o mar Vermelho; e sob varios pretextos o exercito italiano occupa *Vua* e *Santi*, d'onde o *ras Abula* os expulsa infligindo-lhes a primeira derrota.

Entre tempos, *Johannes* morre; e *Menelik*, luctando por direitos de successão com o *ras Mangascia*, facilita a entrada dos Italianos em *Keren* e *Asmara*.

Este foi o começo da celebre guerra do anno passado, que o leitor sobejamente conhece, e que terminou pela reconquista de toda a Abysinia por *Menelik*, e pela retirada dos italianos á linha dos seus antigos limites.

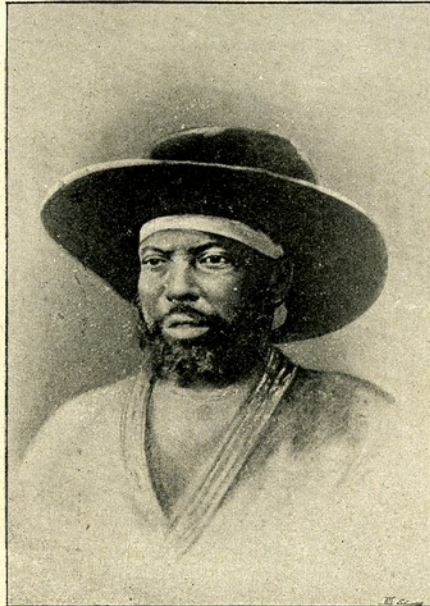
COSTUMES E RELIGIÃO — Os abexins são guerreiros destemidos, de uma audacia extraordinaria e d'uma coragem sublime. Na ultima guerra, simples soldados sem outras armas mais do que destestaveis espingardas, corriam ao assalto das baterias italianas, sob uma verdadeira chuva de metralha, e vinham atacar corpo a corpo os seus inimigos entrincheirados. Por isso mesmo cultivam mal o solo natal, que é extremamente rico, e entregam se de preferencia á fabricação dos tecidos, das pelles, das armas, e dos meates preciosos.

A religião dominante é o Christianismo, misturado a muitas superstições locais. O chefe da igreja que se chama *Abuna*, é nomeado pelo patriarcha d'Alexandria. Muitos frades e muitos missionarios vivem na Abysinia, obedecendo todos a um chefe especial chamado *Etcheque*.

As principaes linguas que se falam em Abysinia são o *geez*, no Tigré; o *amharico*, que é a lingua dos aborigenes; e o *galla*, que é a dos povos que habitam o sul.

Todos estes idiomas, são compostos principalmente de elementos arabes.

(Do *Almanach Encyclopedico*).



MENELIK

VIAGENS NO PAIZ

(XVIII)

ILHAVO

TAMBEM a nossa terra tem encantos e bellezas!...

São poeticas as nossas paysagens tão vivamente illuminadas pelo sol ecundante que vivamente reverbera, quer na superficie serena e mansa da ria que alli em baixo deslisa murmurando ternos cantos d'amor, quer no dorso das alterosas vagas que o mar além vem espriair na margem da nossa costa toda d'areia, tão branca como as brancas azas de rolos enamorado.

São ridentes e formosos os nossos arreboes, encantadores e apaixonados os poentes da beira-mar.

Com o despertar da aurora vem-nos do campo verde-esmeralda o alegre descante das lavradeiras; embala-nos ao crepusculo o marulho monotono e selvagem do mar que o vento do levante faz bramir.

Dos ramos em flor dos nossos pomares tambem o rouxinol sauda com requebros apaixonados o nascer da pallida e sonhadora lua.

No campo, nas marinhas, na beira-mar e nas romarias as nossas mulheres formosas entre as formosas seduzem corações, captivam almas quando soltam ao vento os seus alegres cantares.

Do mar nos vem a alegria
Do mar nos vem o prazer;
Se do mar nos vem a vida
Junto ao mar quero morrer!

Tem encantos a nos-
sa terra! Tem magia a
beira-mar!

* * *

A cinco kilometros d'Aveiro, e seguindo pela estrada que liga esta cidade com a Figueira da Foz, encontra-se disposta sobre uma vasta planicie e estendendo-se languidamente pelas fertéis e pittorescas margens d'um dos braços da ria d'Aveiro, a alegre e importante villa de Ilhavo.

E', sem duvida, uma das primeiras do paiz pela sua numerosa e activa população, pela grande area que occupa e pelo seu commercio e industria relativamente grandes, como veremos no decorrer d'esta rapida e incompleta descripção.

Ilhavo é uma povoação antiquissima. Segundo a tradição, pelos annos de 1372 antes de Christo, Baccho, filho de Semele, acompanhado de muitos gregos, aportou á Lusitania, e relacionando-se com os povos d'aquella região, deu-lhes para rei Lysias.

Foi provavelmente por aquella época, ou pouco depois, que uma colonia de gregos, da formosa raça pelagica, entrou pela foz do Vouga e se estabeleceu nas suas margens.

D'essa colonia procedem, embora já muito cruzados com outras raças, os ilhavenses, que ainda hoje conservam o typo gracioso e elegante d'aquella formosa raça.

Correm varias versões acerca da origem do nome de Ilhavo.

A que nos parece mais acertada é a que considera uma corrupção de *Ilha boa*, designação pela qual era conhecida pelos antigos, devida decerto á belleza e fertilidade dos seus terrenos, ás suas magnificas e abundantes aguas e ao seu excellente clima.

D. Diniz elevou-a á cathogoria de villa e deu-lhe foral em Coimbra, a 13 de outubro de 1296; D. Manuel deu-lhe de novo foral a 8 de março de 1514. Ilhavo era apresentada por Christovão de Almeida, em remuneração dos serviços que Ruy Fernandes d'Almeida, natural de Lisboa, fizera a D. Afonso V e D. João II em 1496. Foram seus donatarios os condes de Carvalhaes.

A povoação de Ilhavo, que tem 3:000 fogos e cerca de 13:000 habitantes, é constituída por bons e bem construidos predios, espalhados pelas suas 11 ruas principaes, espaçosas e asseíadas, alem de 43 travessas e grande numero de beccos e ilhas. E' cercada por 18 aldeias que todas lhe pertencem, sendo todas ellas aprazíveis e pittorescas e os seus campos povoados de constante vegetação, abundantes pomares e hortas.

Entre a villa e o Oceano, correm dois braços da ria d'Aveiro, separando um d'elles a villa, da Gafanha — região importante pela sua abundante producção agricola — sobre a qual ha uma ponte de pedra, e d'onde se disfructa um panorama encantador, e o outro separando a Gafanha da Costa Nova do Prado, alegre e bonita praia de banhos muitissimo concorrida, além de ser tambem um importante centro de pesca.

Estes dois braços da ria são navegaveis em todo o tempo, criando variadas especies de peixes saborosissimos e diferentes algas que servem para adubo das terras; e com as suas aguas alimentam numerosas salinas e marinhas, cujo *amanho* é feito por marnotos d'esta villa.



ENTRADA DA VILLA

O commercio de Ilhavo é importante porque exporta em grande abundancia sal, peixe, rêdes e os magnificos productos ceramicos da Vista Alegre. D'este importante estabelecimento fabril abstemo-nos de fallar, pois que a seu respeito ainda ha pouco o *Branco e Negro* publicou um bem elaborado artigo devido á penna do nosso collega e patricio Manuel Cunha. Ilhavo possui um estaleiro constructor de navios quasi todos pertencentes a esta praça.

Nas suas duas praias — a Costa Nova do Prado e a Barra — ha 5 companhias de pesca que arrastam por anno pesca no valor de muitos contos de réis.

Ha ainda em Ilhavo uma outra fabrica de louça de pó de pedra manufacturando especialmente objectos de ornamentação e pó de tijolo.

Tem a villa mercado diario, abundantissimo de generos de primeira necessidade, e pode affoitamente dizer-se que é uma das terras do reino onde a vida é mais barata.



UMA PARTE DA VILLA

*
* * *

A população de Ilhavo compõe-se na maior parte de homens do mar que tão justamente são apreciados pela inextinguível coragem e valentia com que encaram os perigos da arriscada profissão, e pela constancia e serenidade de animo na luta contra a adversidade.

São os maritimos de Ilhavo que tripulam todos os navios dos armadores d'esta villa, e o maior numero dos do Porto, Setubal, Figueira e Aveiro.

Os pescadores trabalham nas *companhas* de pesca estabelecidas nas praias da Costa Nova e S. Jacintho durante os mezes de verão, e no principio do inverno, quando a *safra* aqui está feita, emigram então, quasi na sua totalidade para Cezimbra, Lisboa, Mattosinhos e Setubal.

Muito se tem escripto descrevendo o typo caracteristico e unico do valente e arrojado pescador ilhavense. Alexandre da Conceição, o vigoroso polemista e distinctissimo poeta, a quem Ilhavo orgulhosamente conta no numeroso grupo dos seus filhos illustres, no seu livro *Ensaios de Critica e Litteratura*, descreve fielmente um pescador d'Ilhavo, o Thomé Rouca, que como elle diz, «era um robusto pescador ilhavense, alto, musculoso, tranquillo e solidamente construido como um luctador romano... Tinha a força muscular de um athleta e a coragem impassivel de um duellista.»

Tambem aos *ilhavos* se refere Almeida Garrett nas suas *Viagens na minha terra*, descrevendo alegremente uma questão por elle presenciada entre uns campinos e um grupo de homens «que vestiam o amplo saiote grego dos varinos e o tabardo arrequifado siciliano de panno de varas, que diz serem de familia pelagica: feições regulares e moveis, a forma agil.»

O que é em geral o povo d'Ilhavo disse-o bem e resumidamente o grande tribuno José Estevão — «A povoação d'Ilhavo é intelligente, livre e apaixonada.»

Das elegantes e formosas mulheres d'esta terra tão falladas pela sua peregrina belleza, que mais dizer do que se tem escripto?

Tem lhe sido rendidas finezas e tecido tantos elogios!... A ellas se refere Pinho Leal,



PROCISSÃO DO SENHOR JESUS

da seguinte maneira — «As mulheres d'Ilhavo sobre tudo conservam com pouca corrupção as formas elegantes e esbeltas, e o rosto regular e bello das encantadoras georgianas do Caucaso tão celebres pela sua inimitavel belleza e elegancia.»

Tambem a ellas se refere Alexandre da Conceição n'estas palavras — «...uma d'aquellas mulheres d'Ilhavo levemente morena, de cabellos pretos, olhos escuros e doces, dengosa e meiga, tendo na voz avelludada e clara, aquellas entonações rythmicas, peculiares a quasi todas as bellas populações da nossa costa maritima.

Passemos agora a descrever o que Ilhavo possui de mais importante começando pelos seus edificios. Em primeiro logar fallemos da igreja de S. Salvador, bello templo de tres naves, separadas por duas ordens de 5 grandes arcos, vasto e elegante.

Foi principiado em 3 d'outubro de 1774, e acabado exposto ao culto em 1785. A 7 de Julho de 1773, o rei D. Jose concedeu para a sua edificação o rendimento do real da carne e vinho, e o acrescimo do cabeção das sizas. Com a edificação d'esta igreja deram-se factos curiosissimos minuciosamente relatados n'uma sentença do provedor sr. Francisco Machado de Fontes contra o capitão Gabriel Nunes Pinguelho.

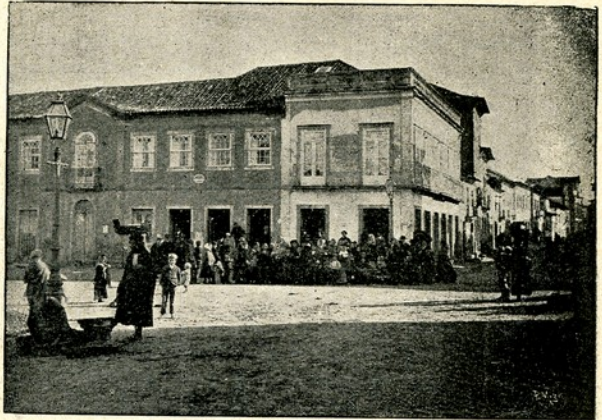
Segundo aquella resolução a capella-múr deveria ser construida á custa do parochio, que disfructava os dizimos cujo rendimento subia então a dez mil cruzados. Apesar d'esta bonita somma o parochio não se alargou muito na construcção da capella, razão porque esta ficou pequena em relação ao corpo da igreja.

Vem a proposito dizer que o logar de parochio d'esta villa foi sempre occupado, em attenção ao seu grande rendimento, por grandes senhores, sendo um d'elles D. Pedro de Castilho, que foi regente do reino no tempo dos Filippes.

Ha n'este templo algumas imagens d'uma esculptura admiravel e d'um alto merecimento artistico. O Christo na cruz e a Senhora do Rozario, são duas valiosas obras d'arte.

Esta igreja era muito rica em alfaias preciosas, mas a primeira invasão franceza tudo arrebatou, escapando apenas uma admiravel custodia de prata dourada de optimo lavrado que ainda ha pouco figurou na exposição sacra feita em Lisboa pelo centenario Antonino e cuja discripção é assim feita no catalogo da exposição districtal d'Aveiro de 1882:

«Custodia de prata dourada o^m, 8o. O relicario cercado de raios está no meio d'um grande resplendor de estrellas, rematado pela imagem do Salvador. O relicario assenta sobre uma especie d'urna de que pendem pingentes de crystal. Sobre a urna estão quatro anjos em adoração. O nó hexagonal é formado por pequenos paineis com seis nichos em que se veem cabeças de serafins, separados uns dos outros por columnelos cuja base as-



Praça Mousinho d'Albuquerque e entrada da Rua Direita



A COSTA NOVA DO PRADO

sentam sobre a cabeça de satyros. A superficie é ornada de ramagens e cabeças de cherubins e tem gravado um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas dos Castros, no segundo a dos Costas, no terceiro a dos Peixotos, e na quarta a dos Camaras. Timbre: um chapéu abacial.»

Possue ainda esta igreja modernos e ricos paramentos de lhama de prata bordados a ouro em relevo, um magnifico frontal, um pallio, e um custoso padrão.

Temos depois a capella da Senhora do Pranto, em que ha a notar a magnifica talha dourada do altar-mór, e a imagem da Senhora do Pranto que não está ainda averiguado quando e por quem foi feita. A seu respeito lê-se no *Santuário Mariano*, que «inquirindo se a origem e principio d'esta santa imagem, dizem os moradores que viera de França e que era esta santa muito antiga. Eu me persuado que esta santa imagem ou foi fabricada em Coimbra, ou por uns insignes esculptores que pelos annos de 1500 e tantos assistiram n'ella.» Proximo a esta capella ha um recolhimento d'irmãs hospitaleiras que teem a seu cargo a educação e ensino de creanças pobres.

Ha ainda na villa a capella de Santo Antonio que tem a fórma polygonal e mostra ser antiquissima. Nada podemos saber com relação á data da sua fundação. Ha tambem aqui algumas imagens de primorosa esculptura, como as de Santa Isabel e Santo Ibo, tendo sido feitas em Ilhavo por artistas ilhavenses.

(Continúa.)

DINIZ GOMES

285

ARANTES PEDROZO



PEDEM-ME duas linhas para acompanhar um retrato do fallecido professor Arantes Pedrozo, mas se o retrato é parecido, digo que ellas são dispensaveis.

Effectivamente, a sua figura só por si se impunha e dava a vera effigie da sua personalidade moral.

Alto, forte, aprumado ainda aos 75 annos com que morreu, a cabeça firme, a face vultuosa e illuminada, accentuada por feições proeminentes, olhos vivamente penetrantes mas sem dureza, uma bocca fina e espirituosa, o cabelo e a suissa fulvos ainda, rescendia nobreza, distincção e intelligencia. Havia n'elle o que quer que fosse de magestade leonina, não de hirsuto leão das selvas, mas de leão anthropomorphizado, civilisado pela intelligencia e pelo sentimento e educado no culto das boas maneiras.

Arantes era incontestavelmente uma figura que dava honra á especie e que se impunha ao respeito e sympathia, não só d'aquelles que d'elle se aproximavam e entravam no seu tão agradável con-

vívio, mas dos meros transeúntes que com elle se encontravam. Ao vêl-o passar, sentia-se e pensava-se irresistivelmente: *vae ali alguem.*

Era effectivamente *alguem.* A natureza marcou-o já com os attributos e signaes physicos de uma individualidade caracterisada, e que eram apenas o *facies* do seu intimo modo de ser, tão nobremente raro.

Cheio de intelligencia, na sua fórma mais elevada, de coração e de espirito, de graça nas maneiras e de bondade ingenita, reunia por esta forma os mais preciosos dotes da sociabilidade, e assim é, que era estimadissimo por todos, em contradicção com o proprio principio, de que não ha regra sem excepção.

Consagrára-se á medicina, onde logo conquistou um dos primeiros postos scientificos, sendo moço ainda eleito professor da sua Escola, onde durante mais de quarenta annos occupou gloriosamente a sua cadeira, o espirito sempre scintillante e aberto a todos os progressos da sciencia, a palavra sempre luminosa.

Aproveitou, porém, as suas tão grandes facultades e propicias condições para crear uma clinica opulenta?

Não. Tinha qualidades de independencia e de desinteresse, que lh'o não permittiam, e longe de procurar a clientela, d'ella fugia, resumindo-se quasi á sua enfermaria no hospital de S. José.

Era desamôr á sua profissão?

Tambem não. No seu diploma de medico fazia consistir todo o seu orgulho, a sua escola e a sua classe eram a sua familia do coração, e a sua isempção professional, inspirada n'um exagerado criterio de desinteresse, praticou-a sempre, póde dizer-se, em homenagem ao prestigio da propria profissão.

Por isso morreu pobre e resumido aos seus ordenados da Escola e do Hospital. Mas dignamente pobre, res-tringindo austeramente as suas despesas, mas não incommodando ninguem, não se queixando, illudindo mesmo aquellos que pela elegante decencia e apparente facilidade do seu viver, podiam julgal-o mais desafogado.

Morreu pobre, dignamente pobre — accrescentarei mesmo, julgando não errar — contente de morrer pobre...

Mas os que assim em vida elevam a alma na religião do desinteresse, e só pensam affirmal-a pelo seu enobrecimento, teem na justiça dos seus concidadãos a maior e mais grata recompensa, e ao professor Arantes, se lh'a fizeram em vida, consagraram-lh'a depois de morto imponentemente.

Os funeraes de Arantes Pedrozo, realisados no dia 22, com o concurso de todos os seus collegas, discipulos e amigos, e a assistencia de uma consideravel multidão, se honra a sua memoria, e honra a sua classe que lh'os promoveu, affirma ao mesmo tempo cousa ainda superior, como estimulo de progresso moral, e é que ainda vale a pena ser bom e desinteressado.

Não rende riqueza, mas funda o respeito e consagra a saudade, essa mystica e doce resurreição dos mortos no coração dos sobreviventes!

EDUARDO BURNAY.



Mulheres Bonitas



HILDA SPONG, nova actriz australiana

CANTARES

Fiz d'uma estrella radiosa
O lindo anel singular
Para o seu dedo de esposa...
E atirei o anel ao mar!

O' poeta altivo e forte,
Que altivez é a tua agora,
Que andas a rondar a Morte
Com uma guitarra que chora?!

A sua boca de santa,
Quando nos fallam, parece
Uma rosa que nascesse
No jardim da *Bella Infanta*...

O' tranças longas, sagradas,
Sois serpentes e grillhões,
Onde morrem enforcadas
As minhas recordações.

Hei-de pôr n'um copo d'oiro
Este amor desfeito em pranto.
Quem beber do copo d'oiro
Decerto que fica santo.

Ao nascer da lua-nova,
(É quando irei a enterrar)
Oh! vem-me pisar a cova...
— Para eu resuscitar!

JULIO BRANDÃO.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O TIO BARREIROS

O tio Barreiros : — Ora os meninos vão imaginar, talvez, que eu tenho para lhes contar a historia d'algum tio muito digno, muito respeitavel na sua dignidade de conselheiro... Ou ainda d'algum general com o peito cheio de condecorações, fartos bigodes brancos, respirando nobreza e altivez... — Nada d'isso ! Era um simples e humilde creado de lavroira, de cara rapada e olhos d'um azul luminoso, o *tio Antonio Barreiros*.

Encantador o costume patriarcal de viverem as creanças com antigos creados, quasi da familia, que ellas se acostumam a amar sem o respeito que enfastia ; mas tambem sem desagradavel auctoridade sobre essas velhas cabeças embranquecidas, sempre inclinadas para os mais pequeninos, os últimos...

Por isso, o tio Barreiros é uma das figuras mais sympathicas que na minha memoria sorri. Para creado de lavroira entrou elle em casa, já velho : pouco podia, o pobresito ! Muito corcovado, o fato de saragoça grosseira, o chapéu na mão — quasi nos parecia um mendigo.

Mas não ; tinha seus brios o tio Antonio. Trabalhava como um rapaz, rejuvenescia, coitado !

Um risonho ar philosophal dava-lhe á face uma finura toda aristocratica. E contava-nos : — Que eu, meninos, dizem que sou filho do *Deão Decermillo*. Mas que monta ?... Fui pastor em rapazelho, depois entrei para criado dos fidalgos de São Thiago e por lá estive até que me casei. Bons tempos, bons tempos !... — «E depois, tio Barreiros ?» — Uma lagrima diluía-se no azul dos seus olhos finos. — «Depois, depois... A mulher morreu para alli, negrinha das bexigas que foi mesmo uma dôr d'alma ! A rapariga, essa... já depois de grande, um dia morreu tambem, que nem eu sei de quê !... Agora, a minha familia são os meninos, cá esta casa. Isto é como se fosse meu, pela amizade que lhe criei...»

A nota melancolica da conversa desaparecia por completo do nosso espirito para só avultar aquella estranha palavra : — *Deão* — que seria aquillo ?... Talvez uma coisa escarlate franjada d'oiro, como os *guiões* que levavam uns pobres homens derreados, na procissão do *Corpo de Deus* !...

E o velho Barreiros, com tal probabilidade de paes, avultada aos nossos olhos prodigiosamente, quasi divino n'um hieratico esplendor de festa religiosa...

Por fim, o pobre velho já não se atrevia a sahir ás propriedades de fóra ; honestamente pediu que lhe baixassem a soldada, que elle ficava só para tratar da horta. E ás tardes, n'aquelles poentes tristissimos dos paizes montanhosos, nós passeavamos sob a parreira da horta ; elle de sacho na mão, parando de quando em quando a apanhar uma folha velha das enormes couves, que só elle fazia crescer espantosamente. Nunca mais vi couves assim ! Talvez por ser eu muito pequena tudo me parecesse grande ; talvez porque o tio Barreiros tivesse receita especial para as fazer crescer !... — «Que isto, meninos, as criadas não devem pôr mão na horta. Uma desgraça, decepam tudo, uma estragação !» — Claro ; nós eramos sempre pelo velho e contra ellas. — «Lá em casa dos fidalgos havia couves ainda mais altas que estas !...» — Mais altas, tio Barreiros ? !...

Que grande coisa ser fidalgo ! — Pensava. — Até a horta se resentia de tamanha altura heraldica !...

Ah, tio Barreiros, tio Barreiros, que loucuras risonhas nos mettia na cabeça a vossa bastardia fidalga ! Que saudades meu amigo !

Uma vez — ora ! Ha quanto tempo isso vae ! — mal começava a aprender a ler, por premio assignaram-me um jornal, que devia vir directamente para mim. Esperava n'uma febre a chegada do carteiro ; e nada do jornal apparecer para o meu nome, como eu sonhava noite e dia ! desabafava com o tio Antonio, aquillo parecia-nos historia... — «Mas o papá pagou isso, menina ?» — «Pagou, tio Antonio, para vir para o meu nome.» — «Pois olhe que foi no que elle andou mal. Nunca fiar !

E lá esperavamos consternados, mais vinte e quatro horas. Mas um dia soube se : o jornal tinha vindo logo, mas, como eu tivesse n'uma terra proxima uma tia com o mesmo nome, os empregados do correio — vá de lh'o remetterem !

Eu, muito queixosa, fui ter com o Barreiros ao quintal. Elle indignou-se : — «Vou já lá de caminho. Não que uma coisa assim !... nem que a minha ama nova não soubesse já lêr, não fosse capaz de ter um jornal !... Era uma injuria para nós ambos. E eu ficava consolada vendo-o atravessar o pateo seguido das gallinhas, gallos, perús, marrecos, com o ganso pae á frente — o Caetano — como lhe chamavamos. E elle lá ia com toda a pressa que as suas velhas pernas permittiam, um casaco que lhe tinham dado, arrastando na frente e muito curto atrás, tão dobrado andava elle, o pobresito, a pender para a terra !...»

E o caso é que fez um discurso no correio. Mas por fim discutimos : — Menina, o melhor é mudar de nome. Olhe que ha de haver sempre enganoso !

E esta coisa de haver enganoso, tocou-me. Toda a vida a não receber os meus jornaes...

— Pois está dito, tio Antonio ! E' o melhor...

E assim foi.

Mas o velho começou a enfraquecer. De dia para dia o corpo se lhe dobrava mais para a cova. Já pouco ceia, sustentava-se de vinho e marmelada, nada mais.

E n'um inverno muito rude em que a neve cahia mais a meudo e de manhã a agua dos tanques apparecia gelada — o tio Antonio Barreiros apanhou uma tossita, levantava-se tarde, já não ia com o sachó para a horta.

Sentiamos que o seu espirito risonhamente infantil já andava longe n'um meio sonho, quasi desligado da terra. Falava na mulher, falava na filha com uma grande serenidade e um redobramento d' affecto, como quem pensava em as encontrar breve. Olhava-nos com uma grande saudade.

E n'uma fria manhã d'inverno, voltado para a parede, embrulhado na manta de riscas, elle appareceu serenamente adormecido para sempre! A sua bocca ironica eternamente risonha, fechados os olhos d'uma graça toda aristocratica... O seu perfil acentuado desenhava-se muito nitido na brancura da parede. As glycineas despidas de folhas mettiã os braços hirtos pela abertura da janella n'uma ultima despedida ao velho amigo que as tinha plantado... E elle dormindo na manhã brumosa sem responder ao nosso chamamento!...

E que falta elle fazia á noite na ceia dos criados, contando historias, oh! lindas historias de feiticeiras e lobis-homens — de que o velho se ria um poucachinho sceptico, vamos lá!... — Guerras que elle vira, dramas de familia a que tinha assistido, trovoadas no meio da serra a quando pastor.

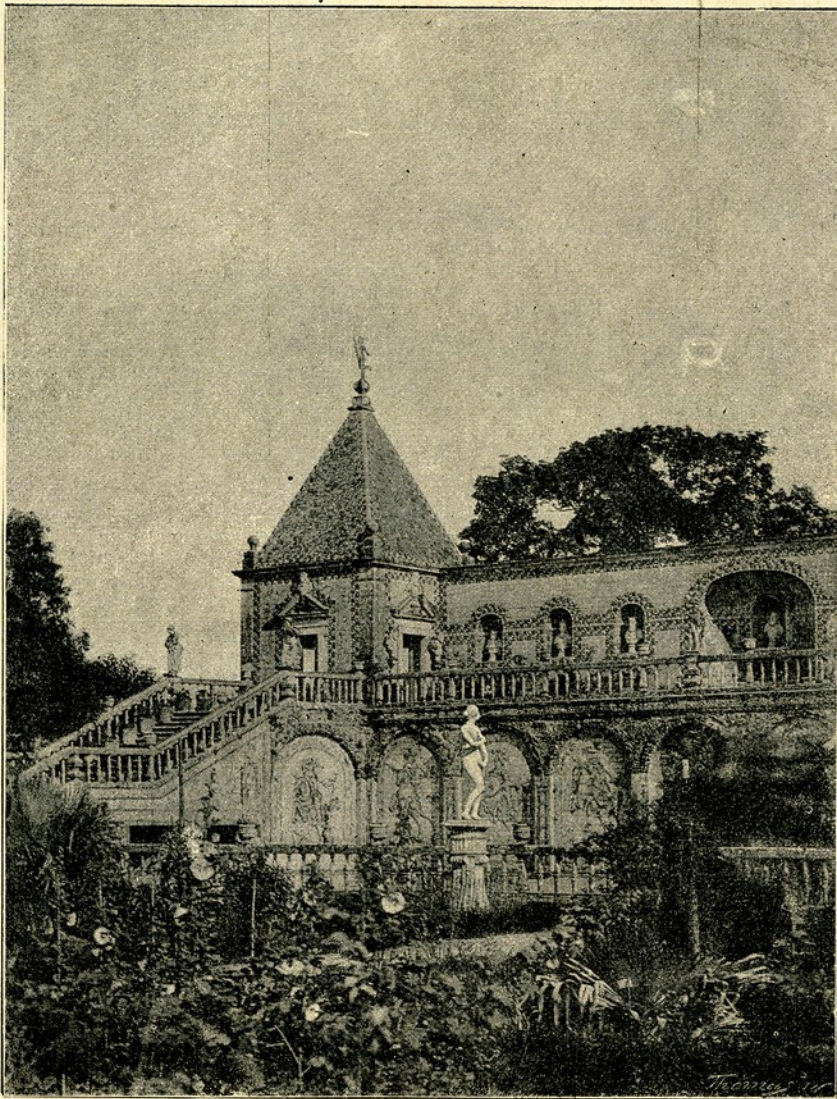
Oh! Tudo isso nos fazia muita falta, muita falta!...

E nunca mais nós esqueceremos o tio Barreiros dormindo socegradamente junto dos patrões que primeiro nos tinham deixado.

Set. bal, junho de 96.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

Arredores de Lisboa



S. DOMINGOS DE BEMFICA — Jardins dos Marquezes de Fronteira

ULTIMAS CARTAS

FALAS-ME da morte como um facto tão certo que quasi me mettes medo. E's tu a primeira a lembrar-me esse terrível minuto mysterioso em que nunca pensei. Esta noite, pelo quarto cheio de sombra, eu vi dançar a farandola dos mortos e espectros brancos sentados a cada canto. Que disposição d'espírito te levou a escrever-me aquillo? Em que trevas horribes mergulhaste a esmeralda dos teus olhos? Em que tenebroso abysmo buscaste as negras tintas com que pintas o quadro? Pois é assim que se morre? Não creio. P'ra mim, a morte unica, a morte certa, é a morte em que estou a sonhar a cada passo que te vejo; é a morte lenta e deliciosa e perturbante de mergulhar no teu sorriso claro e ahi acabar e ahi beber a grande vida, a vida que me falta, a vida que tu lá tens. Oh! assim comprehendo a, a morte. Não a que tu me descreves, n'um grande e incomprehensivel desalento, n'um desprendimento que ficaria bem a heroes, se ainda os houvesse. Depois da mystica Santa Thereza de Jesus, ciliciada e romantica, és tu a unica talvez, n'esta grande feira d'alegria, que vens perturbar meus esquecidos soffrimentos, e dar-lhes outra vez vida e vestil os da violeta da agonia. Torturas-te e torturas-me. Porque? P'ra que? Como um grande ignorante que não vê na vida mais que os horisontes da sua terra, eu vou andando na existencia, por ti illuminado, por ti dirigido, por ti dobrado ao caminho interminavel d'uma esperanza. E ando, e ando e ando, sempre contente, colhendo as rosas dos caminhos sem me ferir nos espinhos, bebendo o grande ar, aquecendo-me ao grande sol, dormindo socegado aos luars. Não ha ventanias que me açoitem, rijos temporaes que me quebrantem, chuvas que me fustiguem.

Tudo em volta de mim é riso. Tenho visto desfilar muito rosario de lagrimas e fico-me pasmado de que outros soffram, de que outros chorem. Por estradas solitarias, quando fito risonho o luminoso céu, vejo angustias mudas em que nunca pensei; e passo adiante n'um grande egoismo barbaro, e não dou uma palavra de carinho áquelles que nem me olham porque não me vêem. A alegria nunca foi bom balsamo para dôres. Hontem, indo de braço dado com as minhas chymeras que me levaram para o campo, topei, á porta de uma herdade, n'um canto silencioso onde um carvalho enorme faz um bosque de sombra, com uma rapariguinha sentada n'uma pedra. Não chorava. As minhas chymeras sacudiram-me o braço e obrigaram-me a dar-lhe um bom dia onde havia tanto sol e tanto riso, que a rapariga ergueu os olhos espantados e cravou-os em mim. Immoveis, pregados, agudos, aquelles olhos diziam-me fundas agonias escondidas, fechadas no coração pela chave feroz de uma vontade. As minhas chymeras ergueram aos ares uma gargalhada tilintante e levaram-me por caminhos tortuosos entre trigos maduros, onde tecí em tua honra, com todo aquelle ouro, o mais rutilo sonho que olhos acordados possam ter devaneado.

E falas-me de morte!

Como um cego sem guia que é surpreendido alta noite por uma tempestade e que, aos rebolões, sem ter onde se acolha, increpa os poderes mysteriosos pela sua inclemencia, eu destruí, n'um momento, toda a luminosa existencia traçada á custa de tanta esperanza. Pareceu-me ser eu que estava sentado n'aquella pedra, á sombra do castanheiro, e que as minhas chymeras, vestidas de negro, dançavam deante de mim a ronda dos desesperos. Porque me lanças no abysmo da Duvida? Pois a razão que allegas será plausivel aos olhos do raciocinio? Morrer para não ter monstros! Desceste acaso dos modernos tempos á escura noite de Sparta? E vê lá! eu penso absolutamente em contrario. Viver cheio de filhos! quando a vida vae já no declinar ouvir risadas e vêr cabelos loiros, quentes esperanças, sorrisos que parecem despegar do proprio Deus! Tu não estás dentro da doutrina da Biblia e menos ainda das leis da Natureza. E's mulher e não queres cumprir o teu papel! E eu, homem, aventureiro e independente, raciocinado e frio, torço o meu temperamento ao meu amor, encaro a vida pelo lado mais luminoso e vejo de repente desabar do mais alto o meu sonho que revesti da purpura de todos os prazeres só a essa palavra glacial que não hesitaste em arrancar do tinteiro e que me atiraste como se atira uma bofetada brutal á face de um crente mergulhado nas suas orações.

Escuta: n'este momento em que se decidem nossas vidas, ha alguma coisa que me faz vibrar ainda todo e que me póde fazer esquecer a magua que a tua carta veio entornar no meu espirito: — é a recordação abençoada dos nossos castos idyllios, a sombra ainda tão fresca da tua afeição que eu venerarei como uma santa que estivesse n'um altar. Volta para traz, torna ao antigo tempo delicioso, e eu te bendirei do fundo d'alma e esquecerei toda a negra noite em que os pesadellos me apertaram as guellas.

Beijo-te as mãos »

« Já sei. A vida que vaes morrendo a cada passo é esse tortuoso caminho tão escuro, feito do mar de gelo da obra do allemão. Não sei que estranho encanto achas em andar na vida sob a tempestade da Desgraça; não comprehendo essa singularidade morbida que te arrasta para as sombras e que te faz a alma tenebrosa como a noite do peccado. Por isso tua voz tem rythmos de sol e as tuas palavras saltos bruscos de Desespero. Lembro-me bem da hora em que me mostraste, com um grande brilho no olhar, a obra do poeta russo do *Desencanto*. Lias-me essas encantadoras estrophes feitas de todas as miserias siberianas, sem um timbre de felicidade, cantando o amor sem esperanza, o Desalento, todas as vias escuras da Loucura. Vibravas como se fosses tu mesma que a tivesses feito. E eu sorria, julgando-te n'um momento de crise nervosa, de excessiva vibratidade, porque te julgava mulher para quem a vida era uma continua alleluia de risos. Vejo — ai de mim! — que me enganava.

Já sei agora. O teu temperamento fundido na leitura maldita de Schopenhauer em vão lucha contra a caricia da existencia estrellada que o teu destino de mulher te aponta n'este mundo. Amoroso no fundo, subtilizou-se pela educação e por um modo de vêr especial e singular; e agora queres voltar para traz e não pódes. Vês sempre ao cabo de todos os pensamentos o Terrível Fim, a redempção suprema no aniquilamento. E's um violino de nervos que só vibra a melodia vaga dos Nocturnos; não crês que haja as symphonias aladas, as volatas cariciosas que escorrem o oiro dos momentos felizes.

A tua Biblia é a *Sonata* de *Kreutzer* de Tolstoï, o christão illuminado. A outra, a que canta o grande amor nos psalms cõr de leite é para ti uma poeira doirada que a ventania dos tempos levou para muito longe e que as orações ciciadas nas trevas das egrejas apagou com uma esponja de lagrimas. N'essa theoria nevrosada de um espirito doente tu foste beber toda a sciencia da vida e modo de a cumprir. Como um riso que um choro vem estancar nos labios cõr de lacre, cortaste os vôos á tua mocidade e deixaste ir a tua imaginação traz das revol-

tas do pessimismo contra a mansa e clara e amorosa musica da felicidade. Fizeste mal e fizeste-me mal. Vejo-me impotente para destruir toda essa legião de sophistas da Desgraça que te vestiram a alma com a couraça dos Desenganos; e no entanto — vê lá quanto o amor lucha! — eu tinha um plano modesto de ventura que terei de calar e sepultar no fundo de mim mesmo e que me estrangula agora e me sobe aos labios como uma triste confissão perdida n'uma atmospherã de alegria. Mas não posso, sinto que não posso prender a imaginação que corre á redea solta como uma creança livre do olhar sinistro do mestre.

Perdoa que te diga, que teime, que volte com as minhas chymeras aos caminhos azues onde andam as borboletas. Sinto um doce prazer em me julgar feliz, em pensar que sou outro, em pensar que és outra. D'onde te escrevo, sóbem-me aos ouvidos, trepando pelas arvores em flôr, n'esta primavera precoce que tudo encanta, os pregões cantados dos vendedores.

N'essa musica do povo, assobiada por todos os garotos e por todos os papagaios dos arredores, ha uma largueza de vida, uma alacridade de luz, uma seiva inextinguivel de felicidade; é a epopeia guerreira da lucha pela vida com desprendimento, com philosophia, com sorrisos; n'esses pequenos parasitas da miseria ha almas generosas, capazes de todos os sacrificios, de todas as abnegações; desinteresses heroicos, heroicas satisfações de um dever mysteriosamente cumprido, sem alardes. E nós, almas mais abertas e rasgadas, somos tão pouco ao lado d'esses párias, que nos vestimos de todos os preconceitos, e arrastados por elles vamos trilhando caminhos asperos de Desillusão!

Porque não havemos de voltar á simplicidade, tornarmo-nos ingenuos e creanças, sermos irmãos ao lado uns dos outros, ajudarmo-nos a enxugar as lagrimas e a alargar os nossos minutos de alegria?... Rirás talvez de um coração tão simples; dir me-has que não conto com os frios egoismos, com as paixões que tudo matam, ardentes sarças que illuminaam com o clarão vermelho da cubiça as brancas ingenuidades das esperanças. Não; e para que? Eu falo unicamente dos que teem uma alma; porque ella resgata todas as tibiezas da razão e ensina-nos a caminhos da ventura satisfeita.

Na noite em que ao teu lado ouvia as funebres melodias de Weber no *Freischutz* e tu te absorvias n'aquelle tortuoso labyrintho de vagos estremecimentos de terror, eu seguia a calma divagação de duas almas pelo ether dos senhos, longe, muito longe dos rumores absorventes, tão longe que os meus olhos fitavam os olhos da felicidade vindos do Oriente com o sol de todos os dias para illuminar o mundo. Entrelaçadas, quasi fundidas, ellas iam espaço fóra, aguias reaes da bema venturança na terra, vendo os outros do alto e seguindo sempre o mesmo rumo para uma aurora boreal de risos de alegria. E comparando aquella tranquillidade que desdobrava as azas sem u'n ancio de porto desconhecido, eu pensava na incerteza do meu fim, nos incertos passos da minha existencia cambaleante, que nem o amparo tinha do teu braço. E porque, tendo-te ao meu lado, eu me sentia tão só no meio dos outros, tão sem ninho, tão sem caricias? Tu mesma o acabas de dizer, tu mesma o acabas de definir, porque havia entre nós o pólo mais gelado da desgraça: a Morte!

Oh! como eu a maldigo e como a desafio! Porque não ha de ella lutar commigo que sou forte?

Adeus.»

PARA ALEM-TUMULO.

«N'este poente de saudades que me envolve a alma n'um nevoeiro de Desgraça, ando á toa como um naufrago que não tem esperanza de encontrar uma véla n'um grande mar desconhecido. Dizes bem: cumpreste o teu destino. Mas o meu quem o cumpre por mim? Eu já não posso, sinto que estou perdido n'esta onda humana de gente que não conheço, que ri em volta de mim, que me olha atirando-me á cara a gargalhada da indiferença. Desconfio de tudo e desconfio de todos. Porque hão de os outros ser felizes quando eu choro, porque hão de correr para o prazer quando eu ando fechado no meu lucto, vendo a minha sombra derreída como um mendigo que tem fome? Ha talvez n'isto um egoismo fundo, uma raiva de morte a todo o estabelecido, uma loucura de epileptico que se extorce contra uma dor que não póde dominar. Mas a vida tem recantos insondaveis e insondaveis abysmos. Deus creou-a assim para os Tormentos.

Deus! invoquei-o por um velho preconceito que muitas gerações me infiltraram no sangue. Eu não acreditava na existencia d'elle, mas uma feroz superstição me asphyxia, me faz encarar o céu n'um desespero de afogado. E vejo-o, sinistro, de foíce em punho e manga arregaçada, com os braços musculosos tintos no sangue de todas as creanças, de todas as martyres, de todos os infelizes. Parece que acabou agora uma farta colheita de vidas. E ri-sonho, hediondamente alegre, poisa a vermelha foíce sobre um cepo e bebe por um cráneo de mulher bonita o sangue d'uma virgem. A' sua roda linguas de fogo abraçam-lhe as sandalias pintalgadas; e, saciado, lambendo os beiços n'uma delicia, deixa-se cahir em cima de todas as felicidades, esmaga-as com o seu pezo. E enquanto a orchestra dos choros, dos gritos, das imprecações entõa a grande symphonia do Desalento, elle recosta-se n'uma nuvem, e, embriagado de tanto sangue, adormece, estrangulando ainda nos dedos uma alegria que nascia.

Quando me lembro que chamei tantas vezes esse Deus nos momentos felizes para lhe agradecer um teu sorriso, ou para lhe pedir uma caricia velludosa dos teus olhos, penso, agora que o conheço, que talvez a essa hora, longe das minhas palavras, longe dos meus votos ingenuos, elle estivesse a sacrificar no altar da sua gula um beijo de mulher amada. Oh! maldito seja elle que se entreteve com a minha felicidade para depois a saborear melhor! Porque eu bem sei que o teu amor era grande e que só a sua grande força o poderia desviar para outro rumo. E o que me tortura agora, o que me enche de odio o coração, o que me enlouquece e me faz andar cambaleante é o saber-te juncto d'elle, juncto do seu olhar sinistro e mau...

Em vão estendo os braços para a sombra, em vão te chamo e em vão te imploro. Passa com o vento o grito das minhas agonias e não ha um echo que me traga a tua voz. Por caminhos alagados de chuva, n'este outomno cinzento, andam as minhas chymeras affogada nos charcos, esfarrapadas e famintas de um sorriso azul que as reconforte. E — ai de mim! — eu não as posso já salvar, porque não tenho alma onde as abrigue e coração onde as aqueça.

Passo, derrancado e com os olhos no vago para as não ver nas contorsões; e corro e fujo, como um criminoso que não quer ouvir os ralos das suas victimas.

E enquanto espero a hora de me afundar para sempre no caricioso sonho dos esponsaes para alem da morte, tem piedade do que, por te amar tanto, te perdeu.»

DELPHIM GOMES

HA mortos que deixam em volta de si um vasio desolador : a d'este pobre rapaz, tão cedo roubado á vida, por inesperada e repentina, foi uma d'essas.

Em Coimbra, d'onde era natural, estabeleceu os seus arraiaes de honesto trabalhador e ali conquistou as sympathias de toda a gente pelo seu trato lhano e character immaculado. Foi um rude operario n'esta labuta das lettas, trabalhando sempre para se aperfeiçoar e sempre em prol do seu ideal avançado.

A sua biographia é curta, porque morreu com 37 annos, mas honrosissima.

Nasceu em Coimbra, em dezembro de 1860 e era filho de José Gomes Ferreira, marceneiro. O pae deu-lhe um exame de instrucção primaria, dedicando-o depois tambem a marceneiro. Revelando logo aos 12 annos notavel intelligencia e antes inclinação para as lettras do que para a marcenaria, pouco depois entrou para a typographia da Universidade, onde se conservou até agora. Estudava constantemente, possuindo uma bella livraria.

Fundou os jornaes intitulos *Cartão de Visita*, *Messe e Operario*, estes dois ultimos na Figueira da Foz, onde esteve algum tempo como typographo.

Publicou com o titulo *Bibliotheca Social* varios pamphletos de propaganda democratica, varios folhetos em prol dos typographos da Universidade e diversas polemicas, avulsas, e ultimamente dois pequenos volumes de critica bibliographica, intitulados *Bibliographia Antheriana*. Collaborou na *Officina Graphica*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta da Figueira*, *Tribuna Popular*, *Districto de Coimbra*, *Branco e Negro*, *Mala da Europa*, etc., mas, mais assiduamente no *Seculo* e *Primeiro de Janeiro*, durante os ultimos cinco annos, onde com amor empregava a maior parte da sua actividade. As suas correspondencias eram sempre lidas com interesse.

O nosso jornal deve-lhe algumas paginas de prosa que a sua amisade nos proporcionava quando a quando. Acompanhamos a desolada viuva e os filhinhos do nosso desditoso amigo na dôr em que este lucto o mergulhou.



BELLAS-ARTE'S



EM BROLLES, quadro de Arthur Loureiro

J A E S T A A V E N D A

O ALMANACH

ENCYCLOPEDICO

PARA 1897

(2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO)

DIRIGIDO E PREFACIADO POR

EÇA DE QUEIROZ

Este volume, consideravelmente melhor que o do 1.º anno, rivalisa, na abundancia de materias, na sua intelligente disposição, na concisão e clareza com que os assumptos são expostos, no resumo dos principaes successos e descobrimentos scientificos do anno de 1896, na grande somma de conhecimentos e de noções práticas que nos ensina, e finalmente na disposição typographica e nas illustrações, — com os melhores Almanachs que se publicam no estrangeiro: tendo sobre elles a grande superioridade do prologo, do delicioso prologo que EÇA DE QUEIROZ expressamente escreveu e que é uma encantadora obra prima, uma verdadeira maravilha litteraria como só o glorioso auctor do *Crime do Padre Amaro* poderia escrever.

Um volume de 400 paginas,
com muitas gravuras, broch., 500 rs., cart., 600 rs.
Pelo correio mais 50 rs.

Pedidos á Livraria PEREIRA, Rua Augusta, 50 a 54, Lisboa

MADAME

RENAN

NOVO ROMANCE DE

CAIEL

Acaba de apparecer á venda em todas as livrarias. Um bello volume com 900 paginas, brochado, 1\$000 réis. Pelo correio, 1\$100 réis.

A' VENDA NA LIVRARIA DO EDITOR

ANTONIO MARIA PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portugueza.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA